

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Escola Superior de Educação Física
Programa de Pós-Graduação em Educação Física



Tese

**Narrativas de surfistas brasileiros: notas sobre a emergência do surfe
profissional**

Thiago Silva de Souza

Pelotas, 2019

Thiago Silva de Souza

Narrativas de surfistas brasileiros: notas sobre a emergência do surfe profissional

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Escola Superior em Educação Física da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial para o título de Doutor em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Rigo

Pelotas, 2019

S729n Souza, Thiago Silva de

Narrativas de surfistas brasileiros: notas sobre a emergência do surfe profissional / Thiago Silva de Souza. – 2019.

175 f. il. color.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Rigo

Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pelotas, Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Escola Superior em Educação Física, 2019.

1. Surfistas profissionais. 2. Heterotopias. 3. Narrativas. 4. manobras de surfe. 5. técnicas corporais. I. Rigo, Luiz Carlos, oriente. II. Título.

Thiago Silva de Souza

Narrativas de surfistas brasileiros: notas sobre a emergência do surfe profissional

Tese apresentada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Doutor em Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa: 17 de outubro de 2019.

Banca examinadora:

.....
Prof. Dr. Luiz Carlos Rigo (Orientador)
Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas.

.....
Prof^a. Dr^a. Andrize Ramires Costa
Doutora em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina.

.....
Prof^a. Dr^a. Viviane Teixeira Silveira
Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina.

.....
Prof. Dr. Luiz Felipe Alcantara Hecktheuer
Doutor em Educação em Ciências pela Universidade Federal do Rio Grande.

.....
Prof. Dr. Arisson Vinícius Landgraf Gonçalves (Suplente)
Doutor em Educação em Ciências pela Universidade Federal do Rio Grande.

Agradecimentos

Ao Rigo, por toda a logística relativa aos encontros para as orientações; as ofertas de horários das disciplinas no PPGEF; as gestões de apoios para apresentação de trabalhos nos eventos e outros temas que atravessaram esse período de doutoramento;

Aos/as “compás” de ISEF pelo apoio nas minhas saídas de Rivera demandadas pelo doutorado;

Aos professores e professoras da banca: Andrize Ramires Costa; Viviane Teixeira Silveira; Luiz Felipe Alcantara Hecktheuer; Arisson Vinícius Landgraf Gonçalves;

Ao Carão e Meduza, pelo contato dos surfistas interlocutores da pesquisa;

Aos surfistas interlocutores dessa pesquisa, Ricardo dos Santos (*In memoriam*); Flávio “Teco” Padaratz; Cristiano “Guima” Guimarães; Rodrigo “Pedra” Dornelles e Jacqueline “Jacque” Silva, inclusive, pela confiança em me receber em suas casas;

Ao Buza, pelas hospedagens e translados durante a realização dos trabalhos de campo da pesquisa em Floripa;

A minha família, pelo apoio e acolhimento nesse período de vaivém entre Rivera – Pelotas – Rio Grande. Em especial, a minha mãe Eliana (*In memoriam*) pelos votos de êxito no doutorado mesmo se encontrando numa situação tão adversa;

Muito Obrigado!

“[...] acredito que entre as utopias e estes posicionamentos outros, as heterotopias, haveria, sem dúvida, uma espécie de experiência mista, mediana, que seria o espelho. O espelho, afinal, é uma utopia, pois é um lugar sem lugar. No espelho, eu me vejo lá onde não estou, em um espaço irreal que se abre virtualmente atrás da superfície, eu estou lá longe, lá onde não estou, uma espécie de sombra que me dá a mim mesmo minha própria visibilidade, que me permite me olhar lá onde estou ausente: utopia do espelho. Mas é igualmente uma heterotopia, na medida em que o espelho existe realmente, e que tem, no lugar que ocupo, uma espécie de efeito retroativo; é a partir do espelho que me descubro ausente no lugar em que estou porque eu me vejo lá longe. A partir desse olhar que de qualquer forma se dirige para mim, do fundo desse espaço virtual que esta do outro lado do espelho, eu retorno a mim mesmo e a me constituir ali onde estou; o espelho funciona como uma heterotopia no sentido que ele torna esse lugar que ocupo, no momento em que me olho no espelho, ao mesmo tempo absolutamente real, em relação com todo o espaço que o envolve, e absolutamente irreal, já que ela é obrigada, para ser percebida, a passar por aquele ponto virtual que esta lá longe

(FOUCAULT, 2009, p. 415).

Resumo

Esta tese foi elaborada no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Pelotas, na linha de pesquisa Estudos Socioculturais do Esporte e da Saúde. Os produtos finais dessa tese são dois artigos que dialogam no processo de composição do objeto da pesquisa: o surfe praticado por surfistas brasileiros. Assim a questão norteadora dessa tese foi como os surfistas brasileiros situaram-se no processo de profissionalização e de transformação do surfe em um esporte moderno. O primeiro artigo “Possibilidades heterotópicas do surfe: uma análise do discurso de Ricardo dos Santos” teve como objetivo principal analisar o discurso do surfista assassinado na Guarda do Embaú em 20 de janeiro de 2015, a partir de alguns conceitos foucaultianos como: discurso; acontecimento e heterotopias. Os resultados dessa investigação demonstram que apesar de Ricardinho pertencer à geração de surfistas brasileiros que aderiram ao surfe competitivo, seu discurso engajado ressaltava o cuidado com o meio ambiente e uma valorização da dimensão lúdico-brincante do surfe, instituindo assim a possibilidade dessa prática constituir-se em uma heterotopia. O segundo artigo “Técnicas corporais de surfistas brasileiros: notas sobre a performance das manobras”, teve por objetivo produzir uma narrativa sobre o processo de construção, a gênese, das manobras do surfe e as técnicas corporais de surfistas brasileiros. As narrativas, dos quatro surfistas (três homens e uma mulher), que se profissionalizaram a partir da década de 1990, mostram um conjunto de investimentos ligados à modelagem de seus corpos a um estilo agressivo de surfar, nos moldes valorizados no circuito mais em voga da época.

Palavras-chave: Surfistas profissionais, heterotopias; narrativas; manobras de surfe; técnicas corporais.

Abstract

The present thesis was elaborated in the Postgraduate Program in Physical Education of the Federal University of Pelotas, in the line of research “Sociocultural Studies of Sport and Health”. The final products of this thesis are two scientific articles, that dialogue in the process of composition of the object of this research, that is the surfing practiced by Brazilian surfers. Thus, the guiding question of this thesis was: how Brazilian surfers were situated in the process of professionalization and transformation of surfing into a modern sport. The first article, called Heterotopic possibilities of surfing: an analysis of Ricardo dos Santos' speech, had as its main objective the analysis of the speech of the surfer who was murdered in Guarda do Embaú, on January 20th of 2015, based on some Foucaultian concepts, such as speech, event, and heterotopias. The results of this study demonstrated that, even though Ricardinho may belong to a generation of Brazilian surfers who joined the competitive surfing, his engaged discourse emphasized the care with the environment and an appreciation of the playful dimension of surfing, establishing the possibility of this practice constituting itself in a heterotopia. The second article, called Brazilian Surfer Body Techniques: notes on maneuvering performance, had as its main objective to narrate the construction process, genesis, surfing maneuvers, and body techniques of surfers, which helped to sportivize Brazilian surfing, making it more performative. The narratives of four surfers (three men and one woman), who professionalized themselves from the 1990s onwards, show a set of investments linked to the modeling of their bodies to an aggressive style of surfing, along the lines of the most popular circuit of their time.

Keywords: Professional surfers, heterotopias; narratives; surfing maneuvers; body techniques.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	10
 Artigo 1 - POSSIBILIDADES HETEROTÓPICAS DO SURFE: UMA ANÁLISE DO DISCURSO DE RICARDO DOS SANTOS	 13
1 INTRODUÇÃO: CONSIDERAÇÕES SOBRE O SURFE BRASILEIRO	14
2 NOTAS TEÓRICAS: METODOLÓGICAS	15
3 LOGÍSTICA METODOLÓGICA	16
4 GUARDA DO EMBAÚ: USOS E PRÁTICAS HETEROTÓPICAS	18
5 O BLOGUE <i>SALTY WATER CRAZY DREAMS</i> : UMA REDE DE HETEROTOPIAS	22
6 PROPAGAÇÃO EM REDES RELACIONAIS	26
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
8 REFERÊNCIAS	29
 Artigo 2 - TÉCNICAS CORPORAIS DE SURFISTAS BRASILEIROS: NOTAS SOBRE A PERFORMANCE DAS MANOBRAS	 34
1 INTRODUÇÃO	35
1.1 SOBRE A CONSTRUÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA	38
2 CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS	39
3 MUTAÇÕES DAS TÉCNICAS CORPORAIS DO SURFE PROFISSIONAL	41
4 PÓS-IMITAÇÃO: A EMERGENCIA DA ORIENTAÇÃO DAS FORMAS TÉCNICAS	49
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
6 REFERÊNCIAS	53
APÊNDICE	
ENTREVISTA 1	58
ENTREVISTA 2	81
 APÊNDICE 1 - PROJETO DE QUALIFICAÇÃO	 123

APRESENTAÇÃO

A presente tese de doutorado, requisito parcial para obtenção do título de doutor em Educação Física foi estruturada de acordo com o Artigo 56º disposto no Regimento do curso de Pós-graduação em Educação Física da Universidade Federal de Pelotas, quando prevê para a composição do volume final¹:

[...] a comprovação (publicação ou aceite) de pelo menos um artigo científico em periódico do estrato B2 ou superior da área 21 CAPES, oriundo do projeto de tese, como primeiro autor e constando o orientador na estrutura autoral. Deverá apresentar também mais um produto oriundo do projeto de tese, nas normas de um periódico do estrato B2 ou superior da área 21 CAPES, como primeiro autor, constando o orientador na estrutura autoral (REGIMENTO DO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA, 2019, p. 23-24)².

Frente a isso, na primeira seção desse volume apresentamos os desdobramentos do que chamava, no projeto de tese aprovado na qualificação³, de Artigo 1. Aqui, aquele artigo foi intitulado “Possibilidades heterotópicas do surfe: uma análise do discurso de Ricardo dos Santos” foi submetido e aprovado e publicado na revista *Licere*.

No artigo, o discurso de Ricardinho, e algumas contribuições de Michel Foucault tiveram uma importância conceitual e estrutural. Mas não espere ao ler o artigo deparar-se “com páginas e páginas de revisão teórica” (CORAZZA, 2016, p. 98). Com ressalta Corazza, em seu “manual infame” para dissertações/teses (2016)⁴. “Não ‘aplique’ a teoria, seja um ‘usuário’ competente dela” (CORAZZA, 2016, p. 102).

O surfe praticado por surfistas brasileiros produziu um afastamento da ênfase da beira da praia (objeto de pesquisa anterior ao doutorado⁵ que

¹ O projeto dessa tese foi submetido e aprovado pelo Comitê de ética da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pelotas com o parecer número 1.644.063.

² Regimento aprovado pelo colegiado do PPGEF em 13/03/2019 Aprovado pelo COCEPE em 01/08/2019.

³ O arquivo do projeto aprovado será anexado ao final desse volume.

⁴ CORAZZA, Sandra. Manual Infame...mas útil, para escrever uma boa proposta de tese ou dissertação. **Revista Em Tese**: Belo Horizonte, v. 22, n. 1, pp. 95-105, 2016.

⁵ Um produto desses investimentos, anteriores a tese, foi o artigo **O Espaço da Beira da Praia, a Criança e a Produção de uma Ordem**: Implicações para Além da Escola. Disponível em <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/1247>. Acesso em 30/10/2019.

reverberou no projeto apresentado ao PPGEF)⁶. O corpus empírico constituído pelo *Blog Salt Water Crazy Dreems* evidenciava um processo em torno à própria constituição de Ricardinho como surfista profissional⁷. Assim, visibilizava-se com os discursos de Ricardinho uma multiplicidade de sentidos ao surfe.

No Artigo 2, intitulado Técnicas Corporais de surfistas brasileiros: notas sobre a performance das manobras, objetivou-se produzir uma narrativa sobre o processo de construção das manobras do surfe e as técnicas corporais de surfistas brasileiros. O corpus empírico deste artigo constitui-se de quatro narradores (três homens e uma mulher).

O enfoque central desse segundo artigo foi produzir uma narrativa maior, a partir das narrativas dos próprios surfistas profissionais. Assim, o texto trata da iniciação dos surfistas entrevistados; das singularidades de suas manobras; das competições e campeonatos que participaram e das suas possibilidades de profissionalização.

A formação da rede narrativa do Artigo 2 obedeceu às condições de possibilidade emergidas ao longo da pesquisa e não propriamente um interesse *a priori* aos nomes dos surfistas entrevistados⁸. A busca por outros interlocutores surfistas (para além de Ricardinho, interlocutor do artigo 1) também pautou-se por problema levantado por Douglas Booth (2015) importante pesquisador do surfe, quando ele questiona a exclusão da experiência dos surfistas em boa parte das pesquisas que tematizam o surfe.

⁶ Algumas pistas para pensar o surfe praticado por surfistas brasileiros emergiram no trabalho: **Dos corpos-surfistas ao 'corpo-praia'**: visibilidades e deslocamentos as margens sul do Rio Grande do Sul. Año, 2016. Montevideo, MDO. XVI Encuentro Nacional, XI Internacional de Investigadores en Educación Física. II Encuentro Nacional de Extensión. Anual. Universidad de la Republica.

⁷ Outros investimentos que demonstram a gênese desse “Artigo 1” foram apresentados no Simpósio Nacional de Educação Física (2016) e no Encontro de Investigadores do Instituto Superior em Educação Física/Udelar (2018) com os, respectivos, títulos “**Conexões em torno da Ecosurf**: Ricardinho da Guarda entre condutas e contraconduta” e “**Heterotopias do surfar**: problematizando o discurso de Ricardinho”. Dois artigos publicados na Ecosurf foram cruciais para se chegar ao Blog Salt Water Crazy Dreems: ANDRAUS, R. **A magia do Sul – Paradise Lost**. Blogue do Dragão [blogue da Internet]. Fev. 2015. Disponível em: <http://surfdragonblog.blogspot.com.br/2015/02/ricardinho-dos-santos-reflexoes-e.html>. Acesso 13 out. 2018. BRANDÃO, T. **O legado de Ricardo**. Waves [periódico da Internet]. Jan. 2015b. Disponível em: <http://www.waves.com.br/arquivo/o-legado-de-ricardo/>. Acesso 13 out. 2018.

⁸ O corpus empírico do artigo 2 foi composto por 4 entrevistas. Maiores considerações sobre o processo de construção dessa rede de narradores estão explicitadas na metodologia desse artigo. Além disso, optamos por incluir como anexo no final do volume da tese duas dessas entrevistas, como ilustrativas desse trabalho de campo (produtos do trabalho de campo).

Esse artigo 2, teve sua construção pensada nas normas de submissão da Revista Movimento. Destas normas, o tipo e tamanho do caráter tipográfico são exceção nesse volume, tendo em vista o *Parágrafo único* do Artigo 56º do Regimento do PPGEF quando recomenda: “seguir o manual de normas para dissertações, teses e trabalhos acadêmicos da Universidade Federal de Pelotas” (REGIMENTO DO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA, 2019, p. 24).

Por fim, cabe ressaltar que cada artigo, representa um produto da pesquisa com legitimidade própria e serão publicados separados. Entretanto, apesar dessa autonomia, eles se relacionam e às vezes até se entrecruzam. Parte dessa relação se estabelece pela questão principal, que atravessa os dois artigos, e norteou a elaboração dessa Tese, que pode ser assim definida: Como os surfistas brasileiros narram e situam-se no processo de profissionalização do surfe.

Artigo 1

POSSIBILIDADES HETEROTÓPICAS DO SURFE: UMA ANÁLISE DO DISCURSO DE RICARDO DOS SANTOS⁹

RESUMO: Nos últimos anos, na era pós-Medina, o surfe brasileiro alcançou um lugar de maior visibilidade no cenário nacional e internacional. Nesse contexto, este artigo teve como objetivo principal analisar o discurso de Ricardo dos Santos, surfista assassinado na Guarda do Embaú em 20 de janeiro de 2015, a partir de alguns conceitos foucaultianos como: discurso; acontecimento e heterotopias. O corpus empírico da pesquisa constituiu-se do Blogue Salt Water Crazy Dreams, criado e mantido pelo próprio surfista. A pesquisa concluiu que apesar de Ricardinho pertencer à geração de surfistas brasileiros que aderiram ao surfe competitivo, seu discurso engajado ressaltava o cuidado com o meio ambiente e uma valorização da dimensão lúdico-brincante do surfe, instituindo assim a possibilidade do surfe constituir-se em uma heterotopia.

PALAVRAS CHAVES: Atividades de Lazer. Esportes Aquáticos. Discurso.

SURFING HETEROTOPIA POSSIBILITIES: AN ANALYSES OF RICARDO DOS SANTOS SPEECH

ABSTRACT: Over the last few years, in Post-Medina era, Brazilian surfing has reached a place of greater visibility in international and national scene. In this context, this article has the main objective to analyze the speech of Ricardo dos Santos, a surfer who was murdered at Guarda do Embaú on January 20th in 2015, based on Foucauldian concepts such as: speech, events and heterotopia. The empirical corpus of the research consisted of Salt Water Crazy Dreams blog which was created and mainted by the own surfer. The research concluded that despite Ricardinho belong to Brazilian surfers generation who joined competitive surfing, thus his committed speech emphasized the care for the environment and appraisal of the surfing playful dimension establishing thereby the possibility of surfing to become a heterotopia.

KeyWords: Leisure Activities. Water Sport. Speech.

⁹ Este trabalho contou com apoio financeiro do programa "Pasantías en el exterior" (Resolução Nº 35, 21 de julho de 2017) oferecido pelo Instituto Superior de Educación Física (ISEF) de la Universidad de la Republica (Udelar), Uruguai.

1 INTRODUÇÃO: CONSIDERAÇÕES SOBRE O SURFE BRASILEIRO

Na literatura dedicada à historiografia recente do surfe brasileiro, predomina nos anos 60, 70 e 80 temas que o relacionavam a “contracultura”¹⁰, uma herança proveniente do movimento do surfe californiano dos anos de 1960, que procurava através do surfe difundir estilos de vida contraculturais (DIAS; FORTES; MELO, 2012; ALVES; MELO, 2017)¹¹.

Anos depois, na década de 90 e nos anos 2000 a discussão ganha novas ênfases: “Se antes a ideia era cair fora do sistema, a partir de determinado momento passou-se a negociar com o sistema”, (ALVES; MELO, 2017, p. 8), preservando alguns princípios.

Nessa época, também, emergem discursos que denunciam os riscos de transformar o surfe em uma mera mercadoria. Um dos alvos dessas críticas são as emergentes escolinhas de surfe. Essas são acusadas de reduzir o surfe ao exercício “de ficar de pé sobre a prancha”, deixando de lado preocupações referentes “a preservação do meio ambiente” e esquecendo que o surfe é “um estilo de vida” (AMARAL; DIAS, 2008, p. 11).

Mais próximo aos dias atuais, em 2014, Gabriel Medina, primeiro surfista brasileiro a consagrar-se campeão do Circuito Mundial, impulsionou o surfe brasileiro a uma maior visibilidade nas mídias esportivas (GULIN; ANDRÉ, 2015). Medina representa a emergência e a consolidação de um novo perfil de surfista brasileiro, o surfista profissional, que se distanciou dos surfistas da década de 60, 70 e 80. Se entre os praticantes do skate ainda é possível “falar de uma contracultura corporal e assim conjecturar outras possibilidades narrativas” (SOARES; BRANDÃO, 2012, p. 23) no universo do surfe brasileiro,

¹⁰ “Contracultura” pode ser caracterizado como um movimento cultural importado dos Estados Unidos por jovens cariocas de famílias de alto e médio poder aquisitivo cuja crítica voltava-se aos parâmetros tecnocráticos impostos à vida nas sociedades ocidentais – exacerbação da racionalidade e do pensamento científico; burocratização; supervalorização dos aspectos econômicos (ROSZAK, 1972; ALVES; MELO, 2013).

¹¹ Uma exceção a essa tendência pode ser localizada na Revista Fluir que já no final dos anos 90 coloca-se “claramente a favor da construção de um processo de organização e profissionalização do surfe no Brasil” (FORTES, 2012, p. 179).

principalmente, após a “tempestade brasileira”¹², tudo indica que isso é uma possibilidade bastante rara¹³.

Neste contexto de reconfiguração do surfe brasileiro, essa pesquisa teve como principal objetivo analisar o discurso do surfista Ricardo dos Santos (Ricardinho da Guarda)¹⁴, problematizando questões como: a aproximações do surfe com a natureza e com o meio ambiente e a perspectiva do surfe competitivo.

2 NOTAS TEÓRICAS – METODOLÓGICAS

O estudo seguiu uma opção teórica-metodológica inspirada em alguns conceitos foucaultianos. Mais precisamente a noção de acontecimento (FOUCAULT, 2013a), a ideia de discurso (FOUCAULT, 2012a)¹⁵ e o conceito de heterotopias, (FOUCAULT, 2013b; 2009), que funcionaram como “caixa de ferramenta”¹⁶, ajudando a analisar e a problematizar algumas práticas discursivas do surfista Ricardo dos Santos (o *Ricardinho*).

Foucault concebe o acontecimento como “sentido-acontecimento” (CASTRO, 2004, p. 20), que expressa: “um pensamento do presente infinitivo e não a emergência do futuro conceitual na essência do passado” (FOUCAULT, 2013a, p. 249). A partir dessa concepção de “acontecimentos-forças, que induzem a um mundo agonístico de relações” (CASTELO BRANCO, 2008, p. 141), concebe-se, nesse estudo, a morte de Ricardinho como um acontecimento no universo do surfe nacional e internacional.

¹² Tradução de “*brazilian storm*” expressão com que os surfistas brasileiros da geração de Gabriel Medina foram denominados pela imprensa americana após suas aparições no Circuito mundial de surfe. Ver mais em (GULIN; ANDRÉ, 2015).

¹³ Maiores considerações sobre o perfil de Gabriel Medina ver: (BRANDÃO, 2015a). Um dos pontos que chama atenção é a equipe multidisciplinar (médico esportivo, fisioterapeuta, empresário, VideoMaker) envolvida na produção do atleta/surfista profissional, Gabriel Medina.

¹⁴ Apelido pelo qual ficou conhecido, como uma alusão ao lugar onde ele nasceu, cresceu e foi assassinado em janeiro de 2015: a Guarda do Embaú – SC, praia brasileira localizada no município de Palhoça, Santa Catarina, a cerca de 50 km da capital Florianópolis. Este lugar será mais bem apresentado na sessão Guarda do Embaú: Usos e Práticas Heterotópicas.

¹⁵ Ao referir-se ao uso que Foucault faz do discurso, Deleuze (2005, p. 65) destaca que se trata de um ponto de partida “determinado e não infinito, por mais diverso que seja de palavras e textos, de frases e proposições, emitidos numa época e cujas ‘regularidades’ enunciativas ele procura destacar”.

¹⁶ “Caixa de ferramenta” é um conceito utilizado pelo próprio Foucault para definir o uso específico que ele faz tanto de certos conceitos como de determinados conceitos. Maiores considerações ver: Jódar e Gómez (2004).

Heterotopias é outro conceito que Michel Foucault utiliza-se a partir de uma perspectiva própria. Em alguns textos Foucault apresenta pistas teóricas sobre o conceito de Heterotopia, como foi, por exemplo, em conferência sobre o espaço, proferida a arquitetos em meados da década de 60, (FOUCAULT, 2012b). Nessa conferência Foucault conceitua heterotopias como “os espaços singulares que encontramos em alguns espaços sociais cujas funções são diferentes das de outros, até mesmo diretamente opostas” (FOUCAULT, 2012b, p. 219). Para Foucault, a noção de heterotopias remete a uma desmistificação teórica e uma “dessacralização prática” do espaço e do tempo (FOUCAULT, 2009, p. 413)¹⁷

Aliado desses conceitos foucaultianos, para tratar especificamente da “experiência” (LARROSA, 2002), de Ricardinho com o surfe, utilizou-se o conceito de brinquedo e de brincadeira de Walter Benjamin (1994).

3 LOGÍSTICA METODOLÓGICA

A aproximação ao corpus empírico dessa pesquisa (Blogue *Salt Water Crazy Dreams*) deu-se por intermédio de dois artigos publicado pós-morte de Ricardinho, escritos por dois colunistas de mídias especializadas em surfe do Brasil; A magia do sul – *Paradise lost* (ANDRAUS, 2015)¹⁸ e O legado de Ricardo (BRANDÃO, 2015b)¹⁹. Os dois jornalistas fazem referência ao artigo O desabafo de um local (SANTOS, 2011a), de autoria de Ricardinho, republicado no dia 22 de novembro de 2011 no *Waves*, e publicado no mesmo dia no blogue *Salty Water Crazy Dreams*, com o título Desabafo: SOS Guarda do Embaú (SANTOS, 2011b).

O blogue *Salty Water Crazy Dreams* trata-se de um espaço virtual de acesso livre na internet que no momento da pesquisa estava constituído por 145 artigos de Ricardinho (65 somente de textos), 197 fotos e 29 vídeos. Esse material foi gerido pelo próprio Ricardinho entre os anos de 2011 e 2012. Além

¹⁷ Considerações sobre a utilização do conceito foucaultiano de heterotopia no campo da educação brasileira consultar: (GALLO 2007; GALLO; FIGUEIREDO, 2015).

¹⁸ Reinaldo Andraus, surfista radicado nas praias do litoral paulista que atualmente dedica-se à produção do livro *A Grande história do surfe brasileiro*. Ver mais em: <http://reidragao.wixsite.com/hsurfbr/about>. Acesso em 05/10/2018.

¹⁹ Tulio Brandão, jornalista influente no mundo do surfe e autor da biografia de Gabriel Medina, (BRANDÃO, 2015a).

do espaço para artigos do próprio gestor, o blogue conta com as opções: comentários e respostas a estes. Os principais interlocutores foram os seus amigos e outros moradores da Guarda do Embaú; frequentadores e turistas brasileiros daquela praia Catarinense, bem como de outras nacionalidades, haja vistas as respostas em inglês em comentários de algumas publicações. Apesar de ainda hoje ser possível acessar o blogue, este teve sua última atualização no dia 14 de agosto de 2012.

Após uma leitura exploratória de todo o Blogue selecionou-se oito artigos que constituíram o suporte empírico da análise do discurso de Ricardinho. Os textos selecionados foram: Desabafo: SOS Guarda do Embaú (SANTOS, 2011b); Sobre o *blog* (SANTOS, 2011c); *Good Times* (SANTOS, 2011d); *QS's Nightmare* (SANTOS, 2011e); *Trip dos sonhos* (SANTOS, 2011f); *Hawaiian Colors* (SANTOS, 2011g); *Mentawai – Os Super Heróis* (SANTOS, 2011h); *QS Pipe* (SANTOS, 2012).

Ricardinho definiu o blogue *Salty Water Crazy Dreams* como um espaço sem “regras ortográficas”, em que é possível “escrever as ideias que vem na cabeça da maneira mais fácil de serem entendidas (SANTOS, 2011c), possibilitando, assim, publicar “coisas que acontecem nas viagens [...] e que quase nunca viram notícia” (SANTOS, 2011c).

Além dos oito artigos extraídos do blogue, outros dois textos (ANDRAUS, 2015) e (BRANDÃO, 2015), referentes à morte de Ricardinho²⁰, foram utilizados. Também compuseram o artigo quatro fotografias retiradas do blogue *Salty Water Crazy Dreams* e uma pertencente ao acervo particular de um dos autores dessa pesquisa.

²⁰ A atenção a esses dois textos deve-se, principalmente, ao papel que eles tiveram para transformar a morte de Ricardinho em um acontecimento, ressaltando o lugar de destaque ocupado por esse surfista no universo do surfe nacional e internacional.

4 GUARDA DO EMBAÚ: USOS E PRÁTICAS HETEROTÓPICAS



Imagem 1: Guarda do Embaú - SC vista da Pedra do Urubu. 23/01/07. Fonte: Santos (2011b).

A visão aérea possibilitada pela foto tirada da pedra do Urubu²¹ evidencia parte da geografia da Guarda do Embaú – SC. A esquerda da foto o Oceano Atlântico que pela distancia de captura da imagem impede um olhar mais detido as potentes e tubulares ondas da Guarda do Embaú, nela representada por linhas de espuma branca. Ao lado direito, o Rio da Madre²² cuja foz deságua no oceano, cortando as areias da beira da praia da Guarda do Embaú.

Em dezembro de 2016, a Guarda do Embaú foi classificada como uma Reserva Mundial do surfe ou *World Surfing Reserves* (WSR), programa da Organização Não Governamental *Save The Wave*. Trata-se de uma proposta modelo de preservação das zonas de arrebentação das ondas e seus

²¹ É uma pedra localizada no cume do morro que divide as praias da Pinheira e Guarda do Embaú. Seu acesso é por uma trilha cujo terreno oscila entre pedras (íngremes mais ao cume) e terra.

²² Rio que tem sua nascente “na maior área de preservação catarinense, o Parque Estadual da Serra do Tabuleiro, percorre a Baixada do Maciambu, no município de Palhoça” [...] e ainda “demarca a divisa dos municípios de Paulo Lopes e Palhoça” (CORBELLINI, WEBBER E MOECKE, 2011). Estes autores alertam para uma “variação na qualidade ambiental do local” provocado pela rizicultura, colocando em xeque o status de bacia “mais preservada em Santa Catarina”. Ver mais em http://www.rexlab.unisul.br/junic/2011/projeto/projeto_000205.html. Acesso 01/10/18.

arredores que busca reconhecer e proteger os principais atributos ambientais, culturais, econômicos e comunitários das áreas de surfe.

A Guarda do Embaú é a primeira praia brasileira a receber o status de reserva de surfe, estabelecido por critérios que avaliaram a qualidade da onda; as características ambientais; a cultura e tradição do lugar e o apoio da comunidade. Uma das lideranças desse apoio foi a Associação de Surfe e Preservação da Guarda do Embaú (ASPG). Apesar da conquista ter sido no final de 2016 a celebração desse marco deu-se no dia 20 de janeiro do ano seguinte em alusão ao dia da morte de Ricardinho.

Outra homenagem póstuma a Ricardinho foi o título de Embaixador da Reserva Mundial de surfe da Guarda do Embaú, em memória ao surfista foi construído um monumento em formato de prancha de surfe no interior da qual foi pintada uma imagem de Ricardinho. O monumento e um mural com fotos do surfista foram erguidos no “centrinho” da Guarda do Embaú (imagem, 2). Além disso, foi aprovada a lei Nº 4357 sancionada em 15 de fevereiro de 2016 instituindo no dia de morte de Ricardinho (20 de janeiro) o Dia municipal do surfe – Ricardo dos Santos, em Palhoça – SC (PALHOÇA, 2016).



Imagem 2: Produzida em 28 de fevereiro de 2017 no “centrinho” da Guarda do Embaú-SC. Arquivo pessoal.

No artigo O Legado de Ricardo (BRANDÃO, 2015) enfatiza-se a questão da responsabilidade da gestão pública, isso mostra certo deslocamento se

comparado, por exemplo, ao texto Desabafo: SOS Guarda do Embaú (SANTOS, 2011b), nesse a ênfase são as redes sociais, com apelos como: “Compartilhe esse texto (ou link) com todos seus amigos e parentes. E vamos juntos lutar por uma Guarda melhor” (SANTOS, 2011b). Apesar de tratar-se de estratégias diferentes, elas são complementares, e ambas visam uma organização em prol da Guarda do Embaú.

Já no artigo A magia do Sul: *Paradise lost* (ANDRAUS, 2015), emerge uma mirada ao assassinato de Ricardinho, especificamente, ao “contexto que fez com que esta coisa absurda acontecesse, em um dos lugares mais paradisíacos, talvez no Estado mais ‘civilizado’ de nossa costa” (ANDRAUS, 2015). Nesse texto, aciona-se um sentido de civilidade conectado com os “deveres da cidadania” (SENNETT, 2002, p. 323).

A ideia de civilidade perpassa também no discurso de Ricardinho, como por exemplo, quando ele questiona aqueles que “ficam com seus carros de som a noite toda circulando ou parados no meio da praia, tocando uma música medíocre no volume mais alto possível e deixando lixo por todos os lados” (SANTOS, 2011b). Ou nas passagens discursivas em que ele reclama do barulho dos carros na beira da praia²³ à noite e denúncia que: “a polícia, não aparece durante essas badernas” (SANTOS, 2011b). O discurso de Ricardinho ressalta a civilidade como uma “atividade que protege as pessoas umas das outras e ainda assim permite que elas tirem proveito da companhia uma das outras” (SENNETT, 2002, p. 323).

Essa preocupação pela civilidade e pela convivência em espaços públicos mostra a inserção de Ricardinho na coletividade do lugar, como ele mesmo ressalta ao salientar que “este não é um texto de um surfista profissional, mas sim de um cara que nasceu e cresceu em um lugar abençoado.” (SANTOS, 2011b). Assim, no texto O desabafo: SOS Guarda do Embaú (SANTOS, 2011b), Ricardinho distancia-se da sua posição de surfista profissional e assume uma condição de nativo da Guarda.

²³ A Beira da Praia constitui-se em um lugar de produção de sociabilidades. Desse modo, não raramente, a beira da Praia torna-se um campo de luta, de disputa entre os grupos que frequentam esse lugar. Um pouco mais sobre a beira da Praia e seus possíveis usos, ver Souza et al. (2016).

As duas fotos que seguem ativaram boas lembranças de Ricardinho, e funcionaram como “muletas”²⁴ de suas memórias de infância, suscitando recordações que ele classificou como “Bons tempos”. Ou, como: “o início de tudo. Início de uma vida contente e cheia de momentos irados. Obrigado Sônia pelas fotos” (SANTOS, 2011d).



Imagem 3: Ricardinho em suas primeiras poses com uma prancha na Guarda do Embaú. Fonte: *Good Times* (SANTOS, 2011d).



Imagem 4: Ricardinho em seus primeiros drops²⁵ nas ondas da Guarda do Embaú. Fonte: *Good Times* (SANTOS, 2011d).

²⁴ Ecléia Bosi (2003) discorre que algumas fotografias têm o mérito de atuarem como “muletas de memórias”. Pois atuam como “objetos biográficos”, constituindo de memórias individuais e coletivas de indivíduos e de sociedades (BOSI, 2003).

²⁵ Momento em que o surfista entra na onda e sobe na prancha.

Além de evidenciar uma cumplicidade entre o surfista Ricardinho e os moradores da Guarda, os efeitos produzidos pelas fotografias (enviadas por Sônia) nas memórias e no discurso de Ricardinho, mostra a intensidade do surfe como um brinquedo de sua infância. Pois, como bem destacou Walter Benjamin (1994), apesar de “muitos dos mais antigos brinquedos (bolas, arcos, rodas de penas, papagaios)”, serem brinquedos que são impostos as crianças por adultos, eles somente se transformam em brinquedos “graças à imaginação da criança” (BENJAMIN, 1994, p. 250).

Uma narrativa que aspira se propagar,²⁶ através de um jogo de troca de “informações mútuas” (TARDE, 2005, p. 79). Essa narrativa é ativada no artigo *Good Times* (SANTOS, 2011d), do qual emergem sinais de um surfe lúdico-brincante e que volta a se manifestar, a partir das fotografias (imagem 3 e 4) que foram enviadas por uma moradora nativa da Guarda do Embaú.

5 O BLOGUE *SALTY WATER CRAZY DREAMS*: UMA REDE DE HETEROTOPIAS

Para a análise do discurso de Ricardo dos Santos utilizou-se como pano de fundo, dois exemplos de heterotopias: as de “crise” e as de “desvio”. Entre as primeiras estão os “indivíduos que se encontram, em relação à sociedade e ao meio humano no interior do qual eles vivem, em estado de crise”. Já as de desvio: “se localiza os indivíduos cujo comportamento desvia em relação à média ou a norma exigida” (FOUCAULT, 2009, p. 416)²⁷.

As “heterotopias de crise” puderam ser pensadas frente ao melancólico artigo *QS's Nightmare* (SANTOS, 2011e). Nele, Ricardinho produz uma escritura que evidencia um momento de crise em seu pensamento, o pesadelo que se tornou para ele as etapas do WQS²⁸. Ricardinho problematiza um audiovisual em que se refere às praias onde ocorrem às etapas do circuito classificatório para a elite do surfe mundial: “Ai está, o motivo de tanta tristeza

²⁶ Como mostra os 53 comentários que sucederam a publicação do texto desabafo (SANTOS, 2011b).

²⁷ No limite, entre essas duas noções, Foucault (2009) cita os asilos argumentando que “a velhice é uma crise, mas igualmente um desvio, pois, em nossa sociedade em que o lazer é a regra, a ociosidade constitui uma espécie de desvio” (p. 416).

²⁸ Divisão de acesso iniciada em 1990, quando a Associação dos Surfistas Profissionais (hoje Liga mundial de Surf) dividiu o Circuito Mundial em duas divisões, onde além do WQS (World Qualifying Series), temos o World Championship Tour (WCT), competição principal.

na maioria dos QS's... Marola, vento e muitas vezes com muita gente. Infelizmente isso não me completa! Mas na real, acho que não 'completa ninguém!'" (SANTOS, 2011e). E complementa: "adoro marola, mas às vezes preciso dar uma geralzinha na alma, por isso, amo onda perfeita... Sempre me deixa novo de espírito" (SANTOS, 2011e).

Seguramente, o QS tinha a devida importância para Ricardinho. Todavia, para ele o surfe agregava outros significados e outros valores. Talvez, um valor "[...] próprio das heterotopias" (FOUCAULT, 2013b, p. 28). Algumas indicações disso são identificadas quando ele refere-se, por exemplo, às ondas perfeitas, que surgem esboçadas no artigo *Trip* dos sonhos (SANTOS, 2011f). Seu conteúdo localiza uma viagem para Fiji, território composto por 332 ilhas no Oceano Pacífico, na Oceania. Ricardinho diz que viajar para lá "não só simboliza pegar uma das melhores ondas do mundo", mas significa também outro lugar, um "pedaço do céu" (SANTOS, 2011f), uma heterotopia.

"Posso garantir que esses momentos em Fiji são mais fortes e fazem de fato pensar na vida" (SANTOS, 2011f). Em passagem como essa, Ricardinho aponta pistas de "heterotopias que são ligadas ao tempo, não ao modo da eternidade, mas ao modo da festa", isto é, "não se trata de acumular o tempo, mas, ao contrário, de apagá-lo e volver à nudez e à inocência [...]" (FOUCAULT, 2013b, p. 26), daquele espaço outro.

O espaço heterotópico de crise começa a perder ênfase para as heterotopias de desvio na postagem intitulada *Hawaiian Colors* (SANTOS, 2011g). Nela, Ricardinho fala da sua sétima temporada no Havaí, "em poucos lugares me sinto tão bem... Ainda não passa pela minha cabeça deixar de vir pro Havaí. Esse universo já faz parte do meu mundo" (SANTOS, 2011g).

A continuação dessa narrativa soma-se um princípio crucial para pensar esse deslocamento de ênfase: "as heterotopias possuem sempre um sistema de abertura e de fechamento que as isola em relação ao espaço circundante" (FOUCAULT, 2013, p. 26). Detectamos tal isolamento quando Ricardinho distancia-se dos campeonatos: "ao contrário de muitos, eu já venho buscando a tranquilidade e cada vez mais surfar pelo amor ao esporte. E o Havaí me alimenta com um sentimento sobre o surfe que não se encontra em qualquer lugar" (SANTOS, 2011g).

Esse deslocamento perante o surfe competitivo aparece no afastamento que Ricardinho faz diante das etapas do surfe profissional. Diferenciando-se dos discursos mais frequentes dos surfistas profissionais, novamente Ricardinho volta-se a suas memórias de infância e ressalta que foi “muito bom surfar *Pipe*²⁹ sem ninguém ao redor, realizei um sonho de criança. Foi apenas uma onda, porém suficiente para curar a alma” (SANTOS, 2012).

Quando descreve sua participação no QS *Pipe*, ao fazer uso do “mundo perceptivo da criança” (BENJAMIN, 1994, p. 250), Ricardinho permite pensar um surfe competitivo que não exclui o seu componente “lúdico”³⁰. Abre-se, portanto, a possibilidade de pensar o componente lúdico do surfe com uma resistência interna ao surfe competitivo burocratizado e profissional. Essa resistência lúdica surge também no artigo *Mentawai* – Os Super Heróis (SANTOS, 2011h) exibida em uma foto com a qual registra o corpo de alguns amigos rabiscados, durante uma viagem as ilhas *Mentawai* situadas no Oceano Índico, como mostra a fotografia a seguir.



Imagem 5: Ricardinho fotografa os amigos de viagem Ian Gouveia (esq.), Jesse Mendes (centro) e Santiago Muniz (dir.) (SANTOS, 2011h).

²⁹ Banzai Pipeline é a praia havaiana mais cobiçada e disputada pelos surfistas que se direcionam ao Havaí. Nela também é realizada uma das itinerantes etapas do WQS e a final do WCT.

³⁰ Maiores considerações sobre o conceito de lúdico utilizado nesse texto consultar: Huizinga (2007).

Ao problematizar o conceito de resistência em Michel Foucault, Vilela (2006, p. 118) comenta que para Foucault “a resistência é um acontecimento local que se relaciona com a especificidade das práticas em relações de poder particulares.” Pois, como o próprio Foucault assinala; “[...] Para resistir, é preciso que a resistência seja como o poder. Tão inventiva, tão móvel, tão produtiva quanto ele. Que, como ele, venha de ‘baixo’ e se distribua estrategicamente” (FOUCAULT, 2013c, p. 360).

Nessa perspectiva, a defesa da dimensão lúdica no surfe competitivo, expressa no discurso de Ricardinho, pode ser concebida como uma resistência à burocratização do surfe competitivo. Além disso, ela também representa um deslocamento da visão dual que acompanha o surfe brasileiro desde a década de 1960, constituída por dois grupos: “um grupo partidário da profissionalização do esporte e outro, partidário do surfe como um estado de espírito” (DIAS, 2009, p. 271-272) ³¹.

A resistência manifestada no discurso de Ricardinho é uma resistência coextensiva a profissionalização e a institucionalização do surfe. No momento em que produz seus discursos o próprio Ricardinho encontra-se inserido no surfe competitivo, participando das etapas classificatórias do Circuito Mundial do Surfe. Um surfe que envolve treinos intensos, calendários fechado para as competições, cumprimento de contratos “e uma série de outras responsabilidades” (DIAS, 2009, p. 274).

Emerge no discurso de Ricardinho uma conotação política em que o lúdico brincante atua como uma resistência dentro da própria etapa do Circuito Mundial, uma concepção de surfe que destoa da “mentalidade mais convencional, isto é, mais condizente com a competição e com a busca de lucros e resultados” (DIAS, 2009, p. 274).

Trata-se de uma resistência “que desalinha as significações estabelecidas”³² (VILELA, 2006, p. 125), o discurso de Ricardinho de certa

³¹ Os primeiros defendem o incremento de organizações institucionais e da quantidade de competições, que devem contar com prêmios em dinheiro e toda a estrutura típica do espetáculo esportivo. Os segundos veem nessas iniciativas uma distorção dos verdadeiros sentidos do esporte (BOOTH *apud* DIAS, 2009, p. 272).

³² Este “desalinhamento” ainda que não seja tratado pela autora como uma heterotopia, encontra reverberação nessa noção quando Foucault (2000, p. XIII) salienta que “as heterotopias solapam secretamente a linguagem, porque impedem de nomear isto e aquilo, porque fracionam os nomes comuns ou os emaranham, porque arruínam de antemão a sintaxe”.

forma pauta a possibilidade do surfista profissional continuar a cultivar o surfe como uma filosofia, como um estilo de vida. Apostando que também no surfe competitivo e profissional não existe apenas “o ajustamento a uma norma à qual o sujeito se submete, mas a criação de uma forma de existência” (VILELA, 2006, p. 122).

6 PROPAGAÇÃO EM REDES RELACIONAIS

Gabriel Tarde (2005, p. 95) considera que nas práticas de “propagação” das ideias “a conversação é um dos agentes mais maravilhosos”. Estas formas propagadoras de opinião suscitadas pelas conversações puderam ser vistas nas próprias conversas estabelecidas por Ricardinho com alguns seguidores que comentaram seu artigo Desabafo: SOS Guarda do Embaú (SANTOS, 2011b).

Olearo (2011), por exemplo, diz ser “do tempo do Marcelo (Pera), do Robertão, Frank, Cabral, Billa com o Márcio, Nicolau, Salada de fruta da Soninha, dormia na Mariazinha/Albertinho, PF na Billa, (OLEARO, 2011). Tora (2011) é outro narrador ativado por aquele artigo, ele inicia sua narrativa acionando os relatos anteriores: “Olearo e Ricardinho, cheguei aí em 1978 pela primeira vez. Pensei: cara aqui é o paraíso!”. Posteriormente, descreve a rotina que seguia: “acampava no terreno do Frank. Seu Nicolau era o único restaurante hotel, mas ficava fora nos míseros trocados que levávamos. Várias foram às vezes que surfamos eu, Frank e mais dois camaradas naquelas esquerdas” (TORA, 2011).

A narrativa de Tora (2011) mistura a descrição da sua rotina com aspectos da geografia do lugar e com gírias do surfe: “Rio da Madre limpo, cristalino. Banho? Só de rio. *Crowd*³³ nesta época? Dez cabeças no máximo no fim de semana, pois daí alguns de Floripa baixavam. Soa quase como ficção científica, não?” (TORA, 2011).

Essas narrativas remetem a uma memória afetiva acionada pelo discurso de Ricardinho. Memórias que acionam informações sobre a Guarda do Embaú. Afetos que, entre Ricardinho e a experiência daqueles que

³³ Concentração excessiva de surfistas em um mesmo pico (lugar).

frequentavam os espaços da Guarda, encontram em Seu Nicolau (o avô que viu o surfista nascer, crescer e ser assassinado) um elo de conexões.

Considerando a idade precoce de Ricardinho quando morreu (24 anos) e o apogeu das narrativas dos frequentadores da Guarda do Embaú do final da década de 70 até o início da década de 90, entre as narrativas que conectam o nome de Seu Nicolau, evidenciam-se saberes sobre a Guarda do Embaú, que estão presente no discurso de Ricardinho.

O artigo Desabafo: SOS Guarda do Embaú (SANTOS, 2011b) potencializa as conexões com a infância e com as crianças. Nele, Ricardinho opera pontos que marcam o que Tarde (2005) apresenta como “evolução da conversação da criança”: “Ora, durante muito tempo antes de dialogar, as crianças começam por questionar. Esse interrogatório a que submetem seus pais e outros adultos é, para elas, a primeira forma, unilateral, de conversa” (TARDE, 2005, p. 87- 88).

Para demonstrar essa relação, alguns fragmentos do Desabafo: SOS Guarda do Embaú (SANTOS, 2011b) tornam-se novamente potentes, já que lá, antes de dialogar com os moradores e frequentadores da Guarda, Ricardinho começa por questionar: “Quem não sabe onde é este lugar maravilhoso? Quem não sonha em viver em um lugar assim? Quem nunca aproveitou um verão nesse lugar lindo? Quem não adoraria ter uma casa nesse pedaço do céu? Quem? Quem? Quemmmmm????” (SANTOS, 2011b). Essa série de interrogações parece ativar narrativas de seus interlocutores no blogue.

Essa interlocução do discurso de Ricardinho com os leitores de seu blogue de certa forma remete as formas de convívio na beira da praia da Guarda, não como uma questão particular de Ricardinho, mas sim como uma temática que remete a comunidade local, de quem Ricardinho, foi um “imitador”, (MONZELLI, 2016). Ou seja, um representante diferenciado, em decorrência do lugar que ele falava, como um surfista profissional de renome nacional.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar os discursos do surfista Ricardo dos Santos – o Ricardinho, nosso estudo evidenciou suas reverberações após a morte do surfista. Sua

morte foi tomada como um acontecimento que potencializou a formação de uma rede discursiva que culminou na defesa de políticas públicas pautadas na preocupação com a preservação das formas de vida da Guarda do Embaú – SC, lugar em que ele nasceu, cresceu e foi assassinado.

O Desabafo: SOS Guarda do Embaú (SANTOS, 2011b) faz refletir uma vontade de ordenamento social a partir da interpretação de diferentes autores ao discurso de Ricardinho após sua morte. Mas o “desabafo” também é uma heterotopia na medida em que consideramos que o espaço onde foi publicado tem uma história, produzida pelos próprios acontecimentos/sentidos que tangenciam os discursos de Ricardinho. Neles, quase como uma ironia, sobressai em seu discurso uma ideia da Guarda como um “pedaço do céu”, uma demonstração de como ele concebia o surfe como uma heterotopia, uma possibilidade de experiências outras. Essa perspectiva predominava, inclusive, no surfe competitivo, como demonstrado no decorrer desse artigo. Ilustrado no discurso zombeteiro de Ricardinho, quando ele questiona o objetivo pelo qual muitos surfistas se deslocavam para o Havaí.

A preocupação de Ricardinho com o meio ambiente, e com as formas de viver na Guarda do Embaú, longe de ser uma exceção caracteriza-se como uma postura recorrente entre os surfistas³⁴. Em parte, esta postura é constituída a partir da relação cuidadosa que o surfe institui com a natureza. Esse cuidado com a natureza e com o meio ambiente caracteriza-se com uma singularidade dos novos surfistas (PEREIRA NETO et al., 2017; AMARAL; DIAS, 2008).

Com uma escrita questionadora, os discursos em rede de Ricardinho incitaram também as narrativas de outros surfistas que fizeram emergir uma memória afetiva de um surfe lúdico produzido na Guarda do Embaú – SC, no final da década de 70, fortalecendo os “nós” afetivos dessa rede heterotópica aberta por Ricardinho.

A partir das evidencias dessa pesquisa conclui-se que apesar de Ricardinho pertencer aos surfistas brasileiros da era pós-Medina, surfistas que aderiram ao surfe competitivo e profissional, seu discurso porta: uma

³⁴ Um exemplo de engajamento dos surfistas em movimentos em prol da preservação do meio ambiente e da beira da praia foi o ocorrido na Praia do Cassino – RS, no movimento “SOS Cassino”. Maiores considerações sobre este episódio consultar Souza et al. (2012).

concepção de surfista engajado, preocupado com a natureza e o meio ambiente; um conceito de surfe em que persiste o componente lúdico-brincante que possibilita pensar o surfe como uma heterotopia³⁵.

8 REFERÊNCIAS

ALVES, V.; MELO, V. Um novo barato: surfe e contracultura no Rio de Janeiro dos anos 1970. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v.39, n.1, p. 2-9, jan./Mar, 2017. Disponível em <https://doi.org/10.1016/j.rbce.2016.01.005>. Acesso 13 out. 2018

AMARAL, A.; DIAS, C. Da praia para o mar: motivos à adesão e à prática do surfe. **Licere**, Belo Horizonte, v.11, n.3, p. 1-22, dez. 2008. Disponível em: <https://seer.ufmg.br/index.php/licere/article/view/621>. Acesso em: 13 out. 2018.

ANDRAUS, R. A magia do Sul – Paradise Lost. **Blogue do Dragão** [blogue da Internet]. Fev. 2015. Disponível em: <http://surfdragonblog.blogspot.com.br/2015/02/ricardinho-dos-santos-reflexoes-e.html>. Acesso 13 out. 2018

BENJAMIN, W. **Brinquedo e brincadeira**: Observações sobre uma obra monumental. Magia e técnica, arte e política. Obras escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOSI, E. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRANDÃO, T. **Gabriel Medina**: a trajetória do primeiro campeão mundial de surfe do Brasil. Rio de Janeiro: Primeira Pessoa, 2015a.

³⁵ Durante a etapa brasileira do Circuito Mundial em 2014, disputada na Barra da Tijuca – RJ, Ricardinho participou como comentarista do programa Cravando a borda. Nesta ocasião, ele já se mostra em outro espaço, através de um posicionamento profissional mais consolidado regido pelo comprometimento com seu patrocinador, o qual não o exige: “mostrar resultado em campeonato” sua função como profissional “*freesurfer*” é criar conteúdo para mídias publicitárias, mas argumenta porque ele não nega as competições: “eu uso os campeonatos pra me manter em forma, pra me manter ao nível dos mesmos surfistas ao meu redor. O *freesurfer* tem uma deficiência que é permanecer muito tempo isolado e na hora que ele aparece pro cenário do surfe mundial, ele acaba que perdeu um pouco da técnica de manobrar e de dar aéreo etc. E é algo que eu não quero perder! Eu não só sei entubar, eu sei dar uma rasgada, eu sei dar umas batidas, eu sei dar uns aéreos [...], mas eu quero manter o meu nível de surfe bem alto e eu quero ir bem nos QS’s também. Todo evento que eu for eu quero ir bem, eu quero ganhar, eu tenho esse (...) esse espírito competitivo. Só que atualmente a minha carreira está direcionada ao *freesurf*, grandes feitos; fazer coisas que o esporte vê com menos frequência” [...] No meu caso, a minha facilidade é de fato administrar melhor o meu medo. Eu acho que é muito mais fácil pra mim cair em um mar gigante em *Teahupoo* do que passar uma bateria no WCT de meio metro”. Disponível <https://www.youtube.com/watch?v=P7RL4oux3JA>. Acesso 09/10/2018.

BRANDÃO, T. O legado de Ricardo. **Waves** [periódico da Internet]. Jan. 2015b. Disponível em: <http://www.waves.com.br/arquivo/o-legado-de-ricardo/>. Acesso 13 out. 2018.

CASTELO BRANCO, G. **Atitude-limite e relações de poder**: uma interpretação sobre o estatuto da liberdade em Michel Foucault. In: ALBUQUERQUE JÚNIO, D. VEIGA-NETO, A. SOUZA FILHO, A. (Orgs.). *Cartografias de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica; 2008.

CASTRO, E. **El vocabulario Michel Foucault**: un recorrido alfabético por sus temas, conceptos y autores. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 2004.

CORBELLINI, A.; WEBBER, V.; MOECKE, E. Avaliação de impacto ambiental da Bacia do Rio da Madre (SC) utilizando bioindicadores macrobentônicos. In: VI JORNADAS UNISUL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 6, 2011, Santa Catarina. **Anais...** Santa Catarina: Unisul, 2011. Disponível em: http://www.rexlab.unisul.br/junic/2011/projeto/projeto_000205.html. Acesso 13 out. 2018.

DELEUZE, G. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DIAS, C. A. G. O surfe e a moderna tradição brasileira. **Movimento**, Porto Alegre, v. 15, n. 04, p. 257-286, out./dez. 2009. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/viewFile/5537/6957>. Acesso em: 13 out. 2018.

DIAS, C. FORTES, R. MELO, V. (2012) Sobre as ondas: surfe, juventude e cultura no Rio de Janeiro dos anos 1960. **Revista Estudos Históricos**, v.25, n.49, p. 112-128, jan./jun, 2012. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-21862012000100008>. Acesso em 13 out. 2018.

FORTES, R. Juventude em revista: surfe e fluir. In: BUARQUE DE HOLANDA, B.; MELO, V. (Orgs.). **O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: 7Letras; 2012.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola; 2012a.

_____. **Microfísica do Poder**. 27. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2013c.

_____. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. **Corpo utópico, as heterotopias**. São Paulo: N – 1 Edições; 2013b.

_____. Espaço, saber e poder. In: MOTTA, M. (Org.). **Segurança, Penalidade e Prisão** (Ditos & escritos VIII). Rio de Janeiro: Forense Universitária; 2012b. p. 206-222.

_____. Outros espaços. In: MOTTA, M. (Org.). **Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema** (Ditos & escritos III). 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária; 2009. p. 411-422.

_____. Theatrum Philosophicum. In: MOTTA, M. (Org.). **Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento** (Ditos & escritos II). Rio de Janeiro: Forense Universitária; 2013a. p. 240-266.

GALLO, S. Educação menor: produção de heterotopias no espaço escolar. In: Paula Regina Costa Ribeiro et al. (Org.). **Corpo, Gênero e sexualidade: discutindo práticas educativas**. Rio Grande: Editora da FURG, v. único, p. 93-102, 2007.

GALLO, S; FIGUEIREDO, G. Entre maioria e minoridade: as regiões de fronteiras no cotidiano escolar. **Aprender – Cadernos de Filosofia e Psicologia da Educação**. Vitória da Conquista. Ano IX, n. 14, p. 25-51, 2015.

GULIN, N.; ANDRÉ, H. A Representação do surf brasileiro na mídia antes e depois da conquista do campeonato mundial 2014 pelo surfista Gabriel Medina. In: XXXVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2015, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, 2015. p. 1-15.

HUIZINGA, J. *Homo Ludens*: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 2007.

JÓDAR, F. GÓMEZ, L. Experimentar o presente: sobre a conformação de novas identidades. **Educação & Realidade**: dossiê Michel Foucault, Porto Alegre, v. 29, n. 1, p. 139-153, jan./jun. 2004. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/25422/14748> . Acesso em: 13 out. 2018.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, pp. 20-28. Jan/Fev/Mar/Abr 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf> . Acesso em: 13 out. 2018.

MONZELLI, A. Imitação e diferença em Gabriel Tarde. **Revista Sem Aspas**. Araraquara, v. 5, n. 1, p. 58-66, jan./jul. 2016. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/semaspas/article/view/8740/6436> . Acesso em: 13 out. 2018.

OLEARO. Comentário no: “Desabafo. SOS Guarda do Embaú” 2011 nov. 22 [citado em 2011 nov. 23]. In: SANTOS, R. **Salty water crazy dreams** [blogue da Internet]. Guarda do Embaú: Salty water crazy dreams – [aproximadamente 1 tela]. Disponível em: <https://ricardodossantossurf.wordpress.com/2011/11/22/desabafo-s-o-s-guarda-do-embau/>. Acesso em: 13 out. 2018. Role para baixo para ver os comentários.

PALHOÇA (Município). Lei nº 4357, de 15 de fevereiro de 2016. Institui o dia municipal do surfe – Ricardo dos Santos e dá outras providências. **Diário Oficial do Município de Palhoça**, Santa Catarina, 15 fev. 2016.

PEREIRA NETO, G. et al. Surf é estilo de vida: motivação para a prática em mulheres jovens. **Licere**, Belo Horizonte, v. 20, n. 1, p.115-139, mar. 2017. Disponível em: <https://seer.ufmg.br/index.php/licere/article/view/4431>. Acesso em: 13 out. 2018.

ROSZAK, T. **A contracultura**: reflexões sobre a sociedade tecnocrática e a oposição juvenil. Petrópolis: Vozes, 1972.

SANTOS, R. Desabafo. SOS Guarda do Embaú. **Salty water crazy dreams** [blogue da Internet]. 2011b nov. 22. Disponível em: <https://ricardodossantossurf.wordpress.com/2011/11/22/desabafo-s-o-s-guarda-do-embau/>. Acesso em: 13 out. 2018.

SANTOS, R. Good Times. **Salty water crazy dreams** [blogue da Internet]. 2011d nov. 23. Disponível em: <https://ricardodossantossurf.wordpress.com/2011/11/23/good-times/>. Acesso em: 13 out 2018.

SANTOS, R. Hawaiian colors. **Salty water crazy dreams** [blogue da Internet]. 2011g nov. 07. Disponível em: <https://ricardodossantossurf.wordpress.com/page/7/>. Acesso em: 13 out. 2018.

SANTOS, R. Mentawai – Os Super Heróis. **Salt water crazy dreams** [blogue da internet]. 2011h abr. 28. Disponível em: <https://ricardodossantossurf.wordpress.com/2011/04/28/mentawai-os-super-herois/>. Acesso 13 out. 2018.

SANTOS, R. O desabafo de um local. **Waves** [periódico da Internet]. 2011a nov. 22. Disponível em: <http://waves.terra.com.br/surf/noticias/variedadesambiente/guarda-do-embau/o-desabafo-de-um-local>. Acesso 13 out. 2018.

SANTOS, R. QS's Nightmare. SOS Guarda do Embaú. **Salty water crazy dreams** [blogue da Internet]. 2011e dez. 27. Disponível em: <https://ricardodossantossurf.wordpress.com/page/3/>. Acesso em: 13 out. 2018

SANTOS, R. QS Pipe. **Salty water crazy dreams** [blogue da Internet]. 2012 fev. 02. Disponível em: <https://ricardodossantossurf.wordpress.com/page/2/>. Acesso em: 13 out. 2018.

SANTOS, R. Sobre o blog. **Salty water crazy dreams** [blogue da Internet]. 2011c jan. 29. Disponível em: <https://ricardodossantossurf.wordpress.com/about/>. Acesso em: 13 out. 2018.

SANTOS, *Trip* dos sonhos. **Salty water crazy dreams** [blogue da Internet]. 2011f nov. 09. Disponível em: <https://ricardodossantossurf.wordpress.com/page/7/>. Acesso em: 13 out. 2018.

SENNETT, R. **O declínio do homem público**: tiranias da intimidade. São Paulo: Schwarcz, 2002.

SOARES, C.; BRANDÃO, L. Voga esportiva e artimanhas do corpo. **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 03, p. 11-26, jul./set. 2012.

SOUZA, T.; HECKTHEUER, L.; RIGO, LC. O espaço da Beira da praia, a criança e a produção de uma ordem: implicações para além da escola. **Licere**, Belo Horizonte, v. 19, n. 2, p. 294-328, jun. 2016. Disponível em: <https://seer.ufmg.br/index.php/licere/article/view/2053>. Acesso em: 13 out. 2018.

SOUZA, T. et al. “Partiu pro surf”: memórias e amizades na Praia do Cassino – RS. **Rev. Did. Sist.**, Rio Grande, v. especial, n. 1, p. 78-94, mai. 2012. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/redsis/article/view/2747/1534>. Acesso em: 13 out. 2018.

TARDE, G. **A opinião e as massas**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

TORA. Comentário no: “Desabafo. SOS Guarda do Embaú” 2011 nov. 22 [citado em 2011 nov. 23]. In: SANTOS, R. **Salty water crazy dreams** [blogue da Internet]. Guarda do Embaú: Salty water crazy dreams – [aproximadamente 1 tela]. Disponível em: <https://ricardodossantossurf.wordpress.com/2011/11/22/desabafo-s-o-s-guarda-do-embau/>. Acesso em: 13 out. 2018. Role para baixo para ver os comentários.

VILELA, E. Resistência e acontecimento: As palavras sem centro. In: KOHAN, W.; GÓNDRA, J. (Orgs.). **Foucault 80 anos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 107 – 127.

Artigo 2

TÉCNICAS CORPORAIS DE SURFISTAS BRASILEIROS: NOTAS SOBRE A PERFORMANCE DAS MANOBRAS

BRAZILIAN SURFER BODY TECHNIQUES: NOTES ON THE PERFORMANCE OF MANEUVERS

TÉCNICAS CORPORALES DE SURFEROS BRASILEÑOS: NOTAS SOBRE EL DESEMPEÑO DE LAS MANIOBRAS

Resumo: Esta pesquisa apresenta diferentes configurações históricas do surfe – sua prática enquanto passatempo hedonista e seu processo de profissionalização, mais recente. O objetivo foi produzir uma narrativa sobre o processo de construção, a gênese, das manobras do surfe e as técnicas corporais de surfistas brasileiros. A metodologia utilizada foi a História Oral e a delimitação do corpus empírico ateve-se ao Relato Oral de quatro surfistas: três homens e uma mulher. As narrativas desses surfistas, que se profissionalizaram a partir da década de 1990, mostram um conjunto de investimentos ligados à modelagem de um estilo agressivo de surfar, nos moldes valorizados no circuito mais em voga da época. Salientam ainda maneiras como os seus corpos atuavam para performatizar as técnicas de manobrar.

Palavras-chave: Surfe profissional; Técnicas Corporais; Narrativas

Abstract: This research presents different historical configurations of surfing - its practice as a hedonistic pastime and its most recent professionalization process. The objective of this study was to narrate the construction process, the genesis, the surfing maneuvers and the body techniques of the surfers, which helped to sport the Brazilian surf, making it more performative. The methodology used was the Oral History and the delimitation of the empirical corpus adhered to the Oral Report of four Sufists, three men and one woman. The narratives of these surfers, who became professionalized from the 1990s onwards, show a set of investments linked to the modeling of an aggressive style of surfing, along the lines of the most popular circuit of the time. And, they also point out, ways in which their bodies acted to perform the techniques of maneuvering.

Keywords: Professional surfing; Body Techniques; Narratives

Resumen: Esta investigación presenta diferentes configuraciones históricas del surf: su práctica como pasatiempo hedonista y su proceso de profesionalización más reciente. El objetivo de este estudio fue narrar el

proceso de construcción, la génesis, de las maniobras de surf y las técnicas corporales de los surfistas, que ayudaron a practicar el surf brasileño, haciéndolo más performativo. La metodología utilizada fue la Historia oral y la delimitación del corpus empírico se adhirió al Informe oral de cuatro surfistas, tres hombres y una mujer. Las narraciones de estos surfistas, que se profesionalizaron a partir de la década de 1990, muestran un conjunto de inversiones vinculadas al modelado de un estilo agresivo de surf, en la línea del circuito más popular de la época. Y, también señalan, formas en que sus cuerpos actuaron para realizar las técnicas de maniobra.

Palabras clave: Surf profesional; Técnicas del cuerpo; Narrativas

1 INTRODUÇÃO

Booth (1995) apresenta um cenário de expansão do surfe pós-Segunda Guerra Mundial, depois das “proibições” a ele impostas no Havaí, pelos missionários calvinistas no final do século XIX (BOOTH, 1995). Um resultado desse novo momento do surfe é a superpopulação de surfistas não apenas no Havaí, mas em diferentes “picos”³⁶, inclusive, da América do Sul.

O aumento da prática do surfe produziu novos fenômenos, como é o caso, por exemplo, do “localismo”, termo utilizado para descrever relações de violência entre surfistas (GOMES, 2009; BANDEIRA, 2014; LINDSAY; DEBORAH, 2015). Segundo Booth, o localismo pode ser entendido como: “uma resposta social ao excesso de surfistas no mar” (BOOTH, 2015, p. 3).

A Califórnia foi um dos polos dessa proliferação, inclusive do surfe como um passatempo hedonista aceitável³⁷. Diferente do que ocorria, por exemplo, na Austrália, onde a *Surf Life Saving Association of Australia* (associação que regia os banhos públicos) só aceitou pranchas como equipamentos de remo depois que alguns de seus membros provaram sua utilidade em operações de resgate (BOOTH, 1995)³⁸.

No Brasil, o hedonismo californiano manifestou-se na década de 1960, principalmente no Rio de Janeiro, apropriado, como uma distinção dos

³⁶ Albuquerque (2006, p. 10) destaca que essa expressão, para os surfistas, “representa não apenas o lócus onde as ondas quebram, mas todo o ambiente físico e social que é adequado e usado pelos surfistas: o território terra-mar”. Ver outros significados em: Alves Junior (2011); Bandeira (2014).

³⁷ Maiores informações sobre as formas de difusão do hedonismo na Califórnia, consultar Booth (1995).

³⁸ Os australianos, nas primeiras viagens ao Havaí, insultaram o banho público como uma afronta à decência. A SLSAA foi formada na Austrália em meio a um debate sobre a representação e a apresentação dos corpos de banho (BOOTH, 1991; 1995).

costumes, por “uma juventude atraída pela extravagância do comportamento e o exotismo da aparência dos surfistas, que adotavam um estilo de vida marcado pelo descompromisso” (DIAS; FORTES; MELO, 2012, p. 125).

Um pouco mais tarde, nas décadas de 1970 e 1980, também no Rio de Janeiro, o surfe foi adotado por uma juventude que primava por uma vida saudável e em contato com a natureza. O surfe como “uma alternativa” (MELO; FORTES, 2009, p. 292), um contraponto à lógica do trabalho e ao estilo de vida urbano. Em âmbito internacional, essa perspectiva “alternativa” estava ligada ao movimento que ficou conhecido como “surfe de alma” (BOOTH, 2015, p. 5). Movimento que “trazia uma crítica da vida cotidiana [...] por meio da adoção de posturas antiautoritárias [e] hábitos iconoclastas (na música, roupas, linguagem e estilo de vida)” (HARVEY *apud* BOOTH, 2015, p. 5). Ademais, no Brasil, importou-se o hábito de fumar maconha (VELHO, 2003). Entretanto, Alves e Melo (2017) analisam que os ideais da contracultura foram apropriados pelos surfistas cariocas nos anos de 1970, em uma perspectiva de “negociar com o sistema” (p. 8), principalmente, através das publicidades que enfatizavam o estilo de vida ligado a hábitos da contracultura.

Algumas daquelas publicidades geraram efeitos constrangedores aos surfistas que, mais tarde, na década de 1990, tentavam se profissionalizar: “a gente tinha dois adversários, um deles era o cara que entrava na bateria com você pra competir e o outro era a opinião pública sobre a tua profissão”³⁹. Diante do público, não estava em jogo se o surfista ia bem ou mal: “isso nem se discutia. Era o fato de ser surfista, isso para alguns era sentido de pejoração”⁴⁰. Havia constrangimento, inclusive, em preenchimentos de cadastros comerciais: “a pessoa perguntou duas vezes: – a tua profissão?”⁴¹. Tratava-se de uma descrença comum à época de que alguém poderia unir disciplina, prazer e remuneração, o que, por sua vez, ecoava como um ruído aos ouvidos daqueles que escutavam a resposta: “surfista profissional”⁴².

³⁹ Flávio Padaratz. O processo de produção dessa narrativa, assim como a de Jacqueline Silva, será apresentado na sessão “considerações teórico-metodológicas”.

⁴⁰ Padaratz.

⁴¹ Silva.

⁴² Silva.

Fortes (2012) evidencia que a revista *Fluir*⁴³ teve um papel importante na profissionalização do surfe brasileiro. Por um lado, ela “silenciou sobre questões espinhosas como drogas e localismo” (p. 183); por outro, visibilizou as competições: “até 1986 as principais competições isoladas realizadas no país tinham um grande espaço [...]. De 1987 em diante o destaque são para as etapas do circuito brasileiro profissional [...] e, claro, a existência de um campeão brasileiro oficial”⁴⁴ (2012, p. 182).

O cinema brasileiro foi outro importante canal de mudança à imagem do surfista. De 1991 até 2006 “meios de comunicação ligados ao surfe e/ou ao público jovem” tiveram participação no “patrocínio, apoio e promoção dos filmes” (FORTES; MELO, 2013, p. 205). Tratou-se de transformações referentes aos homens, já que as mulheres tiveram “escassa participação nas cenas e sequências diretamente ligadas ao surfe” (FORTES; MELO, 2013, p. 205).

Essa homogeneização masculina no cinema nem sempre era seguida em âmbito internacional. Um exemplo disso é o caso da norte-americana Lisa Andersen, visibilizada por vencer “quatro títulos mundiais consecutivos entre 1994 e 1997” (DIAS, 2010, p. 80). A pouca visibilidade da mulher surfista nos filmes brasileiros também pode estar ligada ao fato de que algumas se negavam a fazer uso de “seus atributos de beleza como ferramenta de mercado, isto é, para obtenção de patrocínios ou publicidade” (DIAS, 2010, p. 80).

Entre os homens, a identidade profissional produzida pelas empresas de marketing esportivo contribuiu para que o surfe fosse “reconhecido mundialmente [...]”. Hoje as pessoas sabem que o surfe é uma profissão⁴⁵. Em boa medida, as empresas responsáveis pela imagem de Gabriel Medina e Adriano de Souza contribuíram para essa visibilidade, potencializada com os títulos mundiais conquistados por ambos em 2014 e 2015, respectivamente⁴⁶.

⁴³ Revista especializada em surfe, que começou a circular em 1983 e encerrou suas atividades em 2015. Ver mais em FORTES (2012).

⁴⁴ O vencedor do primeiro Circuito brasileiro foi o surfista paulista Paulo Matos (Paulo do Tombo). O circuito ocorreu entre os meses de janeiro e novembro de 1987, totalizando cinco etapas, das quais Paulo foi campeão na primeira e vice em outras duas.

⁴⁵ Silva (2018)

⁴⁶ Ver mais em Brandão (2015) e Vieira (2017).

A comercialização do surfe para canais de televisão foi um dos principais anseios dos havaianos *Kamaaina haole*⁴⁷, que desde a década de 1960 defendiam a profissionalização do surfe, inclusive contrapondo-se a movimentos como os surfistas de alma⁴⁸. Fred Hemmings, por exemplo, argumentou: “uma vez que o público leigo, através da magia da televisão, veja uma série competitiva, será fácil para eles perceberem que o surfe é um S-P-O-R-T saudável e limpo” (BOOTH, 1995, p. 197).

As competições ajudaram a legitimar o surfe no campo midiático, apesar de muitos julgarem que: “códigos estritos de conduta, exagero e brilhantismo fabricados e a burocracia do profissionalismo são a antítese dos ideais hedonistas do surfe” (BOOTH, 1995, p. 206). Entretanto, há surfistas da geração Medina, como Ricardo dos Santos (Ricardinho), que acreditam ser possível unir o surfe competitivo a uma postura engajada em defesa da natureza e do meio ambiente (SOUZA; HECKTHEUER; RIGO, 2019).

1.1 Sobre a construção do problema de pesquisa

O problema desta pesquisa surgiu da repercussão que teve um aéreo nota 10 de Gabriel Medina na final da etapa do Circuito Mundial de surfe, em 2015 na praia de Pipeline. O discurso que se proliferou nas redes sociais, circundou o fato daquela ser uma praia com característica de onda em que, geralmente, se valorizam os tubos. A questão das manobras estendeu-se a presente pesquisa e, para escapar de polêmicas envolvendo critérios de julgamento nos colocamos a pensar os modos como os surfistas fazem uso de seus corpos.

Assim, buscamos uma aproximação com alguns surfistas brasileiros que ingressaram no Circuito Mundial ao longo da década de 1990, a fim de produzir uma narrativa sobre os processos de construção das técnicas de manobrar. Implicado a essa analítica, emergiu alguns desdobramentos sobre rol dos Técnicos de Surfe.

⁴⁷ Pessoa branca nascida ou tendo residido por um longo período no Havaí.

⁴⁸ Importante frisar a repulsividade dirigida aos ‘surfistas de alma’ no Havaí. Lá eles não eram bem quistos nem pelos *Kamaaina haole* e nem pelos indígenas havaianos: “ambos os grupos os viam como outra ameaça ao paraíso” (BOOTH, 1995, p. 197).

Nosso estudo dialoga, mas se diferencia de outros já realizados sobre o desempenho no surfe. Como é o caso, por exemplo, de Peirão (2011), que, através de vídeo-análise, analisou os escores atribuídos pelos juízes aos surfistas, em baterias de duas etapas do Circuito Mundial. E Souza, Rocha e Nascimento (2012) que, também mediante vídeo-análise, correlacionam o tempo do *botton turn*⁴⁹ de atletas do Círculo Mundial com as respectivas notas atribuídas pelos árbitros de surfe.

Essa abertura às técnicas das manobras dos surfistas nos aproximou de Marcel Mauss (2017), quando o autor considera que: “o primeiro e mais natural objeto técnico e, ao mesmo tempo meio técnico, do homem, é seu corpo” (p. 428). E essas técnicas do corpo são sentidas “como um ato de ordem mecânica, física ou físico-química” (p. 428) e comunicadas “por sua transmissão oral” (p. 427). Desse modo, o objetivo deste estudo foi produzir uma narrativa sobre o processo de construção das manobras do surfe e as técnicas corporais de surfistas brasileiros.

2 CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

A metodologia utilizada na pesquisa foi a História Oral, (BOM MEIHY; HOLANDA, 2015; MONTENEGRO, 2010), cujas “fontes orais”⁵⁰ foram constituídas junto a quatro surfistas profissionais e foram documentadas “por meio de gravações eletrônicas feitas com o propósito de registro” (BOM MEIHY; HOLANDA, 2015, p. 14). A formação dessa rede de “narradores” (BENJAMIN, 1994), iniciou em conversas via *Facebook* com o “*brother*”⁵¹ de um amigo: “conheço alguns surfistas aqui na ilha, Fabio Gouveia, Flávio ‘Teco’

⁴⁹ Manobra que se caracteriza “por uma curva na base da onda a qual o surfista deve realizar com intuito de se projetar à crista da mesma e efetuar outra manobra em consequência desta” (SOUZA, ROCHA, NASCIMENTO, 2012, p. 555).

⁵⁰ O conceito de fontes orais foi utilizado nessa pesquisa, como fontes primárias produzidas a partir da oralidade de seus sujeitos. O produto desse processo de produção oral foi atrelado a “outras fontes documentais do trabalho historiográfico” (LOZANO, 2006, p. 23), como, por exemplo, fotografias publicadas em uma revista especializada em surfe na década de 1990. Mais informações sobre a produção de fontes orais nessa pesquisa ver o texto **Entre(vistas) e ditos**: problematizações em torno da História Oral com um ex-surfista profissional. Disponível em: <http://www.chcsantacasa.org.br/wp-content/uploads/2018/05/e-book.pdf>. Acesso 30/10/2019.

⁵¹ Termo utilizado pelo amigo de um dos pesquisadores em uma conversa sobre a pesquisa em andamento.

Padaratz, Binho Nunes, Cristiano ‘Guima’ Guimarães, o Rodrigo ‘Pedra’ Dornelles em Torres – RS. Estes são expoentes do surfe mais da antiga”⁵².

A partir daquela conversa, foi possível estabelecer contato com Padaratz⁵³; Guimarães⁵⁴ e Dornelles⁵⁵. Ao longo da pesquisa, a curiosidade pelos desafios do surfe feminino potencializaram a articulação de Jacqueline Silva⁵⁶, surfista indicada por Padaratz. Frente às narrativas obtidas, tem-se em conta que registros “orais”, assim como os “escritos”, “serão sempre representações acerca da realidade, e jamais a apreensão do acontecido em si” (MONTENEGRO, 1996, p. 208). Trata-se, sobretudo, de um exercício de compreensão, visando desnaturalizar “a relação ou a representação que procurava associar de forma unívoca o objeto ou a coisa à palavra” (MONTENEGRO, 2010, p. 31).

A gênese das manobras do surfe, a partir dos relatos dos surfistas, está pensada na perspectiva do “narrador”, o qual “retira da experiência o que ele conta” (BENJAMIN, 1994, p. 201). Para esse autor, a narração não é um “produto exclusivo da voz” (BENJAMIN, 1994, p. 220); no caso em questão, acrescentamos os gestos e os corpos postos em jogo nas narrativas de nossos narradores surfistas. Essas técnicas foram pensadas a partir da “noção inglesa de *craft*, de *clever* (destreza, presença de espírito e hábito)” ou, se quisermos, como uma “habilidade em alguma coisa” (MAUSS, 2017, p. 431)⁵⁷.

Mauss ressalta que “antes das técnicas de instrumentos, há o conjunto das técnicas do corpo”, as quais estão ligadas a “hábitos” que se diferem “[...] não simplesmente com os indivíduos e suas imitações”. Mas, “variam, sobretudo com as sociedades, as educações, as conveniências e as modas, os prestígios” (MAUSS, 2017, p. 425).

⁵² Marcello dos Santos.

⁵³ Entrevista de aproximadamente 50 minutos, realizada no dia 26 de fevereiro de 2016, em seu apartamento, no sul da Ilha de Florianópolis – SC.

⁵⁴ Entrevista de aproximadamente 40 minutos, realizada no dia 28 de fevereiro de 2016, em sua casa, no sul da Ilha de Florianópolis – SC.

⁵⁵ Entrevista de aproximadamente 1h, realizada no dia 12 de março de 2016, em seu carro, fazendo o trajeto de Torres – RS às praias de Garopaba – SC.

⁵⁶ Entrevista de aproximadamente 1h e 30 minutos, realizada no dia 28 de abril de 2018, em sua casa, no leste da Ilha de Florianópolis – SC.

⁵⁷ Mauss (2017) está questionando com esses termos a noção de “destreza”, a qual, no francês, sua língua materna, está representada pelo termo “*habile*” que, para ele, “traduz mal a palavra latina *habilis*, bem melhor para designar as pessoas que têm o senso da adaptação de seus movimentos bem coordenados a objetivos” (p. 431).

Ao conceber a técnica como “uma questão cultural e não como um procedimento maquinal”, Richard Sennett (2009, p. 19) aproxima-se de Mauss, inclusive, quando agrega que “existe um ritmo a governar o desenvolvimento das aptidões humanas” (SENNETT, 2018, p. 242), que envolve: “a impregnação de um hábito” (p.242), o “questionamento dos hábitos estabelecidos” e a “reimpregnação de um hábito mais a propósito” (p. 243). Algo que identificamos no trabalho de aperfeiçoamento, ajuste e incorporações das manobras, por parte dos surfistas adeptos ao surfe competitivo.

3 MUTAÇÕES DAS TÉCNICAS CORPORAIS DO SURFE PROFISSIONAL

De posse das narrativas dos surfistas, identificávamos que uma série de técnicas corporais foi, pouco a pouco, sendo incorporada de diferentes maneiras na narração. E são aqui pensadas com Mauss (2017), para o qual as técnicas pressupõem transmissão, de geração em geração, de uma tradição. Os atos tradicionais são “montados no indivíduo não simplesmente por ele próprio, mas por toda a sua educação, por toda a sociedade da qual faz parte, conforme o lugar que nela ocupa” (MAUSS, 2017, p. 428).

Mauss (2017, p. 425) fala também da “imitação prestigiosa”, isto é, “a criança, como o adulto, imita atos bem sucedidos que ela viu ser efetuados por pessoas nas quais confia e que têm autoridade sobre ela”; dessa forma, assimilam “a série dos movimentos de que é composto o ato executado”. O corpo, em suas dimensões físico-biológicas, longe de ser “natural”, é constituído, moldado socialmente. Assim, Daolio (2010, p. 5) enfatiza que Mauss amplia as concepções de corpo e possibilita “diferenciá-lo por meio de seu uso específico e regional”.

Nas narrativas dos surfistas, os usos regionais do corpo surgiram atrelados às manobras, como a “batida”, também chamada de *Re-entry*. Peirão (2011, p. 59) define essa manobra como: “uma curva no topo da onda onde o surfista reentra na face da onda após o contato com o topo ou a espuma quebrando”. E complementa: “[...] Deve ser precedida de uma cavada bem acentuada, as quilhas devem sair da água e são vistas nas curvas abaixo e acima” (PEIRÃO, 2011, p. 59).

Rodrigo Dornelles fala da confiança técnica que sentia em realizá-la na “junção”, caracterizada como um momento inicial de quebre ou quebra da onda após o encontro de duas sessões antagônicas de espuma. Ele atribui tal facilidade ao fato de estar habituado a surfar, nas “ondas difíceis do Rio Grande do Sul”. Dificuldade relacionada a praias planas, com contornos paralelos, menos indicadas para o surfe, uma vez que o ângulo de deslocamento da onda é curto. As ondas simplesmente se fecham quando seu *lip*⁵⁸ quebra de uma só vez, ao invés de descascar (SCARFE *et al.*, 2003).

Outras manobras ligadas a usos específicos do corpo em sintonia com as características de onda foram o “*Cut Back*”⁵⁹, definido como: “uma curva em direção à parte quebrada da onda pela base, mudando de direção horizontalmente no mínimo 130°. [...] Antes de fazer a curva, seguir até o ombro da onda [...] retornar em 180° até a parte mais crítica da onda, na figura de um oito” (PEIRÃO, 2011). E a “*rasgada*”⁶⁰: “uma curva na face da onda com uma inclinação pronunciada, sendo executada com grande velocidade e com um dos bordos da prancha submerso” (PEIRÃO, 2011, p. 59).

Padaratz atribui sua eficiência naquelas manobras a sua posição corporal na prancha em relação à onda. E relaciona isso à singularidade da praia em que ele se radicou: “a onda de Balneário Camboriú tem uma esquerda predominante, muito boa, favorecia esse tipo de manobra”, já que o *lip* da onda constituía-se como uma “alavanca para o pé de trás”. Ele obtinha maior eficácia ao realizá-las de “*front side*”, quando a parte ventral do corpo do surfista está voltada para a onda (LONDOW; PATRICK; ROSS, 1996; MOREIRA, 2007; PEIRÃO 2011).

De modo geral, as buscas pelas junções das ondas no Rio Grande do Sul, como também ao *lip* mais inclinado das ondas de Santa Catarina, demandavam um dinâmico jogo corporal entre as partes inferior (base) e superior (*lip*) da onda, com o qual os surfistas geravam velocidade, crucial para o desempenho das manobras. Entretanto, a velocidade, quando excedida, em algumas ocasiões, provocava certa imprevisibilidade sobre qual manobra

⁵⁸ *Lip* (lábio, em inglês) constitui-se como a parte superior da onda. Também chamado em uma linguagem popular de crista da onda (pouco usada entre os surfistas).

⁵⁹ Padaratz.

⁶⁰ Padaratz.

desempenhar: “às vezes se torna um *Cut Back* e você acaba voltando para a espuma e às vezes só a rasgada, assim *snap*”⁶¹ ⁶².

A surfista catarinense Jaqueline Silva também demonstra atenção à interdependência entre as técnicas de manobrar e a configuração das ondas quando fala da transição da categoria amadora para a profissional e do encontro com as “ondas perfeitas: longas assim de várias manobras”. Nelas, o principal desafio foi “saber o *time*, onde manobrar?”. Ela comentou que requeria um controle da euforia para assim “aprender a ler a onda”, já que se diferenciava do surfe de Santa Catarina. Neste, “tu tem que ser rápido na leitura”.

Silva também comentou sobre o caso da praia de *Snapper Rocks*, Austrália, que demandava outra leitura por parte do surfista: “tu não podes *dropar* e sair correndo. A onda espera pra tu manobrares, até tu conseguires ter uma leitura dessa onda é difícil, é prática”. Trata-se de atentar para os “significados da relação do surfista com o mar nas sensações corporais experimentadas nas técnicas do remar, sentar, dar o joelhinho”⁶³ e dropar a onda” (BANDEIRA; RUBIO, 2011, p. 106). No caso da surfista profissional, os significados técnicos perpassam, inclusive, a geografia da onda e seu tempo-espaço após o drape, ativador de uma sensibilidade em que o corpo-onda busca uma sincronia.

Essa leitura sincronizada com a onda foi um desafio para Padaratz: “eu ficava com pressa e virava na metade. Já dava uma pancada no *lip* e fazia outra manobra. Era um afobado!”. Trata-se de um diagnóstico produzido no padecer das competições, mas que encontra relação com os achados de Souza; Rocha; Nascimento (2012, p. 560), os quais identificaram que “quanto mais tempo o surfista permanece num *bottom turn*, maior será a área percorrida na base da onda, capacitando o surfista a projetar sua prancha de maneira adequada a fim de se aproximar o máximo possível dos critérios de julgamento [...]”.

⁶¹ São as mudanças súbitas de direção realizadas através de curvas acintosas geradoras dos jatos d’água.

⁶² Padaratz.

⁶³ Técnica “de furar a onda, ou seja, afundar a prancha e mergulhar com ela para atravessá-la, ou passar por debaixo dela enquanto quebra, evitando ser atingido ou arrastado” (BANDEIRA; RUBIO, 2011, p. 108).

O estilo de Fábio Gouveia, companheiro de equipe de Padaratz, foi crucial para superar a afobação e aprender a técnica da cavada: “curva inclinada na base da onda, usada para gerar velocidade para a próxima manobra” (PEIRÃO, 2011, p.59). Padaratz relata que aprendeu “muito com ele (F. Gouveia). Eu vi que você tem que descer na base, você tem que dar um tempo para esperar a onda levantar; não adianta você querer adiantar esse processo”. Assim, quando o tema eram manobras de surfe, por exibir técnicas tão aprimoradas, Gouveia foi destaque não só entre os surfistas de sua geração, mas também entre as principais mídias especializadas em surfe do Brasil.

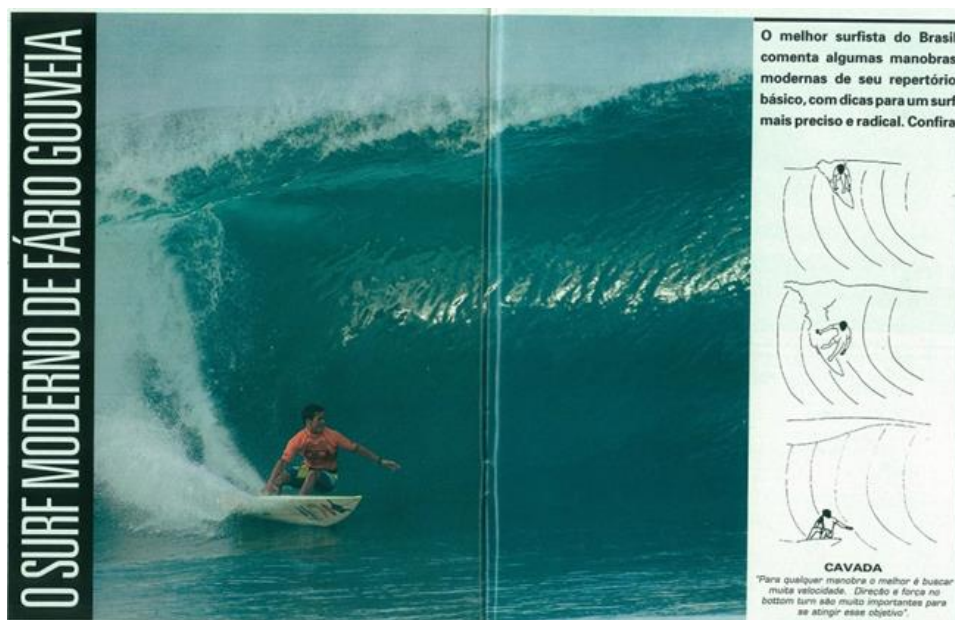


Imagem 1: Revista Fluir, ano 9, número 9, edição 85, 1992, p.52-53.

Acerca da apropriação de técnicas e de conhecimento de surfistas de outras gerações, Silva contou que seu “surfe foi sempre de linha, estilo Teco; estilo Fabinho; estilo Neco”. E “estilo Evandro dos Santos e André Barcellos”, seus conterrâneos na Barra da Lagoa – SC: “eles tinham um pouco mais idade do que eu e já corriam campeonatos na categoria *Open*, Junior; um surfe bem bonito assim, de variação de manobras, de força”. Dornelles segue a mesma perspectiva: “pô, aprendia muito vendo os outros surfarem [...] quem me influenciou bastante foi o Fábio Gouveia, o Teco Padaratz. Na época o Fábio Gouveia foi campeão mundial amador, eu acho que foi em 88”.

Esse surfe de linha não é “muito agressivo de dar aéreo, ficar rodando”⁶⁴, consiste, basicamente, em um vaivém nas partes inferior e superior da onda: “eu consegui me dedicar bastante a essa linha de *base-lip*”⁶⁵. Ou seja, uma linha “não tão arrojada, mas, de harmonia com a onda”⁶⁶, que reverbera nas formas das manobras, como, por exemplo, o *Cut Back* realizado como “transição”⁶⁷ entre manobras: “com uma linha redonda tanto para as rasgadas quanto para as batidas”⁶⁸. Booth (1995, p.194) classifica esse estilo como um surfe que transmite a “graça estética e a postura do primeiro período do surfe moderno”, que surgiu década de 60 no Havaí. Naquela época, influenciados pela filosofia polinésia, os “surfistas havaianos dançavam *com* as ondas, fluindo em ritmo suave com sua direção natural” (BOOTH, 1995, p. 194).

As narrativas dos surfistas brasileiros demonstram uma heterogeneidade quanto à construção do estilo de surfar, principalmente, com a entrada dos/das atletas no Circuito Mundial: “meu surfe ficou bem marcado nessa minha passagem pelo circuito, por ter o que eles chamavam de um *back hand* forte assim né. De atacar nas partes mais críticas!”⁶⁹. Aqui se observa certa influência do estilo *Hot dog*, “precursor de uma abordagem agressiva de atacar a onda” (BOOTH, 1995, p. 193), difundido pelos californianos e australianos através de “manobras criativas, como *Cut backs* e *Nose tiding*, enquanto tentavam preservar a postura” (BOOTH, 1995, p. 193).

Na problematização iniciada em meados da década de 60, as pranchas eram tidas pelos surfistas australianos como o instrumento instaurador de uma “nova era” ao surfe. Já os californianos preferiram tomar as novas manobras como criatividade descontraída, idealizavam-se como “artistas de alta performance” (BOOTH, 1995, p. 194). De todo modo, o estilo *Hot Dog* transformou os modos de surfar: as pranchas mais curtas possibilitavam

⁶⁴ Silva.

⁶⁵ Silva.

⁶⁶ Dornelles.

⁶⁷ Scarfe *et al.* (2003) sugere três categorias para a classificação das manobras: as “funcionais”, responsáveis pela manutenção do surfista na região onde quebra a onda; as “expressivas”, realizadas para atender a necessidade de o surfista realizar um feito difícil; e as de “transição”, curvas na parte superior e inferior da onda, consideradas como movimentos de transição usados para unir manobras funcionais com manobras expressivas.

⁶⁸ Dornelles.

⁶⁹ Silva.

dançar “nas ondas, ‘conquistando’, ‘atacando’ e reduzindo-as a etapas a avançar”⁷⁰ (BOOTH, 1995, p. 194), um surfe sintonizado a “uma abordagem bruta, competitiva e objetiva da vida” (BOOTH, 1995, p. 194).

Diferentemente do estilo australiano, no qual se tinha como enfoque a modelagem das pranchas, a produção narrativa dos surfistas brasileiros, quando voltada ao estilo, enfatiza um amoldamento do corpo com a onda, como, por exemplo, durante a execução da manobra *Lay Back*, nela: “tu dá meio que uma deitada de costas na junção, [...] flexionando a perna da frente e esticando a de trás e dando uma agachada assim ó”⁷¹. Essas técnicas devolviam a ideia de uma simultaneidade corpo-onda, nesta ocasião, a plasticidade técnica do surfista gerava um efeito plástico na onda que “Impressionava! Porque jogava bastante água”⁷².

O *Lay back* também pode ser pensado como uma manobra funcional, como, por exemplo, nos tubos, “quando o surfista desliza na parede coberto pela cortina de água resultante da rebentação, ficando dentro da onda, que é cavada e tubular, para depois reaparecer saindo do tubo” (PEIRÃO, 2011, p. 60). Fábio Gouveia, em suas dicas na revista *Fluir*, anuncia a posição de “deitar com as costas na onda” como uma estratégia corporal frente aos “tubos mais exprimidos” (FLUIR, 1992, p. 59). Cabe ressaltar que os tubos foram um “desafio para qualquer brasileiro”⁷³ estreante nas ondas perfeitas das praias-sede do Circuito Mundial, na década de 90: “porque não é todo dia que tem uma onda tubular, aqui na frente de casa”⁷⁴.

⁷⁰ Nos estudos de Scarfe *et al.* (2003, p. 41), o avançar dos surfistas sobre a onda foi instrumento de classificação dos Níveis de Habilidade do Surfista. Os deslocamentos dos surfistas são aferidos por “um sistema de classificação quantitativo de 1 a 10”. O maior nível de habilidade depende da capacidade de o surfista “negociar seções difíceis da onda e unir seções para um deslocamento mais longo” (SCARFE *et al.* 2003, p. 41).

⁷¹ Guimarães.

⁷² Guimarães.

⁷³ Padaratz.

⁷⁴ Padaratz.

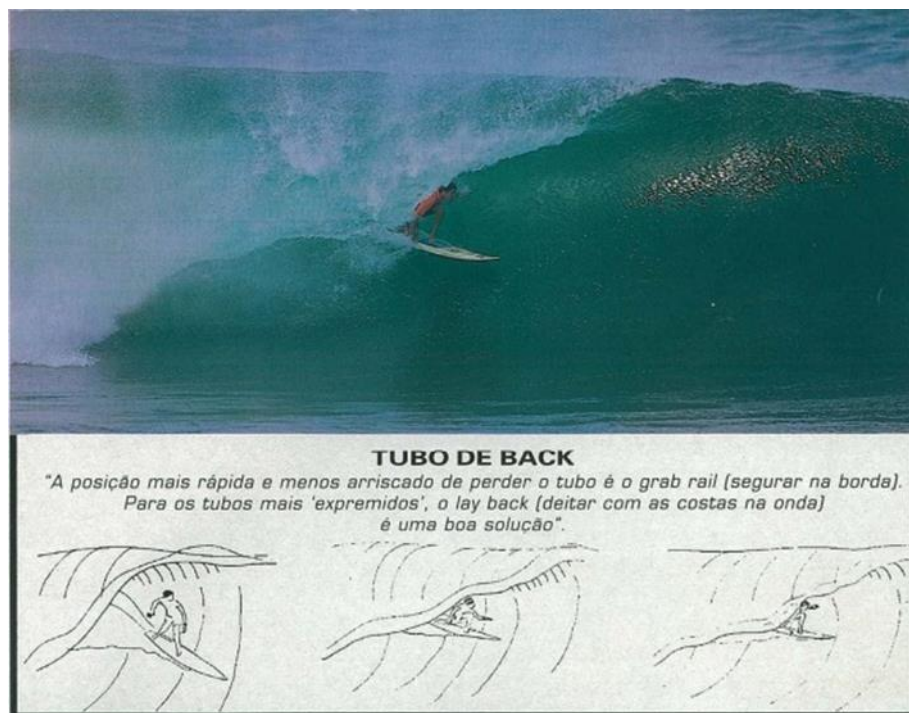


Imagem 2: Revista Fluir, ano 9, número 9, edição 85, 1992, p. 59.

Esse jogo corporal também pôde ser identificado nas ondas não tubulares. Por exemplo, a busca por uma maior angulação da "rasgada no *lip*, bem aberta, com os braço [sic] bem abertos"⁷⁵. Uma evidência de que, para a eficácia da manobra, não era necessário apenas um jogo de força com os membros inferiores, mas também uma série de direcionamentos com os braços, a fim de uma harmonia das angulações entre a linha gerada pelo deslocamento da prancha e os movimentos do corpo. Além disso, o tronco também surge como um importante instrumento corporal, principalmente para a "verticalidade do *back side*, no estilo né".⁷⁶

A construção de uma linha vertical de surfar, imposta pela ênfase dirigida ao ataque ao *lip*, colocava um desafio para os surfistas que surfavam de *back side* – quando a parte dorsal do corpo do surfista está voltada para a onda (LONDOW; PATRICK; ROSS, 1996; MOREIRA, 2007; PEIRÃO 2011). Segundo Padaratz, esse desafio foi superado a partir de um diagnóstico do técnico⁷⁷, que lhe passava orientações como: "você tem que surfar direita cara, você tá fraco de *back side*, você tem que aprender a dar a batida"⁷⁸. Os

⁷⁵ Silva.

⁷⁶ Padaratz.

⁷⁷ Trataremos o tema técnico de surfe na próxima sessão deste artigo.

⁷⁸ Padaratz.

movimentos de tronco surgiam em dicas estratégicas como: “você tem que fazer o giro para poder caracterizar a manobra como completa”⁷⁹.

Mas o desafio até a verticalidade também foi tema para os surfistas que surfavam com o ventre voltado para a onda. Gouveia, que usa o pé esquerdo na frente da prancha⁸⁰, portanto surfa de *frontside* quando a onda abre para a direita⁸¹, recomenda a estratégia de agachar-se na cavada para maior verticalidade na batida:

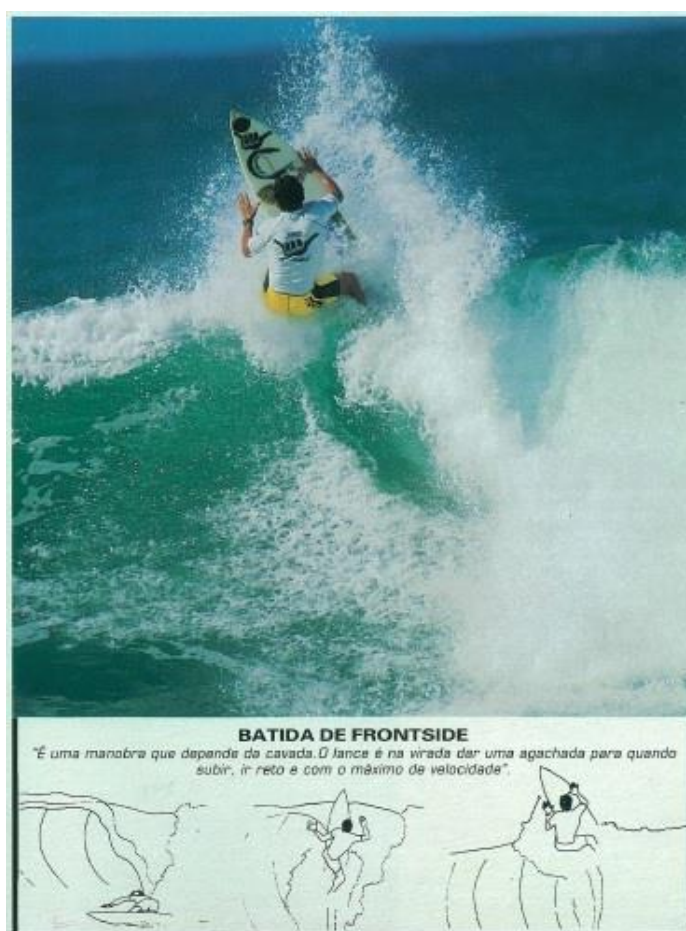


Imagem 3: Revista Fluir, ano 9, número 9, edição 85, 1992, p. 57

⁷⁹ Padaratz.

⁸⁰ Os termos que nomeiam os posicionamentos dos pés tomam como referência a parte frontal da prancha. Os surfistas que pisam com o pé direito na parte da frente são chamados *Goofy foot*; aqueles que pisam com o pé esquerdo são identificados como *Regular* (LONDOW; PATRICK; ROSS, 1996; MOREIRA, 2007; PEIRÃO 2011).

⁸¹ A onda é chamada de Direita quando quebra para a direita, a partir da perspectiva do surfista no mar (e para a esquerda de quem olha da praia) e de Esquerda quando quebra para a esquerda, a partir da perspectiva do surfista no mar (e para a direita de quem olha da praia) (SCARFE, *et al.* 2003).

4 PÓS-IMITAÇÃO: A EMERGENCIA DA ORIENTAÇÃO DAS FORMAS TÉCNICAS

Uma consequência desse enfoque nas técnicas corporais dos surfistas profissionais foi o encontro com questões referentes ao rol dos técnicos de surfe. Entre os pioneiros nesse papel, um dos lembrados foi Avelino Bastos⁸²: “[...] ele shaipava prancha né para todo mundo, então ele me levava na barca, eu ia junto como mascote”⁸³. Mas, depois de uma viagem internacional, “ele veio com esse papo de me mandar para os Estados Unidos, para morar lá. Ia me tornar profissional”⁸⁴. Ou seja, apesar de ainda não ser um atleta profissional, Padaratz conta que sua “carreira de amador foi toda treinada, preparada!”

Bastos parece ter seguido uma metodologia bastante própria em seu pioneirismo como técnico. Conforme relatou Padaratz, ele geralmente: “deixava umas tarefas para fazer no sentido de treinamento do surfe: alongamento antes de entrar na água; concentração na hora de pegar onda; treinar tempo de bateria na água com um amigo; treinar entrevista; olhar entrevistas de outros esportistas”. Estratégias que mostram diferenças quanto à função desempenhada por outros técnicos da época.

Dornelles comenta que a função de seu técnico era “mais na bateria assim, o psicológico, estar sempre motivando”. Nas sessões de *freesurf*, o técnico aparece como alguém que observava o que “os outros surfistas estavam fazendo”⁸⁵ para, posteriormente, aconselhar o atleta. Silva lembrou que: “gostava de estar conversando, ou era com Bira, meu técnico, ou era com a Tita⁸⁶, ou era com outras meninas”, para ela, o técnico desempenhava uma função “mais estratégica, não tinha tanta parte física”⁸⁷. Havia, inclusive, uma resistência aos treinamentos físicos, gerada por receios do tipo: “se tiver que me lesionar vai ser surfando, não treinando”⁸⁸.

⁸² Shaper (modelador de prancha) desde 1976, quando criou sua primeira prancha de surfe. Avelino Bastos se profissionalizou como “shaper” dois anos depois.

⁸³ Padaratz.

⁸⁴ Padaratz.

⁸⁵ Dornelles.

⁸⁶ Surfista cearense campeã mundial amadora de surfe feminino em 1993 e vice-campeã em 1994. No circuito mundial feminino, foi a primeira mulher a tirar nota 10 (WQS em 1996).

⁸⁷ Dornelles.

⁸⁸ Silva.

Mas, entre os direcionamentos de Bastos, emergia a função de orientação às formas técnicas para as manobras. Nesse papel, o trabalho com o corpo do surfista surgia como uma extensão de seu trabalho como modelador de pranchas: “lapidando a linha do meu surfe”⁸⁹. Com orientações do tipo: “– Cuidado com essa mãozinha ó, tá parecendo muito o Derek Ho⁹⁰”⁹¹, Bastos problematizava as posições corporais de Padaratz, usando como referência outros surfistas.

Ademais, o técnico Avelino Bastos enfatizava modos de usos do corpo para a eficácia do movimento: “– logo que faz o *Cut Back* ou virada de *Back side*, joga o tronco! Aponta ele para onde você tá indo!”⁹². Um cuidado para se “empregar força mínima” (SENNETT, 2018, p. 253) na lapidação das manobras e buscar uma correlação entre a resistência física da onda e os gestos do surfista.

O cuidado com o empenho da força mínima potencializa-se no “estabelecimento de uma boa relação com as próprias ferramentas” (SENNETT, 2018, p. 254). Avelino Bastos utilizava a forma da prancha como uma referência para indicar maior precisão da Batida no *lip* da onda: “– onde passa o bico, passa a rabeta”. Ou, como um instrumento para o diagnóstico e correção da posição das pernas do surfista: “– você tá com a base muito aberta!”⁹³, trabalhava, então, “um novo modelo de prancha”⁹⁴ que, segundo o técnico, forçaria o surfista a “fechar a base e ficar mais harmônico no estilo”⁹⁵.

Dicas pontuais e estratégicas, aliadas a um cuidado com o estilo de cada surfista, de certa maneira, situam Avelino Bastos no campo dos “conhecimentos pedagógicos para o ensino do surfe” (RAMOS; BRASIL E GODA, 2013, p. 390). No entanto, nos saberes do técnico em questão, destaca-se o lapidar dos detalhes das manobras do surfe, bem como das técnicas corporais dos surfistas, e não uma sistematização de conteúdos, categorizados em “Conhecimento Curricular do Conteúdo” (RAMOS; BRASIL; GODA, 2013, p. 385). Bastos primava pela lapidação do estilo do surfista via

⁸⁹ Padaratz.

⁹⁰ Primeiro surfista havaiano a conquistar um título mundial no circuito profissional de surfe.

⁹¹ Padaratz.

⁹² Padaratz.

⁹³ Padaratz.

⁹⁴ Padaratz.

⁹⁵ Padaratz.

transmissão oral, dirigida ao próprio ato de surfar, colocando em jogo a ideia de que “a performance esportiva tem, acima de tudo, seu fim em si mesma” (WELSCH, 2001, p. 151).

“Avelino me pegou para criar, vamos dizer assim, dentro do surfe”⁹⁶. Além da relevância e amplitude do papel de Avelino Bastos, na formação de Padaratz, como surfista, essa narrativa remete-nos à outra questão que tem se evidenciado na nova geração de surfistas profissionais brasileiros, apelidada de “Tempestade brasileira”⁹⁷, que é a Pai-ex-surfista-técnico. Como é o caso, por exemplo, do surfista Charles Saldanha, padrasto e técnico do bicampeão mundial Gabriel Medina; de Ricardo Toledo, surfista bicampeão brasileiro (1991 e 1995), pai e técnico do atual fenômeno Filipe Toledo; e do surfista Leandro Dora, pai e técnico do estreante no Circuito Mundial, Yago Dora. Leandro também foi técnico de Ricardinho da Guarda e de Adriano de Souza, brasileiro campeão mundial de surfe em 2015⁹⁸.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho, que teve como objetivo produzir narrativas sobre o processo de construção das manobras do surfe e as técnicas corporais de surfistas brasileiros, evidencia o quanto a narrativa, “uma forma artesanal de comunicação” (BENJAMIN, 1994, p. 205), foi capaz de exprimir algumas técnicas corporais dos surfistas, um pouco, “como a mão do oleiro na argila do vaso” (BENJAMIN, 1994, p. 205). Elas mostram o quanto às características de ondas do litoral sul brasileiro (Rio Grande do Sul e Santa Catarina) contribuíram para a impregnação de um hábito de manobrar na parte superior da onda, seja na junção ou no *lip*.

As narrativas dos surfistas evidenciaram algumas maneiras como eles utilizavam seus corpos para empenhar as manobras e produzir efeitos na onda. Os jatos d’água jogados no ataque ao *lip*, por vezes, constituíam uma extensão da performatividade corporal nas manobras. O campo empírico revelou

⁹⁶ Padaratz.

⁹⁷ Tradução de “*brazilian storm*”, expressão utilizada pela imprensa americana para se referir à nova geração de surfistas brasileiros (GULIN; ANDRÉ, 2015).

⁹⁸ Leandro Dora costuma filmar as sessões de surfe de seus atletas para, posteriormente, a partir dos vídeos, indicar correções e ajustes das manobras e das técnicas corporais dos surfistas.

também que os surfistas aperfeiçoaram seus estilos, apropriando-se de conhecimentos oriundos da própria tradição do surfe brasileiro, copiando e incorporando técnicas, manobras e até estilos de outros surfistas mais experientes.

Os questionamentos surgidos com a passagem de alguns surfistas no Circuito Mundial a partir do encontro com ondas longas exigiram uma desaceleração do ritmo pós-drope e novas leituras em relação à atitude no estilo, no qual se pode evidenciar a valorização por maior “agressividade” e “verticalidade”. A passagem do amador para o profissional evidencia algumas pistas do processo de transformação do surfe brasileiro em um esporte moderno (ELIAS, 1992).

A emergência da figura do técnico de surfe, representado pela referência a Avelino Bastos, apesar de não se enquadrar no perfil dos técnicos da maioria das modalidades esportivas modernas, é outra evidência que aponta para um processo crescente da transformação do surfe em esporte moderno profissional. O filme *Carruagens de Fogo* (1981)⁹⁹ ilustra bem o lugar estratégico representado pela figura do técnico no processo de profissionalização de diferentes modalidades esportivas.

Por fim, a presente pesquisa pode também contribuir para um conhecimento maior da especificidade do surfe brasileiro, que ganhou notoriedade e reconhecimento internacional, ao verticalizar as manobras, inclusive, para fora da onda através de técnicas corporais ligadas aos saltos aéreos.

⁹⁹ Carruagem de Fogo retrata os Jogos Olímpicos de 1924, em Paris. Entre outras questões o filme aborda as controvérsias sobre a profissionalização do esporte moderno, em especial a iniciativa do corredor Harold Abrahams, que contrata um técnico de atletismo (Sam Mussabini), para lhe ajudar a vencer a competição. Porém, tal iniciativa é questionada pelos organizadores da competição, que consideram a contratação de um técnico uma atitude que contradiz com os valores éticos do amadorismo esportivo, vigente na época.

6 REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Cynthia Studart. **Nas ondas do surfe: estilos de vida, territorialização e experimentação juvenil no espaço urbano**. 2006. 211f. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Brasil. Disponível em <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/1145>. Acesso em 22 set. 2019.

ALVES JUNIOR, Celso Senna. **O pico dos surfistas e os surfistas do pico: Sociabilidade, territorialidade e surfe na Vila Dos Peixes**. 2011. 125f. Monografia (Graduação em Ciências Sociais), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil. Disponível em <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/121413>. Acesso em 22 set. 2019.

ALVES, Vladimir; MELO, Victor. (2017). Um novo barato: surfe e contracultura no Rio de Janeiro dos anos 1970. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. vol. 39, n.1, pp. 2-9. Disponível em <https://doi.org/10.1016/j.rbce.2016.01.005>. Acesso em 22 set. 2019.

BANDEIRA, Marília; RUBIO, Kátia. Do outside: Corpo e natureza, medo e gênero no surfe universitário paulistano. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, vol.25, n.1, pp.97-110, 2011. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S1807-55092011000100010>. Acesso em 22 set. 2019.

BANDEIRA, Marília. Territorial disputes, identity conflicts and violence in surfing. **Motriz**, Rio Claro, vol. 20, n.1, pp. 16-25, 2014. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S1980-65742014000100003>. Acesso em 22 set. 2019.

BENJAMIN, Walter. (1994) **O narrador: consideração sobre a obra de Nikolai Leskov**. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo; Brasiliense, 1994.

BOM MEIHY, José; HOLANDA, Fabíola. **História Oral: como fazer, como pensar**. São Paulo, 2015.

BOOTH, Douglas. Ambiguities in Pleasure and Discipline: The Development of Competitive Surfing. **Journal of Sport History**, vol.22, n.3, pp.189-206, 1995.

BOOTH, Douglas. História, Cultura e Surfe: explorando relações historiográficas. **Recorde**, vol.8, n.1, pp.1-24. Disponível em <https://revistas.ufrj.br/index.php/Recorde/article/view/2307>. Acesso em 22 set. 2019.

BOOTH, Douglas. War off Water: The Australian Surf Life Saving Association and the Beach. **Sporting Traditions: Journal of the Australian Society for Sports History**, vol.7, n.2, pp.146–151, 1991.

BRANDÃO, Tulio. **Gabriel Medina: a trajetória do primeiro campeão mundial de surfe do Brasil**. Rio de Janeiro. Primeira Pessoa, 2015.

DAOLIO, Jocimar. **Educação Física e o conceito de cultura**. Campinas: Autores Associados, 2010.

DELEUZE, Gilles. **Conversações (1972-1990)**. São Paulo. Ed.34, 2010.

DIAS, Cleber. Novos sonhos de verão sem fim: surfe, mulheres e outros modos de representação. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, vol.32, n.2-4, pp.75-88, 2010. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32892010000200006>. Acesso em 22 set. 2019.

DIAS, Cleber; FORTES, Rafael; MELO, Victor. Sobre as ondas: surfe, juventude e cultura no Rio de Janeiro dos anos 1960. **Revista Estudos Históricos**, vol.25, n.49, pp.112-128, 2012. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-21862012000100008>. Acesso em 22 set. 2019.

ELIAS, Norbert. **A gênese do desporto moderno**: um problema sociológico. In: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. A busca da excitação. Lisboa: Difel, 1992.

FORTES, Rafael; MELO, Victor. Novos formatos, antigos discursos: representações do surf no cinema brasileiro (1991-2006). **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, vol.36, n.1, pp.187-208, 2013. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S1809-58442013000100010>. Acesso 22 set. 2019.

FORTES, Rafael. **Juventude em revista**: surfe e Fluir. In: BUARQUE DE HOLANDA, Bernardo; MELO, Victor (Org.). O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

GOMES, M. A. et al. Identidade coletiva dos surfistas de Florianópolis e o fenômeno do localismo. **Revista de Psicologia**, Florianópolis, vol. 1, n. 1, pp. 85-102, 2009.

GULIN, Nicole; ANDRÉ, Hendryó. **A Representação do Surf Brasileiro na Mídia Antes e Depois da Conquista do Campeonato Mundial 2014 pelo Surfista Gabriel Medina**. Atas do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, (pp. 1-15). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015.

LINDSAY, Usher. DEBORAH, Kerstetter. Surfistas Locales: Transnationalism and the Construction of Surfer Identity in Nicaragua. **Journal of Sport and Social Issues**, vol 39, Issue 6, 2015.

LOWDON, Brian John; PATRICK, Jon.; ROSS, Kenneth. **Manoeuvres Used and Judges' Scores in an International Surfing Contest. Summary Report**. Belconnen, ACT: Australian Sports Commission, 1996.

LOZANO, José Eduardo. **Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea**. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta (Orgs.). Usos & abusos da História Oral. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

MELO, Victor; FORTES, Rafael. O surfe no cinema e a sociedade brasileira na transição dos anos 70/80. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, vol.23, n.3, pp. 283-296, 2009.

MONTENEGRO, Antônio. **História Oral e Interdisciplinaridade**: a invenção do olhar. In: VON SIMSON, Olga (Org.). Os desafios contemporâneos da História Oral. Campinas: CMU/Unicamp, 1996.

MONTENEGRO, Antônio. **História, Metodologia, memória**. São Paulo: Contexto, 2010.

MOREIRA, Miguel Antônio. **Matriz de análise das tarefas desportivas: Sistema de classificação estrutural - Modelo taxinômico do Surf**. 2007. 467f. Tese (Doutorado em Motricidade Humana), Faculdade de Motricidade Humana, Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal, 2007. Disponível em <http://hdl.handle.net/10400.5/1055>. Acesso em 22 set. 2019.

PEIRÃO, Rosemeri. **Critérios utilizados para atribuição das notas em campeonatos internacionais de surfe profissional**. 2011. 128f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis Brasil. Disponível em <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/95664>. Acesso em 22 set. 2019.

RAMOS, Valmor; BRASIL, Vinicius; GODA, Ciro. O conhecimento pedagógico para o ensino do surf. **Revista educação física UEM**, vol.24, n.3, pp.381-392, 2013. Disponível em <http://dx.doi.org/10.4025/reveducfis.v24.3.18730>. Acesso em 22 set. 2019.

SCARFE, Bradley; ELWANY, Hany.; MEAD, Shaw; BLACK, Kerry. (2003). **The Science of Surfing Waves and Surfing Breaks – A Review**. Atas del Proceedings of the 3rd International Surfing Reef Symposium, pp. 37-59, 2003. Disponível em <https://escholarship.org/uc/item/6h72j1fz>. Acesso em 22 set. 2003.

SENNETT, Richard. **Juntos**: os rituais, os prazeres e a política da cooperação. 4ªed. Rio de Janeiro: Record, 2018.

SENNETT. Richard. **O artífice**. 2ªed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SOUZA, Pedro; ROCHA, Marcos; NASCIMENTO, Juarez. Correlação da técnica bottom turn com as notas atribuídas no surf de alto rendimento. **Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano**, vol.14, n.5, pp. 554-561, 2012.

SOUZA, Thiago; HECKTHEUER, Luiz Felipe; RIGO, Luiz Carlos. Possibilidades heterotópicas do surfe: uma análise do discurso de Ricardo dos Santos. **Licere**, Belo Horizonte, v.22, n.3, set/2019.

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Zahar; 2003.

VIEIRA, Márcia. **Como se tornar um campeão**: a história de Adriano de Souza, o Mineirinho, da pobreza ao título mundial de surfe. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2017.

WELSCH, Wolfgang. **Esporte – visto esteticamente e mesmo como arte?** In: ROSENFELD, Denis (Org.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

APÊNDICE

ENTREVISTA 1

Ficha técnica

Entrevistador: Thiago Silva de Souza

Entrevistado: Flávio “Teco” Padaratz

Data: 26/02/2016

Local: Apartamento do entrevistado

Para a sistematização das transcrições utilizei regras propostas por Chantal de Tourtier-Bonazzi (2006) com algumas adaptações.

- Passagens pouco audíveis: colocadas em colchetes;
- As dúvidas, os silêncios, as rupturas sintáticas: assinalados por reticências;
- Os parênteses foram utilizado para anotações: Ex. (risos) e (descrição dos gestos do entrevistado)
- Palavras usadas com forte entonação: grifadas em negrito

Meu nome é Thiago e estou realizando uma pesquisa com o objetivo de saber como um surfista torna-se um profissional de surf.

Thiago - Confirmando os dados. Eu estou aqui com Flávio Padaratz, cujo apelido é Teco. Idade 44 anos em abril faz 45 anos. Nasceu na cidade de Blumenau e se radicou em Florianópolis. Pratica o surf a trinta e quatro anos. Vou iniciar essa entrevista confirmando os dados é isso aí Teco?

Teco - É isso aí eu confirmo! (risos)

Thiago – O eixo temático agora é como se constitui um surfista profissional. E a primeira pergunta é: quais são suas memórias de quando e onde aprendesse a surfar?

Teco – Bom, eu tenho bem claro na cabeça a minha primeira onda inclusive. Graças a Deus essa memória não fugiu da minha cabeça. Foi lá em Balneário Camboriú, onde eu aprendi a surfar. Eu morei lá dos seis (6) aos dezesseis (16) anos de idade, foi quando eu me mudei para Florianópolis. E, lá em Balneário foi onde eu aprendi tudo sobre o surf assim, até eu me tornar profissional. Minha mudança para Florianópolis foi quando eu me tornei profissional.

Eu me lembro da minha primeira onda, a gente tava dividindo uma prancha de isopor com um amigo, eu o meu irmão mais velho e um amigo. Meu irmão mais velho é o Charles, não me lembro do nome do amigo agora, acho que é André. E, na hora de ser minha vez de pegar um jacaré com a prancha, eu não sei por que subi em pé na prancha. Acho por ter assistido outros caras fazendo isso eu de repente resolvi fazer.

Eu tinha dez (10) anos de idade e aquilo aconteceu imediatamente. Já joguei na parede da onda. Já fui fazendo slalom. Dei até uma batidinha! Na minha primeira onda. Foi um negócio incrível, já tava movendo a prancha. Me apaixonei!

A partir dali troquei um pneu novo de uma bicicleta velha por uma prancha de isopor com uma quilha de madeira com encaixe de durepox para

poder aguentar a quilha de madeira na prancha. E cheguei a correr um campeonato com essa prancha.

Fiquei dois anos surfando com prancha de isopor até que convenci meu pai a me dar uma prancha de fibra. E ele achou que era uma febre de verão e acabou se tornando (...) muito mais né!

Thiago – Isso com que idade?

Teco – Quando eu ganhei a prancha de fibra? Doze anos. Ele me deu a prancha de fibra. Aos treze (13) para quatorze (14) eu já tava competindo, eu já fui campeão catarinense, de cara! Na mirim. E ali não parou mais.

Thiago – Quais são suas memórias dos campeonatos amadores que disputasse? Em que praias ocorreram? Algum mais marcante? Em que condições foram disputados? Como foi seu desempenho?

Teco – Cara, quando eu virei surfista, foi questão de meses até eu me tornar competidor surfista, foi incrível minha evolução dentro do surf porque parecia que eu já sabia. Eu só não sabia que sabia surfar. Eu tava descobrindo que eu já sabia.

Quando eu tava na prancha era tudo fácil para mim, eu lia a onda facilmente, eu conseguia executar as manobras e tal. Então eu tive uma evolução muito rápida, eu competia pelo litoral catarinense, já logo nos primeiros dois anos eu fui campeão catarinense; campeão norte catarinense.

Todo final de semana tinha campeonatos aí a gente começou a competir uns campeonatos no Paraná, no Rio Grande do Sul. Até que eu conheci o Avelino que foi o cara (...), meu primeiro treinador de surfe assim. Ele veio me falando que queria me tornar profissional e que teve uma viagem ao redor do mundo e pode ver vários campeonatos lá fora. Ele foi shaipa né, prancha!

E depois de ver vários campeonatos lá fora ele teve a conclusão que um surfista brasileiro podia ganhar um campeonato lá fora. Só que ele tinha que ser criado desde pequeno. Porque os profissionais que a gente tinha na época não se encaixavam em um padrão para o circuito mundial. Tanto dentro d'água como fora d'água principalmente.

Então eu deveria ser educado para aquilo ali. Ele veio com esse papo de me mandar para os Estados Unidos para morar lá aprender a falar inglês e tal. Ia me tornar profissional a partir dali; ia competir no circuito mundial.

Então, cara, minha carreira de amador foi toda treinada, preparada e se você me perguntar dos resultados eu não tenho medo de dizer que **eu passei o rodo, cara!** Porque foi o que aconteceu. Não tem nenhum outro jeito de falar isso. Eu sai ganhando todos os campeonatos que eu corri; eram raros os momentos que eu não ganhava um campeonato.

Lá nos Estados Unidos eu acho que eu não ganhei os dois primeiros o resto eu ganhei todos da NSA, CSA, WSA. Tudo que tinha lá de campeonatos eu corri e ganhei tudo. Então minha carreira de amador foi brilhante.

Quando eu entrei no circuito profissional foi bem diferente, eu me dei conta e me deparei com ondas que eu nunca tinha surfado antes, nas baterias entendeu? Pipeline e tal. Ali foi um choque muito grande para mim assim, foi onde eu aprendi a humildade! Que tem que perder um monte bateria para saber e aprender a ser o melhor né.

Thiago – Como e onde aconteciam as tuas preparações para esses campeonatos amadores?

Teco – A rotina disso era depois de cada campeonato. O Avelino sempre me deixava umas tarefas para fazer no sentido de treinamento do surf: alongamento antes de entrar na água; concentração na hora de pegar onda; treinar tempo de bateria **na água**; chamar um amigo para fazer bateria comigo; treinar entrevista; olhar entrevistas de outros esportistas; vê nos principais esportistas como eles respondem ou não e tal.

Porque isso fazia a diferença, ganhando ou perdendo você tem que ser a notícia, entendeu? Então, isso fez muita diferença para mim, na minha carreira.

Thiago – Tu já dominava o inglês?

Teco – Logo cedo, sempre que tinha que dar uma entrevista entre os brasileiros era comigo porque eu dava uma entrevista boa. Não ficava gaguejando e tal, tinha o que dizer e sabia o que dizer.

Então foi assim a minha preparação desde a época de amador. Quando eu passei a ser profissional eu passei a ter um treinador específico; um treinador físico e mental. Um treinador especificamente para competição. Quando eu virei profissional o meu treinador antigo, o Avelino passou a ser empresário. Porque ele não tinha mais o que me ensinar para dentro d'água, eu já sabia bem mais que ele.

Então não era questão de aprender. Eu tinha que ter um preparador físico, um preparador mental para que me botasse em condições mentais de acreditar que eu podia ganhar uma bateria em Pipeline e tal. Essas coisas, assim, esses dramas todos que um surfista passa; que um atleta passa para se tornar um atleta de ponta. E a partir daí foi essa a preparação.

Depois durante a competição como profissional eu fui a fundo nesse treinamento. Primeiro com o Mario de Andrade que é um professor de Biomecânica na UDESC, a Universidade Estadual de Santa Catarina. E depois o meu outro treinador foi o Marcos Scholtz, hoje ele tem o projeto “Simplesmente Yoga” que ele dá palestras no Brasil inteiro. E foi muito baseado no Yoga a nossa preparação até praticamente eu me aposentar né, até eu desistir da competição e começar o meu segundo ciclo na vida.

Thiago – Quais manobras sentias mais confiança nesses campeonatos? Em quais dessas manobras conseguias empenhar mais radicalidade? E em que condições de onda eram favoráveis para executá-las?

Teco – A minha manobra tradicional que se tornou uma marca registrada no meu surf foi o *Cut Back* de *front side* / *Re-entry* / rasgada, depende da onda onde ela tiver se essa (...) (gestos com os braços, o direito esticado é flexionado e esquerdo flexionado é esticado) essa alavanca do pé de trás de *front side* sempre foi minha marca registrada.

Eu aprendi isso desde pequeno. A onda de Balneário Camboriú tem uma esquerda predominante, muito boa, favorecia esse tipo de manobra. Foi minha especialidade, **a rabetada né** de *front side*.

Thiago – Se quiseres demonstrar aí a gente está preparado.

Teco – Aquela Uaaaaa, **rasgadão** de *front side* que às vezes se torna um *Cut Back* e você acaba voltando para a espuma e as vezes só a rasgada né, assim o *snap* durante a parede. Essa sempre foi uma característica do meu surfe. E até se tornou o nome do meu filme que contou minha trajetória no surf que se chama *Cut Back*, pelo diretor Alex Miranda da Trator Filmes, feito por ele.

E o nome foi uma escolha feliz porque realmente é minha marca registrada e no filme contava minha história. Eu voltando as minhas origens, *Cut Back*.

Thiago – Legal.

Teco – Bem fácil de responder essa (risos).

Thiago – Como aprendias essas manobras? E como fosses aprendendo novas manobras?

Teco – Existia um processo desde o começo de o Avelino assistir minhas sessões de surfe e treino e falar pra mim: “Cuidado com essa mãozinha ó, tá parecendo muito Derek Hoo” (gesto com a mão fixada a um movimento de eversão). Aí no outro lado “cuidado com isso aqui faz menos movimento no braço”; “quando você faz o *Cut Back* ou a virada de *Back side*, **joga o tronco**...aponta ele para onde você tá indo! Rolava esse tipo de treinamento!

Rolava treinamento, “pô, você tá com a base muito aberta” vamos trabalhar aqui um novo modelo de prancha. No começo você vai estranhar, mas vai te forçar a fechar a base um pouquinho. Você vai ficar mais harmônico no teu estilo”. Isso foi trabalhado muito.

O Avelino trabalhou sensivelmente no meu surfe, **lapidando a linha do meu surfe**, me ajudou muito no começo. Porque ele olhava de fora da água

né, era diferente. Então foi uma guerra muito grande para me ensinar a ir bem na base para fazer o *bottom turn*.

Eu já ficava com pressa. Já virava na metade. Já dava no lip uma porrada aê. Já fazia outra manobra e era um afobado né! Queria andar a frente do tempo da onda. Então o Avelino me falou muito isso enquanto amador.

E depois surfando ao lado do Fábio Gouveia enquanto profissional. Essa é a principal característica do surf dele: a leitura da onda. E (...) eu aprendi muito com ele. Eu vi que você tem que descer na base, você tem que dar um tempo para esperar a onda levantar. E você tem que fazer a manobra no lugar certo, não adianta você querer adiantar esse processo. Tem o tempo da onda né que nem uma música. Tem o tempo da música que você tem que respeitar.

Era mais ou menos por aí o treino. A gente se especializava nos detalhes do surfe. Tipo, teve um ano que a minha menor prancha no Havaí era uma 7'0 de propósito. Para que eu alcançasse uma linha específica de surfe que eu não tinha. Era pensado nisso.

Thiago – Quais manobras destacavam boas notas ao teu surfe nesses campeonatos amadores?

Teco – Eu acho que a explosão de praticamente todas as minhas manobras. O *Cut Back* de *front site*, essa rasgada de *front side*. Seja lá o que for que a gente vai botar o nome aí, era uma coisa que impactava muito. Eu tinha muita força na perna de trás, então, aquilo eu fazia em qualquer onda, onda grande, pequena, tinha uma expressão que me caracterizou demais. Eu descobri que era uma maneira de ganhar a bateria.

E a verticalidade do meu *back side*, no estilo né. Até hoje eu não sei, eu posso estar errado, eu mesmo não gosto muito, mas um monte de gente vem hoje me dizer que sempre foram apaixonados pelo meu estilo, sobretudo, de *back side* de surfar. E que engraçado porque quando eu era amador era uma dificuldade surfar de *back side*, eu não tinha a manha. Eu só dava o *cut back* e a batida na junção. Eu não sabia dar uma batida direito no meio da onda. Então meio que passava da onda e dava um *cut back*, quando era garotinho.

E o Avelino pegou muito do meu pé mandando treinar só em direita: “você tem que surfar direita cara, você tá fraco de *back side*, você tem que aprender a dar a batida **e aonde passa o bico passa a rabeta**”; “você tem que fazer o giro para poder caracterizar a manobra como completa”. Isso foi a função durante uns dois, três anos assim, uma dedicação intensa a essa parte do *back side*.

Acabou que virou meu forte, os grandes resultados que eu tive em campeonatos de surfe foram de *back side*. Na final contra o Kelly Slater na França, o fato de eu fazer a final em Bells Beach na Austrália, entendeu? Todo de *back side* o campeonato e (...) em alguns outros campeonatos de onda grande e tal e (...) enfim.

Teco – Eu posso dar um stopzinho, só uma pausinha!

Thiago – Claro.

Thiago - Retomando a entrevista com Teco Padaratz. Bom a próxima questão é sobre quais os critérios que os juízes utilizavam nos campeonatos amadores que disputasse? O que era valorizado para a obtenção de uma “nota 10”?

Teco – Bom, o critério era bem claro na época, mudou bastante para hoje tá! Hoje é outro, vamos deixar isso claro. Na época era assim ó: você tinha que fazer o maior número de manobras; na parte mais crítica da onda; usando do maior nível de radicalidade que você puder; numa extensão mais longa possível. Ou seja, fazer ela até o final. Esse era o principal embrião do critério e tinham mais outros detalhes e tal, mas você completando esses quatro cinco quesitos assim, você tirava um dez (10).

Hoje é um pouco diferente. Hoje o índice de radicalidade supera o número de manobras que você faz numa onda. O grau de dificuldade da sua manobra supera uma onda boa, melhor que o outro cara pegou, mas fez uma manobra convencional.

Então assim, cê tem o contraponto da radicalidade hoje sendo muito forte, na época era constância, cê tinha que preencher uma onda do começo

ao fim de uma maneira completa. Isso era mais importante que cê deixar a onda inteira e fazer uma manobra só e ser aquela super manobra.

Isso na época era um pouco desperdiçante assim né. Então para mim era pegar três, no mínimo três ondas boas até a areia, preenchendo ela com o máximo de manobras fortes possíveis. Esse era o critério, a gente seguia isso!

Thiago – Enquanto surfista amador havia patrocínio? Se sim, de que forma eram efetivados esses patrocínios?

Teco – Então, pra mim não rolava um patrocínio, patrocínio. Rolava um assim, meus custos eram pagos. Era um patrocínio, mas não rolava um dinheiro, não rolava um salário. Apesar de vários outros tinham um salário, tinham um dinheirinho que eles ganhavam uma ajuda de custo assim.

O meu esquema era com o Avelino. O Avelino me pegou para criar vamos dizer assim dentro do surfe. Então ele me levava para os campeonatos e ele ia sempre por causa dos (...) ele shaipava prancha né para todo mundo, então ele me levava na barca e eu ia junto como mascote. Eu fui ter patrocínio quando eu virei profissional. Na época de amador era uma ajuda de custo. Era uma coisa assim que poucos tinham, poucos tinham o que fosse suficiente né. Até como profissional, quase ninguém tinha assim um salário (...) né.

Thiago – Qual foi o divisor de águas entre a tua carreira de amador para profissional? Tu falou do Avelino, em termos de década assim, ano?

Teco – A minha carreira amadora foi nos anos 80 e a profissional foi no final do (...) de 88 para 89 e (...) eu virei profissional e fui até 2003. O divisor de águas foi quando, logo no começo, eu tinha treze anos, o Avelino se sentou comigo na beira da praia de Camboriú, na calçada e disse: “olha, eu vou fazer isso e isso contigo e no final nós vamos tentar ser campeão do mundo”.

Ali eu vi que eu não tava de brincadeira no surf e eu apaguei qualquer outra possibilidade de eu fazer outra coisa na vida que não fosse aquilo. Inclusive outros esportes que eu era bom. Eu era já tricampeão catarinense; campeão sulbrasileiro de judô, **invicto**! Eu era faixa marrom com treze, quatorze anos no judô, eu **dominava** aquele negócio.

Jogava basquete pela cidade e pela seleção do estado, como armador no basquete. Larguei tudo pra surfar cara! Inclusive o estudo. Eu tava no segundo ano do segundo grau quando eu larguei o estudo pra virar surfista profissional aos dezessete (17).

Eu posso dizer que esse foi o momento que foi (...) e depois quando eu fechei o patrocínio com a *Hang Loose* que eu entrei no avião e (...), ali mudou minha vida cara. Nunca mais volto a ser como era, foi um caminho só de ida, não teve volta. Porque eu me transformei em uma outra pessoa completamente diferente do que eu era e tal. É isso, esse foi o grande momento, o Avelino chegou e me disse.

Thiago – Sobre a carreira como surfista profissional, a quanto tempo participas de campeonatos profissionais? Consegues listar os campeonatos mais marcantes? Porque te marcaram mais?

Teco – Então, eu corro campeonato profissional desde 88. Na verdade antes disso eu competia na categoria profissional como um teste, mas não pegava premiação em dinheiro. Se não eu ia me caracterizar como profissional, mas já tinha experiência de competir na categoria profissional já desde muito cedo.

Assim, os campeonatos mais marcantes foram obviamente os principais que eu venci, foi lá em Houssegor na França em 94, 91 na Barra da Tijuca no Alternativa Surf Master. Uma antes de virar WCT/WQS e era uma etapa como se fosse WCT.

Ter sido campeão do WQS duas vezes. Ter sido o primeiro campeão do WQS né, no Havaí em 92. Depois em 99 isso se repetiu, eu fui o primeiro bicampeão também e não tem tricampeão até hoje. Só tem eu, meu irmão Neco e o Jack Patherson. Ninguém conseguiu ganhar duas vezes mais.

É um circuito muito difícil. Se manter viajando por muito tempo, muitas etapas e tal. Então esses eventos são os mais expressivos assim, que eu nunca vou esquecer! São eventos que eu guardo no meu coração e se Deus quiser eu vou lembrar até muito velhinho.

Thiago – Vamos lembrar contigo através dessa entrevista (risos)

Teco – A hora que eu me esquecer eu vou pegar as revistas de surf para me lembrar (risos).

Thiago – Beleza. Bom, durante a sua carreira profissional, quais manobras eram mais frequentes em seu repertório?

Teco – O *cut back* né, de *front side*. As batidas de *back side*. Acho que dependia muito da onda, cada onda pedia uma coisa diferente e a gente tinha que se adequar né, mas eu diria que o *cut back*, a rasgada de *front side* é, acho que mais comum, até hoje ainda é a minha manobra.

Thiago – Quais manobras foram sendo incorporadas em seu repertório? Como fazias para aprender novas manobras?

Teco – É então assim, eu nunca me adaptei direito ao aéreo. Sempre tive dificuldade com essa manobra apesar de já acertar vários aéreos assim, mas nunca foi uma coisa ao meu controle, entendeu? Fora a isso eu aprendi tudo né cara no surf.

A que demorou mais tempo para ter a técnica apurada foi o tubo que não é uma manobra e mais uma posição na onda. E essa foi a parte mais difícil porque não é todo dia que tem uma onda tubular para a gente surfar aqui na frente de casa né. Então, demorava muito para ter uma chance de treinar.

Essas são as manobras que eu sei que tive que aprender bastante no circuito né. Surfar em onda grande, qualquer manobra, mas em onda grande e entubar. Isso sempre foi o meu (...) o desafio para qualquer brasileiro na época. Hoje eles já aprendem a surfar esses tubos e tal desde pequenos né. Mas eu não! Então foi aí que eu tive que me aperfeiçoar mesmo quando virei profissional.

Thiago – Como eram os teus treinamentos antes dos primeiros campeonatos que disputasse enquanto surfista profissional?

Teco – Cara era (...) quando amador sempre foi treinar o surf. Alongar bastante. Fazer abdominal e fazer alongamento no final do dia. Mais ou menos, erar isso. E assistir filme de surf e tal. Não era muito profundo né.

Quanto eu virei profissional eu tive o meu primeiro treinador, aí o ritmo era bem diferente né. Eu acordava de manha ia surfar, usava a manhã pra surfar. Almoçava bem. As duas da tarde eu ia para o ginásio da UDESC. E lá treinava várias coisas com base em atletismo; ginástica olímpica; por causa do centro de gravidade e equilíbrio.

Treinava teste de equilíbrio: caminhava em cima da barra fixa com olho fechado, não é a trave né, é a barra fixa aquela que mexe (assim, ver vídeo o gesto). Então aquilo ali era uma baita treinamento para a musculatura do pé.

Treinava circuitos que hoje se chama de funcional. Na época a gente já usava os próprios (...) já usava os artefatos que ajudam você no exercício sem ser o peso né, sem ser máquina. Então já fazia treinamento funcional, circuito funcional já desde aquela época, não tinha esse nome.

E muita leitura, depois com esse meu segundo treinador foi a base de Yoga assim, o meu treinamento.

Então era muita respiração, mesmo treinando num *spin biker*, na academia de musculação, numa sessão de yoga intensa de vinyasa ou numa meditação, o mecanismo era o mesmo. A ferramenta era o ar entrando e saindo a observação nele e te acalma, e te dá lucidez, e amplitude de pensamento.

Então aquilo era o meu mecanismo, treinava muito aquilo severamente. Estudava profundamente aquilo. Durante 8 anos estudei profundamente o yoga, até o ponto que eu descobri que eu tinha que largar a competição de surf. Porque a minha missão era outra aqui na terra (risos) de tanta (...) do tamanho foi o caminho interior que eu fiz através do yoga.

Então de certa forma o tiro saiu pela culatra para quem assistia de fora. Porque eu parei cedo a minha carreira né, com 32, mas por outro lado eu resolvi fazer outras coisas na vida e elas deram certo.

Thiago – Como eram as tuas preparações durante esses campeonatos antes e entre as baterias?

Teco – Bom, antes é (...), digo, até uma semana antes, era treinamento intenso. Uma semana antes do campeonato treinamento de surfe, de manhã cedo e final de tarde, para não desgastar muito no sol, não perder muita energia.

No dia da competição tava muito mais ligado na alimentação e nos horários de alimentação do que no resto. Porque daí você tem que relaxar, não tem que fazer nada porque você só gasta energia dentro da água na bateria. Dá um treino [mor up] de manhã só para sentir o mar e tal, mas nem se esforça muito que vai ter uma bateria depois né.

E cuidar muito a alimentação durante o campeonato. Começou o campeonato e até o final dele se alimentar bem e dormir bem assim, nas horas certas né. Lidava muito com fuso horário, isso era um problema, mas era assim.

Thiago – Qual foi teu melhor momento como surfista profissional? E o pior?

Meu melhor momento como surfista profissional foi (...). Eu tive dois melhores momentos! Um foi ali entre 92 e 94.

Depois eu tive outro grande momento que foi ali entre 99 e 2001. Foram os meus dois grandes momentos assim.

Um eu fiquei em décimo no ranking e depois no outro eu fiquei em oitavo no ranking. Aquilo foi dois grandes momentos.

O meu momento down foi quando eu me contundi, tive uma cirurgia aqui no braço. Fiquei um tempão fora d'água, perdi dois anos no *tour* para voltar (...) até a posição que eu tava.

E o dia que eu decidi parar cara, deu um vazão enorme assim. Acordava de manhã não sabia por que, é difícil tu saber (...) ter algum motivo pra fazer com que teu dia tenha tanta emoção quanto com o que a gente fazia né.

Ali foram dois momentos bem tristes assim, quando eu me contundi e quando eu larguei.

Thiago – Na transformação do amador para o profissional, quais as diferenças mais marcantes nos teus treinamentos pré-campeonatos?

Teco – Cara, a parte de preparação física que eu não fazia antes de virar profissional. Só fui fazer quando era profissional, isso é indiscutível. Preparação física (...) isso foi a grande mudança assim. Todo um trabalho criado e realizado pra ser mais forte da perna e tal, pra ter resistência cárdio vascular.

Thiago – No documentário do Ohana Pupo, ele apresenta nesse documentário no site dele, e tem uma fala tua nesse documentário que tu fala que na geração de vocês se criou a figura do surfista profissional, quais tuas memórias desse momento de profissionalização do surfe brasileiro?

Teco – Cara, a memória que eu tenho mais marcante é que a gente tinha dois adversários. Um deles era o cara que entrava na bateria com você pra competir e o outro era a opinião publica sobre a tua profissão. Nem sobre se você ia bem nela, isso nem se discutia. Era o fato de ser surfista, isso para alguns era sentido de pejoração; a gente sentia vergonha; era mal tratado; era tirado muito sarro da gente; só que o surfe é tão irado que eu nem dava bola.

Eu pensava em Jesus Cristo naquela época, aquela frase “Deus perdoa eles! Eles não sabe o que estão falando”. Eles não sabem o que tão fazendo, eles não conhecem o surfe. Se a pessoa conhecesse o surfe (...) se um general conhecesse o surfe é capaz dele não entrar em guerra, tá ligado? Essa é a diferença.

Thiago – Tu já morava em Floripa essa época?

Teco – Não, em Balneário Camboriú.

Thiago – Sobre os teus patrocinadores enquanto surfista profissional, em que momentos eles vieram até ti e em que momentos tu foi até eles? Como se deu essa relação?

Teco - Eu pra te falar a verdade nunca fui atrás dos patrocinadores. Eu tive empresário. O Avelino sempre cuidou disso pra mim, mas a gente nunca foi atrás.

No meu primeiro ano antes de virar profissional, a gente fez uma série de entrevistas com patrocinadores que já sabiam que eu ia virar profissional. Então as propostas foram chegando, a partir de quando eu fechei com a Hang Loose, eu nunca mais precisei correr atrás de patrocínio.

Só no final da minha carreira agora, depois de (...) mas até lá eu sempre recebia os patrocínios, sempre tinha proposta de uma equipe e outra, mas graças a Deus sempre pude me manter bastante na mesma equipe. Nunca foi uma preocupação pra mim cara, graças a Deus. Eu fiz uma boa carreira de amador né, aquilo me ajudou muito quando eu virei profissional.

Thiago – Quais os prazeres que tivesse como surfista patrocinado? E quais eram os deveres?

Teco – Os prazeres eram uma coisa que eu to percebendo agora, nunca precisei comprar roupa na vida velho (risos) sempre tive roupa, mais roupa. Agora, eu tenho ido a loja comprar roupa, me sinto ridículo, não tenho o menor jeito pra isso cara. Minha mulher que faz isso às vezes pra mim (...) que faço errado sempre. Então isso era sempre uma vantagem que a gente tinha.

E os deveres era como eu te falei: saber responder uma entrevista; ter paciência com os fãs até hoje, porque se não nem deveria ter começado essa história toda, entendeu? É (...) assinava muito pôster, visitava lojista (...) para bater foto com vendedor e tal, isso eu fiz muito e muito.

E assim, a parte física, não tinha olhos para festinha, pra balada, nunca consegui ter e não era como profissional que eu iria ter. Acordava cedo, até hoje posso voltar de uma balada as seis e meia meu olho abre, não sei o que fazer, eu tenho que me levantar.

Thiago – E as viagens estavam envolvidas nesses patrocínios?

Teco – Tudo

Thiago – Chegou a fazer alguma viagem?

Teco – Várias, várias viagens com patrocínio, a parte boa né. Viajava para bater foto, pegar onda sem compromisso com bateria, praticamente eu treinava o tempo todo né cara.

Thiago – Tem uma viagem mais marcante?

Teco – Cara tem tantas é difícil escolher a melhor assim. Eu lembro uma que eu fiz com o Fábio Gouveia e o Alf, o dono da Hang Lose. Nós saímos pra Maldivas, foi na época que eu tava bem no ranking e tal. Era quando eu tava voltando pra ser campeão em 99 e (...) o Alf também tava lá e o Fabinho também. Aquilo pra mim (...) eram pessoas muitos cúmplices naquele momento ali de transformar um surfista profissional num possível campeão do mundo. E foi legal, pegamos altas ondas, foi bem descontraído.

Mas lembro de outras viagens, já depois de ser profissional também, depois de me aposentar que eu fiz com músicos surfistas pra Mentawai, pegamos altas ondas. Tocamos (...) tocava *Play on night, surf on day*, aquele velho ditado né. E (...) cara, tantas viagens, primeira vez que eu tive em G-land, imagina? Tanta onda cara, Sant Leu, na ilha Réunion, oceano Índico, Taíti, Hawaii (...) vai escolher uma no meio dessas aí? Não dá, são tantas. Eu sou abençoado, eu já viajei o mundo inteiro e já surfei muita onda boa. Graças a Deus!

Thiago – Trazendo um pouco para questões da atualidade. O Gabriel Medina na última etapa do campeonato mundial de 2015 surpreendeu os comentaristas da transmissão via internet com um aéreo reverse em uma praia em que os tubos costumam ser mais bem valorizados. Esse acontecimento gerou alguma repercussão em alguma conversa que participasse? Como olhas para esse acontecimento?

Teco – Na época criou-se um pequeno casinho na internet para ver se aquilo valia ou não e tal. Começou a remeter as vezes que os brasileiros foram garfados, uma compensação, o juiz compensado um pênalti com outro, essa coisa toda. Cara, para quem compete foi claro, parou de dar tubo. Acabaram-se os tubos! Não tinha tubo! Então outras manobras passam a valer pô! Pronto,

mudou rapidamente o critério. Não tem o que dizer. Valeu como se tivesse pegado um tubo.

Thiago – Nos campeonatos que disputasse como surfista profissional, qual manobra podia ser considerada tua carta na manga para surpreender nas baterias?

Teco – Era essa rasgada de *front side*, sempre foi a minha arma, que não era tão secreta né, porque todo mundo sabia que se tivesse uma esquerda ali ia ter que suar a cueca. E se fosse uma direita, teria que ser umas vinte e cinco batidas vertical de *back side*. Então pô, não tem muito que dizer.

Thiago – Bom, as tempestades são fenômenos que muitas vezes nos fazem pensar em algo nebuloso, catástrofes ambientais, na fúria da natureza, ao mesmo tempo atualmente no mundo dos surfe, a tempestade brasileira ou a *Brazilian storm* como é chamada pelos gringos, vem trazendo novos ares aquela palavra há nesse termo a incorporação de um fenômeno da natureza no modo de surfar da nova geração de surfistas brasileiros, há uma força nesse modo de surfar. Para você o que há de mais marcante nessa nova geração?

Teco – O que há (...) o que mais me chama atenção é que eles seguiram a risca aquilo que eu e o Fabinho falamos quando saímos do circuito que foi a resposta a pergunta: “Porque que não fomos campeões do mundo”. Foi falta de experiência em onda grande! Eles seguiram a risca, eles ouviram isso quando tinham dez (10) anos de idade.

O pai dele (...) os pais né, viram isso. Os treinadores ouviram isso, ficou claro que é o que eles tinham que fazer. Surfar desde criança nessas ondas grandes para não terem esse choque quando virarem profissional. E aí fizeram, os que tinham talento vingaram cara.

Porque talento não faltava no Brasil, tem uma vasta escola de surfista aqui. Só que essa experiência em onda grande tem que adquirir desde pequeno para você estar intimo em Teahupoo, em Pipeline, em Sunset, Jeffrey Bay, onde quer que você esteja você tem que estar intimo. Então você tem que surfar muitas vezes lá né cara, desde criança, como os outros gringos fizeram

e tal, quando a gente completou esse lado era impressionante como a gente inverteu o jogo.

E hoje a questão dos aéreos e tal, os gringos começaram com essa onda aí. Cara o brasileiro **se especializou nisso!** E durante um bom tempo isso vai valer, então, coitado dos caras! E os moleque ainda são jovem, vão durar muito tempo. E são vários, olha pro Ítalo Ferreira, Wiggolly Dantas, dá mole pra eles! Esses meninos vão ser campeão do mundo velho, qualquer um deles ali pode ser. O nível aumentou muito né, o nível padrão aumentou muito. Aí vem rede social, patrocinador, tá (...) támo dominando o planeta, dominando.

Thiago – Nas redes sociais são diversos os apelos para o cuidado com a natureza e os surfistas em muitas vezes tem o protagonismo em muitas ações. Como vens acompanhando/apoiando/lidando com essas ações?

Teco – Elas são cada vez mais presentes no nosso esporte, cada vez mais vai virar uma obrigação do surfista profissional, entrar nessas questões, por questão de obrigação contratual mesmo. A própria WSA que é a liga, ela incentiva muito isso tanto na parte humanitária como na parte ambiental e (...) como o surfista é o primeiro que sofre a consequência de um oceano ruim, entendeu? Depois dos animais obviamente.

É o papel dele, intrínseco! Todo o surfista é um ambientalista nato em potencial e (...) na verdade ele é porque é. Porque é difícil ter um surfista que não liga para isso, bem difícil. Você sente imediatamente na água quando a água esta suja, as consequências.

Thiago – Tem alguma ação assim que tu estejas mais próximo aqui por Santa Catarina?

Teco – Não, eu faço muito pelo campeonato de surfe né, pelo WCT que eu tô a frente a quatorze (14) anos né (...) e ali nós temos bastante frentes, já fizemos várias ações: secamento permanente de restinga né; replanto de restinga; ações como mudar a sede do campeonato para Grumari, por causa da água suja da barra, fez com que as autoridades se mexessem e a água limpou, a obra ainda não tá concluída mas a água limpou!

Na real a WSA já ficou sabendo já quer voltar (...) já voltou. Vai ter uma base no Postinho a onde sempre é, e lá é central. E possivelmente vai para Grumari, caso precise. Então isso já é a própria atitude do campeonato e da Associação, em protesto né, em defesa do meio ambiente.

A própria WSA tem um monte de (...) tem uma parte da verba acho de premiação, mais uma parte das vendas de patrocinadores vai para aqueles *Waves for water* que é uma instituição internacional que o Jack Johnson apoia, o Rob Machado apoia. É aquele (...) filtros naturais que não usam energia elétrica né. Ele é feito com pedras e tal. Você joga o filtro no bairro, na favela, joga uma água barrenta do chão ali dentro e aquilo ali vira um copo d'água que você bebe, incrível o aparelho. Fácil reposição do filtro, tá mudando a realidade de muita gente. Você dá água para quem não tem né, aqui, tem água suja, joga ali dentro, sai limpinha para você beber cara. Feito todos os testes e tal, animal.

Thiago – Sobre tua carreira profissional hoje, tu colocou que já parasse de participar de campeonatos. Que outras ações vens empreendendo enquanto um profissional do surfe?

Teco – Tem bateria aí nesse gravador? (risos)

Thiago – (Pausa) Tem, pode falar (risos)

Teco – Eu faço tanta coisa cara! Eu não consigo ficar parado. Eu acho que a única coisa que me conseguir tirar a atenção das outras coisas foi o surfe (...) e a música que, quando eu to surfando ou quando eu to tocando eu não penso em mais nada, entendeu? Mas uma delas é a música, sempre foi um sonho meu, sempre desde criança quis ser musico, consegui!

Eu to a frente do campeonato mundial de surfe no Brasil, da etapa do WCT, da WSL a liga mundial que tem no Brasil, eu sou dono dessa licença já há quatorze (14) anos junto com um sócio.

Eu dou palestras. Eu produzo e apresento um programa de TV na Band em canal aberto aqui no estado de Santa Catarina, se chama Musica SC. É só de bandas catarinenses.

Já produzi documentário. Já produzi programas. Já fiz filmes. Já fiz séries e agora to contracenando numa série que vai sair na Disney, no ano que vem. A gente vai gravar esse ano, vai começar agora mês que vem as gravações lá em Itacaré na Bahia.

E eu to de curador, produtor técnico, aluguei minha casa pros atores. Vou contracenar um personagem e ainda vou participar da edição porque meu personagem narra a história, então, vou me envolver de corpo e alma.

Thiago – Surfista? É um personagem surfista?

Teco – É, é um personagem surfista. É uma série de surfe! Quase todos surfam na série né, aí eu tive que escolher os dublês, os atores, um por um. Vários trabalhos na produção assim, mas também vou contracenar, então (...). Nuno Leal Maia é um dos atores, a Suzy Rêgo é outra e, junto comigo, nós somos os convidados especiais o resto é (...) molecada. Jovens atores.

Thiago – Não tá no script aqui, mas tu poderia falar um pouco mais dessa relação da música com o surfe?

Teco – Cara, a música pra mim particularmente foi minha salvação. Por que foi a única coisa que tinha emoção suficiente para substituir o surfe, como uma atividade. Então, ali eu encontrei um refugio pra não ir pra droga, pra bebida, pra comida, descontrar em qualquer outra coisa.

A música me saciou bastante. (...) E a relação holística entre a música e o surf, ela, cara, **são idênticos!** É espelho assim ó. Se você começar a analisar assim ó, peraí, vamos desmistificar essa minha resposta. Primeiro que o surfe e a música só acontecem em cima de um fenômeno da natureza, de dois fenômenos da natureza que levam o mesmo nome: a onda.

A onda do mar e a onda sonora são idênticas, fisicamente elas são idênticas. A diferença é que uma tu vê a outra tu escuta, mas elas são idênticas. Funcionam iguaizinhas, preenchem o espaço iguaizinhas. Navegam na mesma função, do mesmo jeito.

Então aí você vai pensar na música. A música tem a partitura, não tem? Um monte de bolinha e risquinho! Aí cê pega um lápis e vai indo, cada nota cê

vai seguindo ela com um lápis, certo? Uma música suave, tranquila, ela (...) essa linha vai ser linear, ondular. Numa música radical, cheia de entradas e saídas, essa curva vai ser toda recortada.

Vai ver a linha de um surfista numa onda vê se não é igual! Igual! O que você precisa ter dentro de si pra tocar junto a uma banda uma música, são absolutamente os mesmos elementos que você precisa ter pra surfar uma onda. Tempo! Tem que tá no tempo! Tem que seguir a partitura da música, não o que você tá afim na hora!

Não adianta ser reggae e cê tocar punk rock, aí não vai dar certo. Não adianta ter um tubão grandão e você tentar dar um aéreo, não vai dar certo. Melhor você pegar um tubo, né? E assim vai, cara, tudo! A entrega sabe aquela coisa da entrega, a concentração, o foco, o tempo, a harmonia, a harmonia dos teus movimentos.

O desenho que você faz numa onda dura dois minutos e ele se desmancha, a música também, cada nota dura dois segundos e ela desmancha e vai pra próxima. Cara é tanta coisa igual velho que eu me assusto. Surfe e música são irmãos da mesma mãe e do mesmo pai, entendeu?

Com certeza há uma relação, tanto que uma cena de surfe sem música é bem diferente de uma cena de surfe com música, muda completamente. Surfe (...) tem muita gente que chama o surfe de uma dança, um balé pô! E se não é né? Como que não é? Vai dizer que não é?

Tá lá o cara se expressando, a personalidade de um surfista vem a tona quando ele entra no mar, sem ele perceber, o jeito dele surfar é o jeito que ele é, na música é igual, igualzinho! A pessoa se abre inteirinha e nem vê, nem percebe que se abriu inteirinha e tá todo mundo vendo lá como é que é (...) é igual cara! É assustadoramente igual. Quanto mais tu pensa mais tu encontra paralelos.

Thiago – Tua fala agora me lembrou um filósofo que estudei e ando estudando pra escrever meus trabalhos que, tem um trecho de um texto dele que ele fala “o surfista é um puro sensitivo a escuta do meio no qual ele dança com seu

corpo onda pra não dançar na vida”, eu acho que tem muito haver com essa tua fala!

Teco – Totalmente.

Thiago – Tu deu uma aula de filosofia.

Teco – Ta aí cara, teu instrumento é tua prancha e tua guitarra, as notas musicais são tuas manobras, a música é a onda! Tá lá velho, boa sorte! Tentando desenhar a tua né! Quanto tempo demora um cara pra virar um musico? Diz que não é exatamente o mesmo tempo que um surfista demora pra ser um bom surfista?

E muitos não serão bons surfistas, assim como muitos não serão bons músicos, iguaizinhos! Mesmo tempo, mesma entrega, mesmos aprendizados, mesmas etapas, mesmas lições, é tudo igualzinho cara. Muito louco cara, muito louco! A música me falou muito alto, depois que eu parei, graças a Deus! Tava fudido se eu não fizesse cara. Vi vários amigos se fuderem né cara. Tomarem tudo que ganharam, beberem tudo que ganharam.

Thiago – Teco, tamo chegando ao fim dessa entrevista, mas eu gostaria de te perguntar se não tem uma outra aula que tu possa nos dar (risos) nos falar de outras coisas que acabei não contemplando aqui em virtude do foco?

Teco – Eu acho o seguinte, você vai falar do surfista, você vai falar do surfe, do universo do surfe é importante que quem esteja ouvindo, quem esteja lendo ou assistindo o que esta sendo dito aqui é **que o surfe é uma arte velho**. Ele te ensina como uma arte ensina. Ele te põe na perspectiva de um artista, entendeu?

Por que não é só um esporte, não é uma coisa mecânica é uma coisa espiritual. É uma relação entre você e um ser vivo que é o mar que tem temperamento, que tem seus dias ruins e tem seus dias bons. Interage com você da mesma forma que uma pessoa, ele tem muito a ensinar e então quem esta se envolvendo com o surfe tem essa responsabilidade, de saber que o mar é o Deus e ele ensina e é lá que você vai aprender tudo que cê precisa. Eu não tenho nada a dizer, eu tô refletindo o que o mar me ensinou, entendeu?

E o verdadeiro cara humilde é o cara que pega onda e sabe o que isso significa, esse é o cara humilde. Porque ele sabe exatamente o que ele é nesse momento aqui, agora e aceita isso de boa, ele surfa. Ele não precisa se preocupar com mais nada, só lembra disso, quem estiver aí assistindo ou escutando, você que tá trabalhando, lembra que o surfe é uma pedra preciosa velho que você precisa tratar ela com carinho e tratar ela como verdadeiramente é.

Tens seus tabus, seu localismo, sua corrupção (...) tá sujeito a corrupção, é um esporte, uma arte frágil como as outras, entendeu? Mas, talvez, a maior de todas cara, porque o mar te ensina de um jeito muito doloroso as vezes, dói muito cara, você aprende a ser humilde na marra. Tomando onda na cabeça. É isso aí, meu recado final.

Thiago – Agradeço pela entrevista, pela disponibilidade em nos receber!

Teco – Também agradeço, peço desculpa por não poder atender de uma forma mais extensa e tal.

Thiago – Capaz, obrigado.

ENTREVISTA 2

Ficha técnica

Entrevistador: Thiago Silva de Souza

Entrevistada: Jaqueline Silva

Data: 28/04/2018

Local: Casa da entrevistada na Barra da Lagoa, Santa Catarina/Brasil.

Para a sistematização das transcrições utilizei regras propostas por Chantal de Tourtier-Bonazzi (2006) com algumas adaptações.

- Passagens pouco audíveis: colocadas em colchetes;
- As dúvidas, os silêncios, as rupturas sintáticas: assinalados por reticências;
- Os parênteses foram utilizado para anotações: Ex. (risos) e (descrição dos gestos do entrevistado)
- Palavras usadas com forte entonação: grifadas em negrito

Thiago: Meu nome é Thiago, estou realizando uma pesquisa com o objetivo de saber como uma surfista torna-se uma profissional. Vou confirmar os dados. Estou aqui com Jaqueline Silva, idade 38 anos, nasceu na cidade de Florianópolis e pratica o surfe há 30 anos. Vou começar essa entrevista confirmando os dados. É isso Jaqueline?

Jaqueline: Certo, vamos lá!

Thiago: Quais são suas memórias de quando e onde aprendesse a surfar?

Jaqueline: Eu aprendi aqui na Barra da Lagoa mesmo, onde eu sempre morei, eu nasci aqui. E (...) as memórias não são muitas né (...) é muito difícil recordar em detalhes né, tudo que aconteceu naquela época, até porque fazem trinta anos atrás, mas alguns momentos eu lembro muito né.

Comecei com uma prancha de isopor que tinha em casa e eu tive muito (...) eu tive um incentivo que acho que foi fundamental pra mim que foi a presença do meu irmão né que me acompanhou em todas as seções. A gente acabava revezando a prancha porque a gente tinha uma só quando não era a de isopor, começou com a de isopor né.

Depois a primeira prancha de fibra que eu ganhei foi do Bira. O Bira foi meu técnico por muitos anos, ele acompanhou minha carreira. Desde o momento que ele deu a prancha pra mim, a primeira prancha, ali começou uma história entre eu e ele assim né de (...) técnico e empresário.

O Bira na época tinha 18 anos e ele já era presidente da Federação Catarinense de Surfe. Então ele já fazia os campeonatos né, amadores, mas ainda não tinha o feminino. Como ele me conheceu e acabou acreditando que eu poderia ir longe ali e por ter poucas meninas naquela época também aí ele acabou inserindo a categoria surfe feminino dentro do circuito da fecasurf, né.

Só que até isso acontecer demorou uns dois anos e, então, até lá eu competia os campeonatos que ele fazia local aqui da (...) Barra da Lagoa mesmo que era o circuito da ASBM (Associação de Surfe Barra e Moçambique). E eu comecei a competir com os meninos né, na categoria estreantes, na mirim, inclusive eu competia com meu irmão em algumas baterias, em algumas circunstâncias.

E foi legal assim, era desafiador pra mim, como não tinha categoria surfe feminino e eu tava muito empolgada naquilo que eu tava fazendo e eu vi que as coisas podiam acontecer e dar certo, eu fui me dedicando né. E aí eu tive todo incentivo da minha família sempre né, meus pais e o Bira foi essa peça chave, foi ele que me colocou no circuito, ele não me cobrava inscrição, deixava eu participar ali né. E aí as coisas foram acontecendo, o Bira conseguiu o primeiro apoio de pranchas. Aí a gente fez umas pranchas novas, pro meu tamanho, para minhas medidas, tanto pra mim como pro meu irmão né. Ele incluiu a categoria feminina no circuito da FECASURF, aí eu comecei a correr, era dez etapas por ano que tinha aqui ao longo do estado né, minha família sempre me acompanhava, ia eu os meus três irmãos e meus pais né.

E teve até uma situação bem engraçada que a minha irmã, eu tenho uma irmã mais nova do que eu e, ela nem pegava onda só que (...) teve várias situações que pra fazer as categorias de surfe feminino tinha que ter três

atletas e tinha só duas sempre e, em algumas situações a minha irmã teve que participar só para poder que a categoria acontecesse se não nem teria né. Então ela participou de uns três ou quatro campeonato, ficou na espuma mesmo, ganhou ali um troféu, um kitzinho, ficou amarradona sem ter feito muito, mas pelo menos (...) a categoria aconteceu por causa dela né. Coloquei uma pilha nela e ela participou também.

Thiago: Então nesse momento tu participavas junto com os homens também?

Jaqueline: Com os meninos, é, é. Tanto a categoria estreante como mirim né. Isso só antes de eu começar a correr a (...) o circuito da FECASURF que incluiu a categoria surfe feminino que aí foi só o feminino que eu competia mesmo, mas até lá acho que foi uns dois anos que eu competia junto com os meninos e (...) acho que quase todos os campeonatos foram aqui na Barra. Não foram muitos, mas que eu participei foi aqui né.

Eu não tenho lembrança se eu fui bem ou não. Eu lembro que teve uma categoria bem interessante que eu competi, uma etapa do circuito catarinense que eu resolvi competir na Joaquina ali, com atletas bons mesmo assim amadores que tavam bem assim no circuito e eu me lembro de uma bateria que eu passei em segundo. Inclusive, um menino que estava em terceiro a gente era namoradinho na época assim né, então a galera gozou muito dele assim né. Porque passou eu em segundo e ele caiu pra terceiro e ficou desclassificado né. Então ele acabou sendo chacota da galera e foi bem (...) bem engraçado assim. E eram dois surfistas bem bons assim né mas tava (...) tinha sorte que pegar as ondas naquele dia lá, achar, surfar bem e acabei passando a bateria.

Eu acho que foi bem importante pra minha carreira, sabe? Ter feito essas baterias, ter surfado, até contra meu irmão surfei também, ganhei dele, ele ganhou de mim, sabe? Isso foi bem bacana! Só que depois que foi implementada a categoria surfe feminino foi só correndo o circuito feminino né e era três meninas no máximo por etapa. Então, quando não era eu que ganhava era a outra e era assim, a gente se revezava no pódio né, sabe? Só que, no (...) na maioria das vezes eu sempre ganhava assim, daí fui, quatro vezes campeã catarinense né que foi de 91 a 94.

E aí paralelo ao circuito catarinense já acontecia o circuito brasileiro amador que já classificava um time para o ISA SURF GAMES né. Então, eu já

competia visando naquilo, visando os próximos passos né. Então é (...) eu lembro que a minha primeira participação no ISA foi em 97 em 96 né.

Mas antes disso eu passei pelo circuito brasileiro amador também né paralelo ao catarinense, eu comecei também com o circuito brasileiro amador que a gente formava equipe catarinense né. E aí ia eu e a outra menina sempre né, era a Patrícia Freitas né, ela morava na Joaquina inclusive. A gente sempre era (...) as duas atletas femininas representando o Estado né.

E aí eu, em 95 eu fui vice campeã do circuito brasileiro amador e, em 95 eu fui campeã brasileira amador né. E aí eu consegui a vaga pro ISA né, que foi em 96 mesmo na Califórnia. Foi a minha primeira viagem internacional, foi a minha primeira participação em campeonato grande assim e eu fiquei em terceira nesse campeonato, fiz final e fiquei em terceira né. E as duas meninas que ficaram na minha frente eram profissionais, então acabei sendo a melhor amadora do mundo naqueles eventos.

E aí depois as coisas foram (...) foi tudo um passo a passo né, isso o Bira sempre me acompanhando. O Bira tinha uma (...) uma rede de contato muito grande, porque ele já organizava campeonatos né e, aí, ele conseguiu os primeiros patrocínios pra mim né que me dera à possibilidade de voar mais alto. E aí ir pro Circuito mundial né que começou em 97, a minha estreia no circuito do WQS.

Thiago: o Bira é o? Quem é?

Jaqueline: O Bira é o Ubirene Barcellos Schaufert, ele fez 19 edições das etapas do WQS que rolaram aqui em Floripa né, Maresias Pro ali, foi tudo ele que fez né. Então ele fez esse evento 19 vezes. Ele só parou por falta de apoios mesmo né, porque a marca que apoiava os eventos que começou com a Maresias, depois foi Onbongo né, circuito Maresias e Onbongo porque deixaram de fazer o circuito mesmo. Aí ele parou de fazer essa função assim, aí ele viajava comigo.

Paralelo a esse circuito que ele fazia algumas etapas do circuito profissional catarinense, ele também viajava comigo. Então, ele acabou priorizando a minha carreira né, ele viajou comigo (...) foi em 97 até mais ou menos dois mil e (...) 2008, 2009 foram aí uns 12 anos que ele me acompanhou, todos os campeonatos ele ia comigo e pra mim foi super

importante né porque eu não falava inglês né, era menor de idade quando ele começou a viajar comigo.

Thiago: Quantos anos mais ou menos tu tinha?

Jaqueline: A minha primeira viagem foi com 16 anos pra fora né. Então, como ele já tinha mais experiência, já era mais (...) tinha mais idade do que eu. Pô, já tinha todo peso né, de fazer campeonatos mundiais, os campeonatos amadores aqui, ser presidente muito novo né de uma associação, uma responsabilidade grande.

Então, eu me sentia muito a vontade e tranquila viajando com ele, porque ele acabava agilizando tudo né. Eu só surfava, a minha ideia era só competir né. E eu acho que é por isso que eu me dei tão bem também né, porque eu não tinha essa preocupação de me preocupar com outras coisas que não fosse surfa e competi.

Então foi tudo acontecendo muito natural assim né, fui evoluindo, fui procurando os melhores equipamentos, treinando tanto a parte física de academia, fazia Yoga, fazia natação, quando tava aqui né porque quando viajava muito, então eu não conseguia dar muita ênfase a isso né, mas o pouco que eu fazia aqui já me ajudava muito né para as competições todas.

Thiago: Tu falou da Clarissa? A outra surfista?

Jaqueline: Não, a Patrícia Freitas.

Thiago: Patrícia Freitas!

Jaqueline: Exatamente.

Thiago: Do Estado de Santa Catarina...Tu lembra de outras meninas de outros Estados que já estavam nesses campeonatos?

Jaqueline: Lembro, lembro! De várias. No Rio tinha a Andrea Lopez, a Ana Galote, a Debora Fará, Michele Pessoa, tinha (...) Sandra Vieira (...) meninas que hoje nem competem mais.

Thiago: Santa Catarina, Rio de Janeiro.

Jaqueline: Santa Catarina tinha poucas, além da Patrícia tinha a Karina Abras que inclusive hoje ela tem uma escola de surfe na Joaquina. Ela virou *longboard*, ela competiu algumas etapas do circuito mundial *longboard* né. E (...) mais assim ó, durante o circuito amador ali eram nós três, era eu, ela e a Patrícia. Ela, a Karina, até correu poucas vezes, a Patrícia que corria todos os campeonatos né.

E depois eu conheci essas meninas correndo o circuito amador brasileiro né. Que aí ele ia pra São Paulo, ia lá pro nordeste, ia pro Rio. Aí em São Paulo (...) São Paulo tinha tinha outras meninas também né: Alice Santos, Suarina Araiza (...) Liza Monteleoni, nossa muitas meninas alí que competiam né, Francisca Pereira, Juliana Quint. Aqui também depois teve a (...) a Juliana Quint que é aqui do Santinho também. Que foi outra menina que disputou o circuito profissional brasileiro né, por muitos anos.

E lá do nordeste teve a Tita Tavares né, que foi a sensação, a gente passou, correu o circuito mundial juntas. O Bira acabou me empresariando e ela também, então a gente fazia viagens todos juntos né. Quando a gente saiu da categoria amadora né que aí o próximo passo era, era sair do Brasil, era correr o circuito mundial né. Então, a gente acabou formando um time assim né, eu, ela e o Bira. Pô e aí a gente conquistou muita coisa né. Foi só o começo né.

Thiago: Se conheceram através do Bira e aí...

Jaqueline: Do Bira! É o Bira foi desde criança a minha relação com ele. Com a Tita foi depois que ele começou a levar o time Santa Catarina pra correr o circuito brasileiro amador que aí a Tita vinha pelo time de Fortaleza. Aí a gente se passou a conhecer né. E a Tita começou a competir o circuito mundial antes do que eu ainda, ela já tinha feito algumas etapas, ela tem mais idade do que eu. E ela já tinha alguém ali que lançou ela né, pro circuito mundial né.

E logo depois veio: primeiro foi a Andreia, depois foi a Tita e depois fui eu né. Só que quando eu comecei a Andreia já estava parando assim né, a Andreia Lopez. E aí continuei eu e a Tita né, fomos seguindo juntas um tempão até vim a Bruna Schmitt que foi ali do Paraná né que fez o circuito por alguns anos, a carreira dela nem se estendeu muito assim, ela até parou cedo. E depois veio a Silvana né, que aí ficou, permanece até hoje.

Thiago: Falasse agora dos campeonatos amadores e é justamente a próxima pergunta: quais são suas memórias dos campeonatos amadores que disputasse? Que praias ocorreram? Algum mais marcante? Em que condições foram disputadas? Como foi teu desempenho?

Jaqueline: Olha, os campeonatos eles rolavam aqui em Florianópolis rolava aqui na Joaquina e no Santinho e, fora, rolava em Garopaba, Imbituba, Laguna, São Francisco do Sul, Balneário Camboriú e (...) até um na Barra da Lagoa já

rolou uma vez que o mar (...) tinha previsão de o mar ficar bem grande aí até fizeram aqui na Barra. Mas era todo ano nos mesmos lugares

Thiago: Na Barra te marcou mais?

Jacqueline: Marcou mais, mas eu não ganhei. O Meu irmão ganhou na categoria dele e eu fiquei em segunda, nossa eu lembro de que eu fiquei pê da vida ter perdido em casa, mas acontece campeonato é isso né, tem os favoritos né só que pô não dei sorte naquele dia assim né. Á e teve várias situações de campeonatos de ondas grandes que eu não conhecia varar a arrebentação e ter que ficar na espuma, sabe?

Só que como eu tinha a mesma idade mais ou menos das outras meninas era difícil pra mim era difícil pra elas também né. Então quando o mar tava grande ninguém conseguia alcançar a arrebentação lá fora né, ficava todo mundo na espuma né.

Mas o que me marcou bastante, até o meu pai ficou bem preocupado, foi no campeonato de Saquarema que a gente foi, Saquarema da uns mar bem grandes assim né e teve uma etapa do circuito amador lá que deu 12 pés de onda, gigante, gigante, e Saquarema tem um canto esquerdo que tem uma força d'água, uma canal que te joga pra fora sem tu querer, **sem tu querer chegar no outside tu chega** porque a corrente ia te jogando e tinha uma onda que formava no inside que eu e os pequeninhos ficavam todo mundo, as categorias iniciantes, groments, ficavam tudo na beirinha.

Só que tu não podia te descuidar que a correnteza te jogava lá pra fora e aí teve uma hora que ela me levou. Então eu lembro que nem tinha começado a bateria ainda, eu já estava quase lá fora. Tomei uma serie gigante na cabeça e quebrou minha prancha ao meio, eu não tinha nem pego onda ainda e aí eu meio que sumi. Tava de camiseta branca, meio que sumi no meio da espuma, ficou todo mundo meio preocupado e aí consegui sair com um pedacinho de prancha.

Quebrou a prancha ao meio e foi tentando dar um joelhinho assim quando eu subi a prancha tava em dois. Eu não consegui segurar né, muito grande a onda. Quando eu subi tava em dois ainda, ela ficou presa pela laminação assim as partes né aí eu consegui pegar uma pontinha assim e sair.

Aí eu saí correndo assim, parei bem longe do campeonato, saí correndo pela praia pra entrar de novo, daí ei peguei a prancha da menina, da Patrícia

que ela me emprestou, eu só tinha uma prancha na época né. Ela me emprestou a pranchinha dela assim, aí entrei com uma prancha bem maior que a minha, parecia um longboard pra mim né.

Aí nem consegui surfar muito assim, entrei porque, por entrar mesmo né, mas foi uma situação que me marcou bastante, me deu uma assustada assim né, tanto pra mim como pra quem tava fora d'água assim né. Mas no final deu tudo bem né, acho que foi uma situação difícil.

Thiago: Como e onde aconteciam tuas preparações para esses campeonatos amadores?

Jaqueline: O meu local de treino era sempre a Barra. Eu comecei a surfar na praia Mole (...) olha a partir dos 15 anos que eu comecei a surfar na Mole porque eu não tinha muita confiança para ir lá. E meu pai trabalhava na época e não podia me levar assim né. E muitas vezes eu ia de carona, a gente ia eu e o meu irmão andando de prancha na estrada, pedia carona e a galera dava. Ia caminhando.

Então, quando a gente começou a se sentir mais a vontade a gente já tinha um pouco mais de experiência também e aí a gente começou a se aventurar na praia Mole. Depois veio o Moçambique né (...) primeiro veio o Moçambique na verdade, primeiro foi a praia de Moçambique que a gente começou a ir e aí depois a gente começou a frequentar a Mole né. Mas por muitos anos o meu local de treino era sempre a Barra né, por ser perto da minha casa, eu ir caminhando, não precisava de ninguém pra me levar né.

Só que aí quando as coisas começaram a acontecer e eu vi que eu precisava evoluir se eu quisesse chegar mais longe, eu tive que sair da Barra né, porque a Barra é muito inconsistente, não dá muita onda. E praia Mole e Moçambique pra treino as ondas são muito melhores né, mais fortes desafiadoras. Aí eu comecei a sair pra essas praias daí ficou difícil voltar pra Barra. Eu surfo na Barra hoje porque eu moro aqui, mas dificilmente (...) tem que tá muito bom pra mim surfar na Barra, eu sempre saio daqui! Ou é praia Mole ou é Moçambique, até hoje.

Thiago: Tu falou do teu irmão...ele é muito mais velho que tu não?

Jaqueline: Nove meses mais velho. Tem pouca diferença.

Thiago: Á pouca diferença!

Jaqueline: A ele foi parceirasso né cara! Teve várias situações assim que eu convidava ele pra surfar quando ele não queria e eu também não ia, não queria ir sozinha. Tão apegada a ele né, só que ele era fissurado né, mas quando ele não ia eu também não ia tinha essa coisa.

Naquele começo de ter revezado prancha também né. Teve situações que a gente ia pra campeonato que a minha bateria era na sequencia da dele, então a gente teve que pedir outra prancha emprestada porque naquela de trocar prancha, a bateria dele já estava na agua, a minha e tu ia perder tempo né, alguns minutos.

Thiago: Era a mesma prancha?

Jaqueline: Era a mesma prancha que foi uma prancha que o Bira deu, era uma DG, um 5'5". Então ele deu pra gente e a gente teve que correr o campeonato com a mesma prancha. Só que como a bateria era uma na sequencia da outra, ele davam 3 minutos só pra tu entrares, antes de acabar a bateria ele já teria que tá lá dentro. E como a gente tava revezando a mesma prancha não dava. E nesses casos a gente tinha que pedir uma emprestada e a gente pedia ali pra galera que competia junto com a gente e a galera emprestava, umas duas vezes aconteceu isso.

Thiago: quando tu falou irmão eu imaginei aquele irmão mais velho que (...) mas aprenderam juntos praticamente.

Jaqueline: Juntos, juntos. Eu lembro no inverno que a gente não tinha roupa e a gente usava saco plástico no corpo, a gente pegava umas sacolinhas assim abria pra meter os braços pra ficar com saquinho plástico no corpo mesmo, a gente fazia isso direto, que ele grudava no corpo o saco e pelo menos o vento aliviava né, não que a gente não passasse frio, mas a gente inventava cara.

A gente não tinha leash, a gente pegava aquele varal de (...) o varal mesmo, essas cordinhas de varal e fazia de leash. E aí o que prendia no pé era aquelas mangueirinhas de chuveiro, sabe? E eu não que a gente ia cai, antes de a gente caí de a prancha puxar. Pô, aquilo dava uma puxada e machucava o tornozelo né. Pô. Era uma mangueira né, a gente tentava assim quando caia tentar puxar a mangueirinha pra não dar aquela pressão.

Thiago: a Barra tem história!

Jaqueline: É tem bastante história.

Thiago: Ainda assim com esses campeonatos amadores, quais manobras sentias mais confiança? Em quais desses manobras conseguias empenhar mais expressividade/radicalidade? E que condições de onda eram mais favoráveis pra executar essas manobras?

Jaqueline: Olha, até os 13, 14 anos assim eu pegava mar pequeno porque passava de certo tamanho, eu era bem pequenininha também né. Eu não tinha nem o domínio, nem força nada, não tinha muito prepara físico, nessa época eu não fazia academia nada era nova né.

Então, pô até meio metro eu dominava, era tanto batida quanto Cut back era as minhas cartas na manga assim né. Eram manobras (...) foram manobras que foram as primeiras que aprendi assim, dar batida e dar Cut back né. A e com o tempo tu vai aprimorando né, tu vai aprendendo; tu vai ganhando experiência; tu vai vendo as outras pessoas surfar tu vai inovando teu repertório de manobras, mas por muito tempo foi isso né, foi a batida e foi a rasgada né. Essas foram as manobras.

Thiago: Tu falou em ver as outras pessoas surfarem, tinha alguém que tu (...)

Jaqueline: Homens né. Tinha o Evandro dos Santos que era aqui da Barra, tinha o próprio irmão do Bira que era o André Barcellos, surfava muito!

Thiago: O estilo?

Jaqueline: O estilo. E o jeito (...) a linha de surfar deles né. Pô, uns cara que (...) eles tinham um pouco mais idade do que eu e já corriam campeonatos na categoria Open, Junior né. E já tinham um surfe bem (...) bem bonito assim né, de variação de manobras, de força assim, radicalidade. Então eu gostava muito de vê e como eu estava sempre presente nestes campeonatos, eu sempre gostava de observar o outro pessoal né.

Thiago: E tinha acesso a eles? Nesses campeonatos tu tinha acesso a eles pra conversar, pra (...)

Jaqueline: Tudo, tudo. Tinha, tinha, porque eles eram da Barra também né. Então a gente acabava todo muito treinando junto, sabe? E torcendo um pelo outro porque a gente sempre participava dos mesmos campeonatos, representando a Barra aqui né.

Foi legal ter essa fase assim, porque foi uma fase que a gente (...) que eu prestava muita atenção assim no surfe da galera né. E depois eu tentava colocar em prática assim o que eu tinha visto né. E depois com o próprio

passar do tempo né, de treinos, surfava todo dia né, vídeo de surfe eu via muito pouco não era muito ligada em ver vídeo de surfe assim e, nem assim, de quem competia muito lá fora né.

Só que depois isso começou a me despertar né, quando eu comecei a me interessar pelo circuito mundial veio a Liza Anderson né que foi 4 vezes campeão do mundo. E aí eu comecei a acompanhar um pouquinho assim né, a participação dela no circuito mundial.

Essa coisa que a gente não tinha muito acesso a internet e era difícil de acompanhar, até porque os campeonatos não passavam e nem tinha transmissão ao vivo como se tem hoje. Era mais aquelas gravações na TV que a gente via, os programas do Realce na época, muitos anos atrás que a gente conseguia vê um resumo do que acontecia no cenário do surfe mundial né, fora isso a gente não tinha muito acesso.

Fora isso eu lembro que a Liza Anderson foi uma referencia pra mim depois assim né, porque ela corria o circuito mundial, pô e surfava bem pra caramba assim né. Então ali foi uma meta assim que eu falei: pô agora eu quero chegar lá. Sair do (...) vou aqui passar pelas categorias de base, o circuito regional, o local, o Estadual, o Brasileiro até chegar no Circuito mundial né. Então foi tudo uma consequência as coisas aconteceram muito natural assim né, mas foi ralando também né porque teve muita dedicação ali né.

Thiago: Tu falou da batida, da rasgada, do Cut Back...como aprendias essas manobras? E como fosse aprendendo novas manobras?

Jaqueline: A cara, isso foi tentando no dia a dia assim né, era (...) o negócio era mexer a prancha né, eu não sabia como é que se executava manobra, eu não lembro de perguntar muito para um atleta que já sabia fazer aquela manobra como é que fazia, eu entrava na agua e tentava.

Assim como as aulas que eu dou hoje né. As aulas que eu dou hoje é difícil tu explicar qual que é o movimento de dar uma batida; dar uma manobra né. É um passo a passo, a pessoa quer surfar e já quer correr a parede, só que na primeira aula não tem como correr a parede né, a gente empurra reto né, as primeiras aulas é só pra tu pegar a base né.

Então é até curioso porque quando eu começo as aulas eu começo a pensar que eu também já fui assim um dia né. Eu também já fui reto nas ondas, eu também já corri a parede e não sabia fazer nada. E é o que tento

passar agora, só que tem pessoas que: á, como é que eu corro a parece? Como é que eu (...) é difícil explicar isso porque o negócio é na pratica mesmo tu vai aprender na pratica.

Então eu lembro que eu entrava e tentava manter a prancha de qualquer maneira e, como eu conseguia surfar todos os dias, isso para mim era bom, eu surfava duas vezes por dia, pelo ou menos uma eu surfava, quando eu não estava estudando eu tava surfando. Então por isso que as coisas aconteceram muito rápido também né.

E via o meu irmão também né, o fato de ele estar presente comigo na agua a gente meio que se espelhava um no outro, o que um fazia, o outro tentava fazer. E essa coisa do tentar foi a coisa de tá na agua e tentar de alguma maneira com o corpo mexer a prancha.

Pô, até começar a sair as primeiras manobras assim, meio estranhas e depois tu vai aprimorando né, porque depois quando tu dá uma manobra e tu já sabe como dá ela, tu só vai aprimorando né. E aí tu esqueces tudo também né, tu só quer dar aquela manobra, é que nem começa a dar aéreo, tu não faz mais nada na onda, tu pega a onda tu acelera para dar um aéreo, esquece que tem batida, esquece que tem rasgada né.

Então quando tu aprende a dar uma manobra tu quer dar só ela, eu lembro que quando era a batida era só a batida, esperava vir uma junção pra dar uma batida, quando eu via que a onda era gorda, não! Era *Cut back*, sabe? Mas é uma coisa assim que hoje eu dando aula eu acho difícil de explicar. É uma coisa que tu aprende no dia a dia praticando, sabe? Acredito assim, pela lembrança que tenho.

Thiago: E quais manobras destacavam boas notas ao teu surfe nesses campeonatos amadores?

Jaqueline: A eu acho que era mais assim o (...) eu acho que uma manobra marcante assim pra mim que as pessoas sempre falam é a minha rasgada né, as rasgadas assim no lip assim, uma manobra que pra mim marcava né e que eu conseguia ganhar mais pontuação. Porque eu nunca fui uma atleta de (...) radical assim, de usar muita rabeta e dar aéreo né, manobras aéreas.

Meu surfe foi sempre de linha, estilo Teco, estilo Fabinho, estilo Neco né. Não é um surfe muito agressivo de dar aéreo, ficar rodando né. Meu surfe é

lip-base né. Então eu consegui me dedicar bastante a essa linha de surfe né, de base-lip, base-lip, e bater nas partes mais críticas.

Eu lembro que quando eu cheguei no circuito mundial, as meninas alisavam muito as ondas e eu batia, aquela parte que elas não batiam eu batia. Então nisso eu me sobressaí bastante porque vinha àquela junção grande elas saíam por cima e eu batia, e quando eu completava era um notão.

Eu lembro que o meu surfe ficou bem marcado, nessa minha passagem pelo circuito, por isso né, por ter (...) que eles falavam de ter um *back hand* forte assim né de atacar, de atacar nas partes mais críticas, aquelas partes que as meninas alisavam eu batia, atacava. Então isso marcou bastante meu surfe dentro do circuito mundial e entre todo mundo, os juízes e as atletas né.

Então, ficou minha marca registrada, mas essa rasgada no lip assim né, bem aberta, com os braço bem abertos assim né meio que é a minha marca registrada no surfe.

Thiago: Ficava todo mundo esperando o momento ápice!

Jaqueline: Aham (risos)

Thiago: E quais os critérios que os juízes utilizavam nos campeonatos amadores que disputasse? O que era valorizado para a obtenção de uma “nota 10”?

Jaqueline: Ai, eu acho que é a mesma (...) é a mesma avaliação hoje, o mesmo critério que é quantidade e qualidade de manobra né. Tudo bem que eu acho bem difícil julgar uma categoria (...) iniciante onde a pessoa não, não tem um repertório de manobras ainda né, ela só dropa, corre a parede né, dá só uma encaixada nas manobras assim.

Eu até particularmente acho bem difícil esse tipo de julgamento assim né, do que julgar uma bateria das pessoas que já sabem surfar né que é o que eu vejo, que é o que eu acompanho. Então é (...) mas eu acho que o critério de julgamento foi sempre esse: é escolha de onda e qualidade e repertório de manobras! A onde tu coloca a prancha? No lugar mais difícil! Porque aonde tu consegue colocar a prancha no lugar mais difícil, dá uma manobra e voltar, tu vai ganhar mais pontos por isso né. Porque só alisar a onda, só encaixar a prancha do que tu radicalizar e bater mesmo né.

Então eu acho que o critério sempre foi o mesmo, só que hoje talvez esteja um pouco mais apurado porque hoje o surfe tá muito mais evoluído né e,

tu exige mais dos atletas né. Antes tu dava uma batidinha, só uma batida sem jogar a rabeta era 1 ponto, hoje tu dá uma batida jogando a rabeta, já é outro. Então, o surfe foi evoluindo e o critério de julgamento acabou acompanhando isso, acabou acompanhando a evolução.

E também tem a questão de tu olhar o mar e ver: ó hoje esse mar tá pra dar *Cut Back* porque tá uma onda gorda; a hoje esse mar tá cavado dá pra dar uns floaters; não hoje tem tubo então hoje vai ser (...) a nota que vai ser avaliada hoje vai ser o surfista que pegar o tubo mais fundo, sabe? Depende do local e da condição do mar naquele dia.

Thiago: Chegar antes, dar uma observada (...)

Jacqueline: É exato. Tem dias que tu olha e diz: aquele mar tá pra *Cut Back*. Então vais ter que dar o melhor *Cut Back*. Porque o mar muda muito de um lugar para outro. Tu vai lá pra Pipe, Teahupo, Fiji, o que vai contar? É o tubo! Se um cara pegar só tubo e o outro só der manobra o cara que der só manobra não vai passar a bateria nunca porque o que tá contando ali é tubo. É um lugar que dá tubo né. E eu acho que é assim em todos os lugares né.

Então eu acho que o critério não mudou muito, o estilo de surfe; as manobras aéreas inovadoras chegaram, mas os critérios seguem o mesmo: é escolha, qualidade e quantidade de manobras na onda!

Thiago: Bem e quanto surfista amadora havia patrocínio? Se sim, de que forma eram efetivados esses patrocínios?

Jacqueline: Bom, na minha categoria (...) na minha fase amadora na verdade, eu tive muitos apoios assim que eu ganhava só produto, não ganhava grana né. E (...) eu só comecei a (...) e a partir do momento que eu comecei assim é (...) que eu fechei o meu primeiro patrocínio assim que envolveu dinheiro, a parte financeira foi pra correr o circuito mundial. Porque até então o circuito (...) todo circuito amador como o circuito catarinense até o brasileiro amador foi tudo assim, um apoio de prancha, pagava alguma coisa, mas nunca ganhava sem por cento assim né.

Thiago: Apoio aqui de Santa Catarina?

Jacqueline: É aqui de Santa Catarina mesmo né. Tive vários apoiozinho, um me dava roupa de borracha; dava prancha; dava os acessórios né deck; leash assim que eu não pagava, mas também não ganhava nada.

Meu pai que investiu muito e o Bira também né, o próprio Bira. Tanto meu pai ali, minha família que investiu em mim quanto o Bira também, como ele conhecia muitas pessoas e muitas marcas, ele conseguia fechar esses apoios pra mim né que não envolviam parte financeira né.

E aí eu só comecei a ganhar mesmo surfando quando eu fui para o circuito mundial a partir de 97, aí sim começou a vir os salários mensais, aí foi o próprio Bira que fechou os patrocínios para mim na época né.

Meu primeiro patrocínio foi da Rip Cul então eu tive 14 anos. Então ali já rolava um (...) rolava uma (...) um patrocínio com dinheiro né. E depois tinha as premiações dos campeonatos que aí já entrava e ajudava no custo né pra tu viajar porque na época não era muito né a premiação também (...) como eu corria WQS.

Até hoje é assim né a WQS paga muito pouco do que a WCT que é a elite né. Hoje dentro da elite tu entra ganhando 8 mil dólares então se tu perder de cara em todos os campeonatos ganhando 8 mil dólares tu consegue fazer o circuito todo. Agora o WQS tu não consegue porque o WQS se tu perder de cara tu não ganha nada. E tu vai só ganhar (...) o que vai assim te ajudar a custear tua viagem, se tu fizer semifinal pra cima, se tu perde antes disso te ajuda um pouquinho assim, mas não cobre a tua viagem, sabe? Agora se tu tiver um apoio te ajuda né, porque aí o dinheiro da premiação as vezes entra como lucro né, porque tu tem alguém que tá te apoiando ali; te patrocinando né.

Então o começo foi assim né o que eu ganhava, o Bira também viajava comigo né então a gente juntava daqui juntava dali pra ele ta comigo, juntava premiação e a gente tava sempre junto, ninguém tinha muito lucro né, mas a gente sabia que aquilo ali era preciso naquele momento pra depois as coisas começarem a acontecer e foi depois que eu entre pra dentro do WCT né que aí em 99 foi a minha estreia no WCT que aí tu já ganha, tu já entra ganhando dinheiro né. É diferente né.

Embora as premiações hoje sejam muito maiores só que na época que eu tava comparado com uma geração anterior na minha época também tava bom. É que a gente faz essas comparações né. Hoje a menina que perde de cara no circuito mundial, ganha o dobro do que eu ganhava quando eu perdia

de cara, mas as meninas que vieram antes de mim também não ganhavam (...) ganhavam pouco né. Então era tudo um...

Thiago: É legal fugir dessa linearidade de olhar e dizer (...)

Jacqueline: É exato, exato. Eu penso assim, hoje o circuito mundial paga muito melhor, mas na minha fase também pagava pras meninas que já tinham parado (...) pô, aquela fase da Jacqueline lá ela ganhava muito mais do que eu, né? Mas é normal, o esporte vai crescendo, vai mudando as premiações, vai ganhando visibilidade, vai aumentando o numero de atletas né.

Então no começo foi assim quando eu corri o WQS né foi juntando, premiação daqui e como eu tava numa fase boa só me dando bem então eu conseguia fazer um pé de meia assim em todos os campeonatos aí a gente juntava tudo e ia eu e o Bira viajar pra todos os campeonatos né.

Thiago: A gente tava no amador e tu tá falando no profissional, acho legal isso, mas uma pergunta: o divisor de águas assim entre o amador e o profissional?

Jacqueline: A foi em 96 assim quando eu fui campeã brasileira e garanti minha vaga no ISA SURF GAMES que aconteceu no mesmo ano na Califórnia que aí é um circuito amador, mas com um (...) mais a nível mundial né que reunia vários países. Então é (...) como na época existia o circuito profissional brasileiro feminino né, mas eu tava com essa prioridade, de fazer o circuito mundial né.

Então eu acho que a partir do momento que eu corri esse ISA que eu fiquei em terceiro aí eu falei: pô agora chegou a hora de fazer o circuito mundial. Então na verdade eu me revezava assim, entre o circuito brasileiro, o profissional feminino e o circuito mundial, mas dando muito mais prioridade pro circuito mundial né, porque era assim saiu da categoria amadora aí não tinha muitas etapas do circuito brasileiro profissional assim né no Brasil.

Como o Bira já fazia os campeonatos do WQS ele já tinha uma ideia maior do que era os campeonatos do circuito mundial né ele já sabia como chegar lá e eu ainda tava caminhando assim né. Então a gente começou a conversar muito e aí a gente chegou a essa conclusão: ó depois do (...) saiu do catarinense, foi pro brasileiro amador, aí foi campeã brasileira amadora, aí ganhou a vaga pro ISA, pô fez a final no ISA, agora é WQS.

Aí a gente se programo pra isso né, essa transição foi de 96 pra 97 que aí eu comecei a focar e a correr o circuito mundial ali foi meu foco né até deixei

um pouco o circuito brasileiro amador de lado, até porque várias datas conflitavam né, como eu viajava bastante também, então teve várias datas que eu não podia correr o circuito brasileiro aqui né, então eu acabei dando prioridade para o circuito mundial, o WQS, aí começou 97.

Thiago: Mas não chegou a abandonar totalmente os nacionais?

Jacqueline: Não, não. Ainda fazia aqui mais bem pouco. O meu foco mesmo foi o circuito mundial.

Thiago: E sobre a carreira de surfista profissional..a quanto tempo participas de campeonatos profissionais? Consegues listas os campeonatos mais marcantes? Porque te marcaram mais?

Jacqueline: Bom, em 97 que foi minha estreia no circuito mundial foi um ano assim de (...) foi um ano de aprendizagens, porque pra mim era tudo novo. Eu não falava inglês né. Tive que ir pra fora né e pô (...) pra minha sorte tinha a companhia do Bira. O Bira ainda arranhava um pouquinho e me ajudava né. Só que quando eu entrava na água eu já não entendia mais nada nas baterias, o que estava acontecendo. Isso pra mim prejudicou bastante porque eu não entendia o que estava acontecendo na água né.

A locução lá fora falava a nota de todo mundo, quanto precisava e eu não entendia absolutamente nada. Então eu só ia saber do resultado quando saia da água, então eu já saia perguntando já pro Bira: então Bira como é que eu fui? Porque eu não entendia nada. Então isso foi bem ruim assim, porque hoje tu entendendo tu sabe né que se tu precisa de um 8 tu não vai remar em qualquer onda né. Tu vai esperar uma onda que tem potencial pra tirar um 9. E tu não sabendo disso tu vai remar em qualquer onda porque tu não sabe de quanto estas precisando, né.

Então isso acabou que no começo foi bem ruim pra mim, o fato de não falar inglês né. E depois saia da água, tinha que dar entrevista não sabia falar nada né. O Bira às vezes me ajudava, às vezes, eu conseguia, às vezes falava português e eles traduziam, foi difícil assim. Eu era (...) ainda sou bem tímida assim, mas eu era muito mais tímida na época.

Então pra mim assim, pô falar na frente do microfone uma língua que eu não fazia ideia, pra mim travava sabe (...) passava a entrevista e já ficava pensando: pô vou ter que dar entrevista em inglês sem falar inglês, sabe? Isso não me deixava a vontade assim na época né. E (...) só que como eu já sabia

dos critérios de julgamentos, da coisa da escolha de onda, quais as manobras eu sabia que se eu fizesse ali eu conseguia (...) ia ganhar pontuação boa, então foi o que me confortava assim né, sabia que eu ia entrar na água pra ganhar, independente se eu tava entendendo ou não a locução né. Mas foi um desafio esse primeiro ano.

Eu acabei nesse primeiro ano ficando em 13^a no ranking e classificava até as 8 eu acho. Fiquei ali umas 5 ou 6 das vagas de classificação e aí pô mas foi um ano de experiência né. Ganhei experiência; conheci as minhas adversárias, sabia que no ano seguinte os campeonatos seriam quase todos nos mesmos lugares, então já conhecia né, já sabia o tipo de onda que quebrava lá.

E aí 98 foi o ano que eu corri e aí eu conquistei a minha primeira vitória no circuito né que foi em Santa Cruz na Califórnia foi a minha primeira vitória no WQS, foi um 5 estrela né. Aí venci esse ano nesse campeonato e fiz mais alguns bons resultados ali não cheguei (...) não lembro de ter feito outra final neste ano, mas aí como foi um campeonato grande que eu ganhei e belisquei ali umas semis, umas quartas acabei me classificando esse ano né. Eu fiquei em 6^a no ranking e classificavam exatamente 6, consegui ficar em sexto, ganhei a última vaga.

E aí em 99 foi minha estreia no circuito mundial mesmo no WCT, na elite, que eram só 18 meninas né. **E aí foi novamente mais um desafio né** porque era um circuito só com 17 atletas. O formato de chave de bateria era diferente, eram baterias mulher a mulher. Era mais tempo de bateria, menos ondas que tu podia pegar na bateria. Era um critério completamente diferente do WQS, tinha a questão da prioridade também. Então assim, foi outro desafio pra mim, fiz o ano todo e não fui bem, fui, faz aqui, faz ali, não fui bem. Não consegui me manter e sai de novo do circuito.

E aí voltei pro WQS né, e aí foi tudo de novo né, tudo de novo. E aí em 2000 fiz de novo o circuito mundial e fui vice campeã mundial, voltei de novo pra elite. Nossa e assim as coisas foram né. Eu fiz o WQS de 97, eu sempre fazia os dois circuitos paralelos porque se eu não fosse bem em um circuito eu ia bem pelo outro, então tava sempre ali né.

Então quase todos os campeonatos que eu corri, os anos que eu corri, usando o circuito paralelo eu me classifiquei mais pelo WQS do que me

mantive pelo WCT né. Os anos que eu me mantive foram só os anos (...) o ano que eu fui vice campeã do mundo que foi 2002 né que aí eu consegui me manter pra 2003 pela elite né e, 2004 que eu fiquei em 6ª no ranking.

Acho que teve mais um ano que eu consegui me manter no CT entre as 10 ali que eu me consegui me manter, o resto tudo eu subi pelo WQS né. Então o WQS era (...) é que o WQS embora era bateria de 4 mulheres, eu (...) eu não sei, eu me adaptava melhor ao circuito e acho que as ondas eram um pouquinho pior assim, como eu tava acostumada a surfar onda aqui que eram parecidas até então eu acho que me davam melhor essas condições (...) de ondas ruins né.

Tanto é que depois, claro com tempo, eu fui melhorando meu surfe em ondas boas. Pô eu venci Honolulu bakery, é um point break de direita, com tubo, com manobra. Foi a minha primeira vitória no WCT né, em 2002. E venci *Snapper Rocks* na Austrália que também foi um *point break* de direita né, e a onda que tu tem que ter uma leitura, tu não pode pegar e dropar e sair correndo a onda. A onda espera pra tu manobrar, até tu conseguir ter uma leitura dessa onda né (...) é difícil, é prática.

Acho que esses anos todos no Circuito Mundial me deu isso, aprender a ler né. Essa leitura das ondas perfeitas né, de como surfar elas. A gente tá acostumados a surfar onda aqui, duas manobras, uma onda que fecha rápido aqui né, tem que ser rápido na leitura. Aí quando tu pega uma onda assim, tu vê aquele paredão, tu acha que ela vai fechar e ela abre toda. Aí tu passou a onda toda, a onda abriu toda e tu não fez nada, sabe?

Então eu comecei (...) a passar ter uma leitura melhor dessas ondas, analisar bem também, saber que aquelas ondas davam pra dropar, cavar, e bater, e rasgar e a onde esperava. Então isso nesse primeiro momento é muito difícil, porque tu vê a onda perfeita que tu nunca viu, tu quer (...) pô tu fica eufórico, tu quer surfar a onda, tu não quer cair né só que ao mesmo tempo é difícil tu ler uma onda dessas.

Thiago: Pelo que eu percebi tu nos primeiros tu praticamente chegava pra competir nos lugares.

Jacqueline: Sim, sim. Não tinha muita noção de como surfar essas ondas né. De qual seria meu critério e minha estratégia para surfar aquelas ondas né, até porque competia só com atleta gringa que já esta acostumada a surfar essas

ondas perfeitas, longas assim de várias manobras e até pra tentar mudar o repertório de manobras também né, pra não (...) porque o que conta também é a variação de manobra na onda né e não tu pegar uma onda e dar 4 rasgadas. Não! É tu variar né, é dar uma batida, uma rasgada, um tubo, um Cut Back, um (...) qualquer coisa, a variação de manobras né.

Então nesse primeiro momento assim foi tudo aprendizagem e a partir do momento que eu comecei a ganhar confiança, os resultados foram acontecendo né, tanto é que pô ganhei vários campeonatos né, nos 4 cantos, campeonatos (...) só no Havaí eu fiz 7 finais, foram duas em Honalulu e cinco em Haleiwa. Sendo que eu ganhei duas em Haleiwa, ganhei uma em Honolulu.

Então no Havaí eu tenho 3 vitórias né no total de 7 finais que eu fiz no Havaí né. Já venci três campeonatos na Austrália né. Venci na África do Sul, Califórnia, Portugal, Inglaterra, França, sabe? Então comecei a pegar gosto pela coisa assim, a coisa da gana pela competição, de saber competir né. E aí as coisas foram acontecendo né, foi tudo um passo a passo né.

Thiago: Durante a sua carreira profissional houve uma mudança nas exigências em relação as manobras? Quais manobras eram mais frequentes em seu repertório?

Jacqueline: A teve (...) teve (...) na verdade assim não foi à mudança na manobra, foi mais assim a execução das manobras, porque eu lembro que nas categorias amadoras né o surfe era sempre aquele surfe mais fraquinho assim e depois quando começou o circuito mundial que (...) pelo menos onde aconteciam ondas perfeitas, as meninas começaram a treinar né, essas manobras em ondas perfeitas né. E aí tu tinha que mudar teu estilo de surfe para poder competir com elas e ganhar baterias.

Embora eu não conseguisse treinar, eu sempre chegava cedo nas competições porque eu sabia que ia ser difícil surfar aquela onda perfeita, saber o *time*, onde manobrar e tudo né. Então como eu já tinha falado antes, cada lugar é um lugar, então assim ó: a onda de *Snapper rocks* ela tem uma sessão de tubos no começo e depois é só rasgada. Não é uma onda que te permite muito dar uma batida no crítico, dependendo do dia e da condição né.

Então esse campeonato que eu ganhei em 2004 foi depois de uma ressaca grande que teve e aí mudou todo o fundo, ficou bem funda a bancada, o campeonato começou numa ponta lá. Depois já veio para o meio da praia

porque já não tinha mais onda na ponta. Depois de um *swell* que cavou demais, ficou muito fundo já não quebrava onda atrás da pedra. A onda veio para o meio da praia, uma onda bem gorda, uma onda mais de *Cut Back* né. E como o meu *Cut Back* era sempre (...) sempre minha marca registrada né, então me favoreceu bastante. Foi um ano que eu ganhei só dando *Cut Back* e rasgada assim né.

Então eu acho que na medida que os anos foram passando o surfe feminino foi evoluindo muito, as manobras tudo. Pô o repertório de manobras das meninas começou a ficar mais (...) mais explosivo assim, começaram a manobrar mais no critico né, começaram a dar as manobras mesmo com muita força assim.

Então isso foi visível assim todo ano a gente via (...) algumas meninas se ousavam mais, davam umas rabetadas né. Pô e hoje nem se fala né, hoje as meninas tão dando até aéreo rodando né. Então foi uma coisa que aconteceu naturalmente assim, do surfe feminino mesmo, de melhorar essas manobras aéreas e manobras usando mais a rabeta.

Thiago: Tem alguma surfista da tua época que tu te espelhavas com essa explosividade?

Jacqueline: Cara eu acho assim na verdade que todo mundo tinha um surfe muito parecido, ninguém era muito radical. Então a gente ganhava mais assim ó: em quem batia mais no critico mesmo; em quem arriscava mais em bater mais no critico naquela sessão de junção grande que enquanto umas saiam outras batiam; ali as vezes eu me favorecia bastante porque eu sabia que se eu voltasse numa manobra de junção eu ia ganhar um notão né. Eu sabia que se eu manobrasse no critico na hora que cavasse, batesse e voltasse no critico eu também ia ganhar um manobrão né.

Então eu vi que as meninas alisavam muito as ondas e eu já vinha batendo assim né. Só que isso começou a mudar com o tempo também né, as meninas começaram a (...) evoluir (...) a bater também né. E não teve uma pessoa que eu me espelhasse, tinha varias meninas que eu admirava o estilo de surfe né, que eram a Lisa Anderson na época né. Aí depois veio a Jessi Jorsy que é uma menina da Austrália que tinha uma linha de surfe muito bonita né. E depois elas começaram a melhorar tudo isso, o estilo de surfe.

O acesso também a internet, a vídeos de surfe, começou a ajudar bastante porque tu começa a assistir né. E assistir também é um aprendizado porque tu olha né, tu fica fissurado e quando tu vê alguém surfando em um vídeo de surfe tu quer entrar na água e fazer o mesmo. Então isso era bom né, eu começava a prestar bastante atenção (...) eu nunca fui de assistir muito surfe na TV, eu gostava mais de no campeonato.

Tanto é que quando acabava o feminino eu sempre ficava pra ver o masculino porque eu gostava: pô vou pra casa vou fazer o que em casa? Vou ficar aqui vendo a galera surfar né, isso me ajudou bastante assim né, embora eu nunca fui dessas manobras aéreas e radical assim né. Mas o estilo né, o estilo de abordagem, de aonde manobrar, então isso eu aprendi muito vendo os homens surfar que até hoje eu gosto muito de ver assim né, acompanho todas as etapas do circuito mundial, assisto tudo né. E era natural que as meninas evoluíssem assim como os homens evoluíram né.

Tanto é que as meninas evoluíram tanto que hoje nós também (...) pô vou te falar, tem campeonatos aí que as meninas fazem a linha de surfe igual a homem cara: pô bonito de se ver! O surfe feminino já foi uma coisa assim que tu olhava assim: pô que chato, não tem ação, não tem (...) mas hoje (...) hoje quando tu pega um Bells da vida, um Snapper, um Honolulu, uma onda perfeita, as meninas quebram cara. Ficou bonito de ver o surfe feminino hoje né.

Thiago: Como eram teus treinamentos antes dos primeiros campeonatos que disputasse enquanto surfista profissional?

Jacqueline: Treinamento de água ou fora d'água?

Thiago: Em geral assim, havia fora d'água?

Jacqueline: Fora d'água havia muito pouco assim. Como eu viajavam muito o tempo que eu tava aqui eu fazia natação, fazia yoga e fazia musculação, eram as 3 coisas que eu fazia né. Mas eu nunca tive assim (...) o Bira foi mais um empresário pra mim. Ele nunca foi aquela pessoa que tava na praia comigo, muitas vezes ele teve é claro, tava na praia me filmando e me corrigindo né. Ele era mais o empresário que corria atrás do patrocínio pra mim poder me manter no Circuito Mundial. Nunca foi aquele cara muito técnico como hoje muitos atletas tem né, levar um filmmaker, filmar todas as sessões de surfe e depois corrigir né, em casa na noite né.

Eu nunca tive muito isso, foi mais assim na raça mesmo de olhar e tentar eu colocar em prática. Eu olhar as poucas vezes que tinha filmada as minhas ondas (...) que eu lembro que quando a gente começou a viajar eu e o Bira a gente investiu numa câmera e o Bira tentava filmar todas as minhas baterias, as vezes as de *Freesurf* né e aí quando eu me via surfando eu tentava corrigir né. Mas é muito diferente tu achar que tá fazendo uma coisa que tá legal, uma manobra e quando tu vê surfando ali um vídeo tu tá completamente diferente né.

Então o vídeo hoje eu acho muito importante né. Porque tu acaba mudando muito coisa, tu consegue ver tua pisada na prancha. Onde é que tu poderia ter batido, tu passo numa sessão que tu poderia ter batido e isso numa bateria conta muito né, tu não pode (...) tu tem o mínimo possível alisar a onda, tens que bater, entendeu? Eu acho que a filmagem ajuda muito e eu não tive muito isso, sabe? Quem me filmasse sempre, foi mais assim na coisa do (...) acho que do Dom mesmo, da coisa de querer melhorar, de ver a galera surfar e tentar colocar isso na água, sabe?

Thiago: Acho que alguma coisa tu comentou sobre como eram tuas preparações durante esses campeonatos, antes e entre as baterias? Tu falou da observação de outros atletas, tem mais alguma coisa?

Jacqueline: Em termos de preparo físico eu só fazia quando eu estava aqui quando eu viajava eu já não fazia nada assim. Porque eu tinha medo de me lesionar. Eu dizia: Pô se tiver que me lesionar vai ser surfando não vai ser treinando. Não vai ser aqui dando uma corrida pra dar um estiramento, não vai ser aqui fazendo qualquer outra coisa né.

Eu às vezes fazia alguma coisa assim de parte física quando acabava um campeonato e tinha assim duas semanas para um próximo né. Aí eu falei, pô não dá pra ficar esse tempo todo parada né, vou dar uma exercitada. Aí procurava uma academia onde tinha uma piscina, fazia mais natação porque sabia que a natação não ia me lesionar né, não tinha impacto nenhum né. E eu acho que é um (...) é uma atividade completa né que te mexe todos os membros e ainda te dá um cardio aqui né que é bom.

Mas em matéria de treinamento assim de técnica e tática assim pra bateria era o Leandro. Sempre antes de bateria (...) eu nunca fui muito de me concentrar muito que nem as pessoas fazem hoje, botam fone de ouvidos, eu

nunca fui assim. Eu sempre gostava de estar ao lado de alguém conversando ou era com Bira que era meu técnico, ou era com a Tita, ou era com outras meninas e tá observando e tá conversando assim né.

Eu lembro que pô pegava a minha camiseta de licra 10 minutos antes do campeonato, pegava a licra e ainda ficava do lado da galera conversando, mas ali né focada no que tava acontecendo e onde é que eu ia surfar. E o que eu ia fazer, o que a onda tava proporcionando né. Hoje a galera se concentra muito né, bota os fones de ouvido e vão até a beira da água e chega ali da o fone pro técnico e entra na água né, não quer que nada perturbe.

Eu não, eu gostava de escutar a locução, o que estava acontecendo na bateria, as notas que eles tavam dando pra tal manobra, pra tal onda né. Então eu sempre fui muito atenta a isso. Nossa cara, acho que dá pra contar nos dedos o dia que eu coloquei um fone de ouvidos e fiquei ali sozinha comigo. Eu queria tá escutando o que tava acontecendo em volta, principalmente, o que tava acontecendo na água né. Então eu nunca tive (...) a minha estratégia era sempre essa né: tá atenta ao que tava acontecendo na na bateria anterior, nas baterias anteriores, do que tá enclausurada ali escutando uma musica, sabe? E sempre deu certo na verdade (risos).

Thiago: Qual foi teu melhor momento como surfista profissional? E o pior?

Jacqueline: Á cara o melhor momento foi quando eu venci a minha primeira etapa do WCT em Honolulu Baker em uma condição assim pô de 6 a 8 pés, altos tubos, surfando com as melhores meninas que tinham um surfe pra tá ali. E, não querendo dizer que eu era inferior a elas, mas naquela condição que tava, elas acostumadas a surfar aquele tipo de condição, mais do que eu, de uma onda perfeita né, de uma onda que eu não tinha costume de surfar.

E eu ter ido lá assim e ter feito um campeonato (...) passei todas as minhas baterias em primeiro, com notão, pegando tubo, surfando bem, sem cair da prancha. Então assim, eu acho que aquele campeonato era para ser meu assim, porque tava tudo se encaixando né.

Eu acho que a vitória naquele campeonato, eu lembro que quando eu fui pro Hawaii esse ano eu já tinha feito um segundo na Austrália e depois eu fui pro Hawaii em sexto no ranking né. E com essa vitória em Honolulu eu fui vice campeã mundial. Foi o melhor resultado da minha carreira.

Então eu nem esperava na verdade, pô ganhei o campeonato tava feliz da vida e depois vieram me falar que com aquele resultado eu tinha pulado para segunda no ranking né que eu tinha sido vice campeão mundial. Aí foi o êxtase assim né da, minha carreira e (...) pô a gente (...) eu trabalhei muito para aquilo né, tanto eu como o Bira que tava do meu lado ali.

Então (...) a gente ter chego assim naquele (...) pô naquele (...) estágio assim, de ter ganhado uma etapa do Circuito Mundial, tipo estando com as melhores e numa condição daquela que tava o mar, no Havaí ainda né que a galera costuma: á brasileiro não se dá bem no Havaí. Que sempre tem aquelas coisas né cara, sempre tem a galera que fala. Pô e eu ter ganha um campeonato numa condição, pegando tubo e tudo pô pra mim foi (...) pra mim foi o melhor momento né.

E o pior momento com certeza foi um acidente que eu tive na Australia, em 2011. Eu tinha recém voltado do WQS de 2010, fiz o circuito todinho, consegui minha vaga de novo, voltei pro WCT em 2011. Aí corri a etapa de Gold Cost que foi a primeira. Aí na minha segunda em Bells, quando eu tava indo para o campeonato para competir tive um acidente de carro né.

Thiago: Foi fora d'água o acidente?

Jacqueline: Foi fora, acidente de carro. Tava indo pro campeonato competir, cedinho de manhã e acabo que (...) tive a infelicidade de ter me deparado com uma pessoa que teve um mal súbito, o motorista né um outro condutor e ele me pegou na contra mão, ele vinha de frente e me pegou de frente né. Não tive (...) foi tudo tão rápido, uma coisa que tu não espera né. E aí ali foi o pior momento da minha carreira assim, porque de lá pra cá as coisas só pioraram.

Thiago: Tu chegou a ficar fora da competição?

Jacqueline: Fiquei, eu nem competi. Eu quebrei o meu joelho né, quebrei meu joelho direito, e não pude mais competir campeonato o ano todo né. Então assim, foi um ano que eu tinha voltado com tanta vontade cara, tinha perdido meu patrocínio da Rip Curl depois de 14 anos. Aí eu voltei a correr o circuito WQS, me classifiquei, aí voltei de novo pra elite né. Pô eu tava assim, eu tava muito bem, muito bem fisicamente, mentalmente, tudo. Eu tava bem pra caramba assim. Aí infelizmente me aconteceu isso, de lá para cá assim eu parei meu ano todinho né, pra me tratar me recuperar.

E depois em 2002, foi o ano que eu ganhei a vaga por contusão da ASP na época né, eu fiz todo o circuito, mas eu ainda não tava 100% né. Só que eu tinha uma data pra voltar, aí eu voltei e acabou que eu não fiz um ano legal. E de lá para cá acabou que as coisas não aconteceram mais. Eu perdi os patrocínios, não consegui mais patrocínio. Então foi tudo, pô com certeza assim foi o pior momento da minha carreira.

Thiago: Na transformação do amador pro profissional, quais as diferenças mais marcantes nos teus treinamentos pré-campeonatos?

Jacqueline: Acho que mais o surfe que eu sabia que teria que mudar né. Pra mim sair da categoria amadora e correr o Circuito Mundial eu tinha que dar uma polida no meu surfe né e foi o que eu tentei fazer. Tá com equipamento bom; tenta me adequar ao equipamento; aos tamanhos de pranchas; as pranchas que se adequavam a cada competição porque sempre viajava com 3, 4, 5 pranchas né, dependendo do local. Com pranchas de diferentes medidas assim né, mas eu acho que foi mais me adequar ao que os juízes estavam querendo ver né, ao critério de julgamento deles né.

E eu sabia que eu ia competir com meninas que também (...) pô tinham (...) se tão ali é porque tem nível pra tá ali e pra ganhar campeonato né. Então eu comecei a focar mais nessa coisa de (...) como eu já tinha um surfe de surfar bem no critico, comecei a explorar mais isso né. Eu sabia que quanto mais difícil o mar e maior se eu conseguisse manter minha linha de surfe naquele tipo de mar, sendo um mar pequeno ou mar maior que é mais difícil de surfar eu sabia que as notas iam sair né.

Então, e vendo né, vendo cada menina, cada (...) o estilo de surfe de cada uma, vendo o que cada uma fazia na onda assim né e eu fui me adaptando a isso. E tentando inovar a cada campeonato, procurar sempre né (...) manobrar sempre onde elas não manobravam que é o que os juízes queriam ver né e isso eu consegui implantar bem assim dentro do meu surfe.

Thiago: Tu falou da estratégia de escutar o que se estava passando no local, a ênfase do locutor as vezes tinha relação com a avaliação dos juízes em termos de (...)

Jacqueline: É muitas vezes tem né, o locutor fica ali narrando a onda (...) aí tu fica naquela esperando a nota dos juízes né. E na verdade o locutor tem que ser bem neutro nessa hora assim né, a não ser que ele narre a mesma onda

pra todo mundo né, do mesmo jeito assim porque as vezes é uma coisa que pode influenciar, a maneira que um narrador narra a onda né.

Então, essa questão de também tá escutando o que está se passando também né, até na avaliação dos juízes sobre o que vai sair na avaliação daquele cara. Porque a gente acaba fazendo o julgamento da onda né. Eu to vendo eu to julgando a onda também, pô eu acho que ali foi um 5, daqui a pouco o juiz sai 7, eu digo: pô! Sabe assim?

Então eu falo pô aquela onda nem foi tão boa pra 7 e o cara deu 7 então se eu fizer melhor que aquilo ali eu vou ganhar um 9, sabe? Então eu tentava me basear nisso, entendeu? Às vezes um pegava a onda assim e pô, dava umas alisadas e tirava 4, 5 e eu falava: caramba cara, os caras tão soltando nota.

Então os caras tão soltando nota, se eu der uma manobra melhor que a ela deu ali os caras vão soltar nota pra mim também e muitas vezes acontecia isso, sabe? Então eu gostava muito de escutar por causa disso. E julgar né, eu lembro de estar julgando ali as ondas de todo mundo.

Thiago: Um olhar de juiz também (risos).

Jacqueline: Exato.

Thiago: Participasse de uma geração que constituiu a figura da e do surfista profissional. Quais tuas memórias desse momento de profissionalização do surfe brasileiro?

Jacqueline: É o surfe passou por transições assim de atletas para atletas né. A gente teve a época da Andréa Lopez ali né. Eu ainda competi muito com ela né, mas ela já tava num momento de transição da carreira dela, parando e eu chegando né. Assim como teve as atletas do sul aqui Talita Damasceno, teve a Roberta Borges também, que eu meio que tava chegando e elas já estavam parando né.

Assim como teve agora essa transição comigo agora né, eu fui parando e deixando a nova geração né. Então é legal tu deixar assim esse legado né, porque assim tu (...) tu tens em quem se inspirar né. Eu lembro que quando eu competia o circuito amador assim, pô tinha 12, 13 anos ainda a Andréa já tava lá ganhando tudo. Então eu me inspirava nela era muito maior que eu, sempre olhava assim via o que ela fazia, como é que ela entrava no mar, as ondas que ela pegava, o que ela fazia nas ondas né.

E assim com todo mundo que tinha muito mais experiência do que eu né e depois eu passei a ser a experiência e espelho pra outras meninas também né, que vieram depois de mim nessa coisa da transição né. Então é legal né cara porque o esporte é isso, ele deixa um legado na história de cada pessoa né.

Então a gente teve lá uma primeira geração do surfe feminino no Brasil, depois teve uma segunda, uma terceira, talvez a gente já esteja na quarta ou na quinta agora né, mas ainda assim eu acho que o surfe hoje tem muitas adeptas que fazem o surfe por hobby, mas de competidoras tá carente ainda né. Tanto é que hoje a gente só tem a Silvana Lima no Circuito Mundial, enquanto os homens estão com 10 atletas lá dentro a gente só tem uma atleta feminina dentro da elite né.

Então eu acho que isso se deve a falta de apoio também, porque não é falta de menina que queira pegar onda, porque hoje (...) eu vou te falar que hoje eu vou surfar cara, eu fico surpresa com a quantidade de meninas que tem no *outside* só que são poucas que querem levar a carreira profissionalmente né. Virou muitos mais um Hobby assim né um estilo de vida a pessoa querer surfar do que ela tornar isso profissão até pelas dificuldades mesmos né.

A gente de 2011 pra cá (...) 2011 foi o ultimo ano que a gente teve aquelas etapas do Brasil Tour né que tinha o time masculino e feminino que era o Super Surf, virou Brasil Tour e 2011 foi o ultimo ano que teve, a gente tá em 2018, fazem 7 anos que a gente não tem mais nada de feminino no Brasil. E foi nesse período que surgiu os brasileiros aí dentro do Circuito Mundial. Nesses 7 anos surgiu o Felipinho, surgiu o Ítalo, surgiu todo mundo que tá aí dentro né, o próprio Medina a carreira dele não é longo, a carreira dele é curta ainda né, ele é um atleta novo dentro do Circuito né. Então eles deram muito mais ênfase a não deixar morrer o campeonato pros homens né do que para as meninas né, porque para as meninas acabou né.

A gente teve 4 anos sem nenhum campeonato por ano e 2015 pra cá começou a ter uma etapa, foi o Wiggolly Dantas que fez lá o Circuito de Ubatuba profissional, ele fez lá uma etapa em 2015, uma etapa em 2016 e uma etapa em 2017, não teve mais nada. Aí como é que a gente vai fazer atleta? Com que argumento tu vai chegar em uma proposta de patrocínio, mostrar

para alguém, para uma empresa e falar: ó tá aqui tu me patrocina? Tá mas tu vai correr o que? A eu vou correr um campeonato por ano! Pô, ninguém vai querer investir né cara, sabe? Então eu acho que esse período né de 2011 até a data de hoje assim prejudica muito o surfe feminino né, tanto é que a gente tá carente de competidora, não temos competidoras né.

Hoje a gente tem os circuitos de base tão acontecendo aqui, Floripa tem, Santa Catarina tem o circuito de base, mas ainda tem que ficar procurando meninas pra competir, pô e isso aconteceu quando (...) na minha época, entendeu? Hoje não precisava mais disso, porque hoje a gente tem muitas atletas inseridas no esporte né, mas ainda falta apoio cara, falta mais campeonato, falta mais incentivo, patrocinar, sabe? Porque a menina que começa hoje ela fala: tá to no amador, mas o que que tem depois do amador? Não tem nem profissional né. Não tem assim aquele circuito de base e depois (...) que nem eu tive né que eu comecei ali nos circuitos regionais e depois fui pro brasileiro amadora, fui pro profissional, fui pro mundial. Hoje tu não tem isso né, hoje tu tem que pular direto da categoria amador pro mundial porque não tem brasileiro profissional feminino, entendeu? E aí como é que chega lá, entendeu? Tu não pode (...) é um buraco muito grande entre tu sair do amador e o profissional, sabe? E aí falta esse investimento no surfe feminino.

Poxa a gente tem olimpíada agora, tem categoria de surfe feminino, vai ter as representantes né. Então a gente por enquanto só temos a Silvana né. Hoje tem umas meninas aí fazendo, na raça mesmo, o WQS, umas 4 ou 5 brasileiras fazendo o circuito WQS, sabe? Alí fazendo rifa, fazendo campanha na internet. Eu já fiz também, em 2014 eu fiz uma campanha na internet pra arrecadar fundos pra voltar a correr o circuito mundial porque tentei de todas as formas conseguir algum patrocínio e não consegui nada. E eu tinha um currículo pô, um currículo que poderia facilmente conseguir um apoio e não aconteceu.

Eu imagino essas meninas que não tem isso, então se torna muito mais difícil pra elas. Então eu acho que falta um pouquinho mais de pô, um olhar assim empresarial mesmo, sabe? E acreditar no atleta lá, não é pegar ele pronto, é acreditar lá nas categorias de base né. É isso que tá faltando hoje né, **vamo ver se vai melhorar** (suspiro).

Thiago: E esses patrocinadores enquanto surfista profissional, em que momentos eles vieram até ti e em que momentos tu foi até eles? Como se deu essa relação com os patrocinadores?

Jacqueline: A foi sempre eu que tive que ir na verdade. Eles nunca vieram até mim né. Eu na verdade tive o Bira né. E o Bira que era meu empresário e ele que procurava os patrocínios pra mim né. Então nunca teve ninguém que se interessou, a gente sempre correu atrás, mas assim, quando eu tava no auge da minha carreira isso não foi difícil. Porque eu tinha um currículo pra apresentar né. Então é (...) as empresas que a gente se propôs em mandar proposta de patrocínio à gente teve sucesso. Conseguimos fechar assim os patrocínios, algumas por muitos anos né. E aí isso não foi tão difícil na época, mas hoje eu vejo que isso é muito difícil, sabe?

Até como eu falei né tu não tem como mostrar para o patrocinador né o que tu vai fazer devido a essa falta de competição, de campeonatos. Então se torna muito mais difícil conseguir patrocínio hoje por causa disso né. Mas ainda existe as atletas que querem (...) que tão numa marca e [querem comprar eles né] porque acredita no potencial e que é independente da marca né, ainda existe. Mas na maioria das vezes é o atleta que tem que correr atrás. E tem que ter o currículo bom hoje para tu conseguir um patrocínio se não fica bem difícil.

Thiago: E em termos de patrocínios: qual eram os prazeres e qual eram os deveres de uma atleta patrocinada? Tu como surfista patrocinada assim?

Jacqueline: A cara o dever é sempre aquela coisa de estar sempre buscando o resultado né para sempre deixar o patrocinador satisfeito né. Embora eu nunca fui muito cobrada por isso né, tu tem que ganhar pra se manter na marca, não! Não existia esse tipo de cobrança né. Eu ia lá fazia o meu melhor, se eu ganhasse beleza, se eu não ganhasse, mas eu nunca tive esse tipo de cobrança assim né. Eu acho que dessa maneira as coisas aconteceram né. E eu sabia das minhas responsabilidades, sabia que se eu conseguisse bons resultados eu ia conseguir me manter mais tempo na marca né, ia ser fácil renovar os meus contratos né.

Então, e além do mais eu fazia o que eu gostava né. Então eu tinha todo tempo do mundo pra me dedicar aquilo né. Porque eu tinha uma pessoa que cuidava das minhas coisas né. Então eu tinha 100% do meu tempo

disponível para surfar e pra treinar. Então eu tinha que me cobrar, de melhorar, de ir me aprimorando, de onda grande, de equipamento, sabe?

E eu acho que prazer foi de (...) pô de tu conhecer o mundo né, falar outra língua, conhecer culturas diferente. Pô ter tornado né (...) tu ter te tornado uma atleta profissional do surfe né porque naquela época não era muito comum: qual tua profissão? Surfista profissional (risos). Hoje mesmo quando tu vai lá lista alguma coisa, um formulário, um cadastro: profissão. Não tem lá surfista profissional né. Então é engraçado a pessoa até perguntava duas vezes né: a tua profissão? Surfista profissional. Sabe assim?

Hoje não né cara. Hoje o surfe já é reconhecido mundialmente. Hoje a gente tem mais visibilidade na TV as pessoas conhecem e hoje as pessoas sabem que o surfe é uma profissão né. Então eu acho que é isso né, o prazer que ele me deu foi isso, ter conhecido o mundo, ter pegado altas ondas, ter construído tudo que eu tenho hoje, tenho a minha casa, tenho as minhas coisas. Vivo do surfe ainda, não do surfe competição, mas vivo do que o surfe me proporcionou né. E isso pô é prazeroso né porque o surfe proporcionou isso né.

Eu não faço ideia do que eu faria se eu não fosse surfista né. Se eu teria feito uma faculdade, eu não faço ideia de que né, mas por ter conquistado tudo que eu conquistei através do esporte né. E um esporte que na época era bem difamado assim né, não era muito valorizado ainda mais por mulheres né. Naquela época que eu comecei a competir quase não tinha meninas né, mas eu sempre tive muito apoio, não tive essa coisa assim de preconceito nada. As pessoas que cruzaram meu caminho, que me viram ali sempre me apoiando não teve essa coisa do preconceito né de ser mulher e estar ali entre os homens. Então eu não posso reclamar de anda disso, sabe? Sempre fui bem respeitada por onde eu passei, pelas pessoas que me acompanharam que me conheceram. E consegui fazer do surfe uma profissão né, isso pra mim que foi mais prazeroso.

Thiago: Tu falou dos contratos assim, eram contratos (...) tinha períodos?

Jacqueline: É (...) no começo assim os meus contratos eram anuais e depois passou a ser assim a cada três anos. A cada três anos renovava né. Quando eu tava na fase boa eram três anos né. Aí depois quando não fazia um

ano muito bom aí os caras baixavam pra um ano assim, depende (...) mas era de um a três anos os meus contratos no caso.

Thiago: Em relação as etapas do Circuito mundial ias em todas? O que te fazia estabelecer prioridades nas etapas que disputasse?

Jacqueline: Eu competia todas, tanto o circuito WQS quanto o circuito WCT que era obrigado a participar né. Mas o WQS eu selecionava os campeonatos maiores né, eu só ia nos campeonatos 4, 5 e 6 estrelas né. Porque tem de 1 a 6 estrelas né. Então dentro do Brasil eu fazia todos que tivesse né até de 1 estrela. O Brasil é muito mais viável de viajar né. Mas pra fora do Brasil eu só fazia quando era 4 pra cima. E aí eu sempre corria os dois circuitos paralelos né: o WQS e o WCT.

No WCT, eu lembro que no ano que eu entrei que foi em 99 eu competi 14 etapas do WCT na época né. E no WQS era em torno de 8, 9, então foram quase 20 viagens por ano assim né, passava mais tempo fora do que aqui. Só que ao longo do tempo isso foi diminuindo né e tem muitos atletas hoje que escolhem os campeonatos que vão.

Eu nunca escolhi, eu sempre gostei de fazer tudo né. Claro que escolhia assim: se fosse um campeonato muito longe e pouca premiação, pontuação também eu não iria, não valia muito a pena né. Mas eu sempre procurei fazer os campeonatos de 4, 5 e 6 estrelas, fora do Brasil né e sempre paralelo ao WCT, fazia sempre os dois circuitos juntos.

Thiago: Tu falou do Bira que te acompanhava, tinha uma equipe maior assim em alguns lugares?

Jacqueline: Não, não tinha. Tinha, tinha (...) poucos atletas tinha alguém que acompanhasse na época né. Eu tinha o Bira que me acompanhava né, mas poucos atletas tinham alguém que acompanhava que não fosse o técnico. Porque sempre vai o pai, vai a mãe, vai o irmão, vai um amigo assim né. Mas técnico mesmo é uma coisa de agora. Sabe que a galera tem um técnico né. Que tanto não só tá ali pra filmar como tá no dia a dia mesmo, participando dos treinos e tudo né.

Thiago: eu digo assim, pra dividir custos, por exemplo, chegar num lugar alugar carro, alugar casa, tinha?

Jacqueline: É na verdade na minha época não tinha muito isso como eu viajava eu o Bira e a Tita a gente dividia nós três os custos né. Então como eu

a Tita pagava o Bira também porque ele era nosso empresário, então tinha viagens que pagava o hotel eu e ela, pagava o carro e ele não pagava nada assim né. Mas a gente não tinha condição de pagar tudo pra ele né. Uma viagem inteira assim custo zero, não tinha como, porque a gente também não ganhava muito né.

Então a gente sempre pagava o que a gente consegui né, juntava um pouquinho aqui, um pouquinho ali, todo campeonato a gente pagava alguma coisa né. Ó dessa vez tu não vai pagar hospedagem! Dessa vez tu não vai pagar o carro! A gente sempre ajudava em alguma coisa, mas essa coisa de grupo acho que veio mais agora porque quando o Bira deixou de viajar comigo aí eu comecei a procurar uma galera pra viajar até pra ratear tudo que ficava mais barato né.

Aí eu comecei a viajar com a Silvana né. A Tita saiu aí entrou a Silvana. Aí começou a viajar eu ela e uma menina que acompanhava ela também que filmava, filmmaker né. Então (...) só que tem algumas pessoas que tu tem mais afinidade né consegue viajar, tem outras pessoas que já gostam mais de viajar sozinhas. Gostam mais de ter aquele momento, eu não eu já preferia (...) como a gente se dava muito bem né e pô surfar com a Silvana né. Tá surfando, tá treinando, tá conversando, vê ela surfar! Pô pra mim era uma inspiração também né. Até porque ela foi uma das poucas atletas assim que veio com aquelas manobras inovadoras e pra mim tá dividindo o mesmo quarto que ela, as mesmas viagens, surfando com ela, pô pra mim era inspirador né e, também, instigante. Porque ver a Silvana surfar é pô show né cara. A Silvana tem uma linha de surfe muito bonita né.

Então a gente poder (...) pô a gente viajou muitos anos juntas né. A Silvana começou o Circuito em 2003 na categoria ainda correndo o WQS e eu acabei ajudando muito ela na língua também pra comprar as coisa, pra ajudar a fazer as coisas que ela também não sabia né. Então eu acho que as duas cresceram na verdade, cada uma da maneira que pode né. Eu ajudando ela nessa questão de falar, de se comunicar, de dar entrevistas. E eu podendo ter a oportunidade de surfar com ela, de ver ela surfando e podendo também aprender vendo ela surfar. Então um agrega né no outro assim né. Então foi muito bacana.

Então hoje tu vê que a galera viaja bastante em grupo né. Hoje já tenho um grupo que se eu quiser viajar dentro do Brasil eu já tenho outras atletas que (...) amigas daqui né de muitos anos que a gente se da muito bem nas viagens. A gente acaba sempre fazendo as viagens juntas né, porque aí além de estar em boa companhia que tu te dá bem tu rateia os custos e fica bom pra todo mundo.

Thiago: Como fazias pra escolher o quiver de pranchas para levar a cada etapa? Eu penso aqui no fato das baterias femininas serem atualmente realizadas no momento de mar mais baixo. Como é essa coisa de pensar no quiver? Porque as vezes tem uma baita previsão, mas tu sabe que naquele pico vai tá os homens...

Jaqueline: Difícil. É então, eu vou te falar que eu tinha bastante dificuldade nessa questão de escolher as pranchas. Porque na época eu fazia muita prancha. Então eu tinha 30 pranchas em casa e eu tinha que levar 4. E daquelas 30 eu tinha que escolher 4, 5 né. E (...) dependendo o local e o tempo de viagem eu escolhia quantas pranchas eu ia levar.

Se era um campeonato que eu sabia que só ia dar onda pequena e lá naquela época eu não conseguia olhar a previsão com tanta antecedência como a gente consegue hoje né. Só que como eu já tinha ido nos lugares eu já conhecia um pouco né do que podia (...) condições que podia pegar naquele lugar né. Sempre levava em torno de 4, 5 pranchas, fora o Havaí que eu levava 7, 8, era mais fácil de quebrar as pranchas né. Porque lá sim a gente caía em mar maior né. Difícilmente a agente caia em mar pequeno lá. A gente sempre caía em mar maior.

Essa condição de mar ruim, das mulheres cair em condições ruins, isso aconteceu muito. Hoje até que tá meio a meio assim né. E mas eu também tinha muita duvida as vezes assim: tu surfava um dia tava meio metro no outro dia tinha 1,5 metros de onda. Aí aquela prancha que tava bom no meio metro não ia servir para 1,5 e tu tinha que trocar. Porque tu surfava o tempo todo aqui. A prancha tá no pé, tá no pé, tá no pé levava ela pra viagem. Chegava lá rolava um mar que aquela prancha não ia funcionar porque já tinha passado do tamanho, já tinha passado (...) tinhas que trocar de prancha. Cara, isso me prejudicou muito. As vezes meia hora antes da bateria eu não sabia a prancha que eu ia entrar no mar e isso muitas vezes.

Aí a quilha, a questão da quilha. Troca a quilha, bota uma maior, bota uma menor, uma média, sabe? Eu tinha muita duvida, eu não (...) eu admiro hoje quem pega uma prancha nova e cai direto na bateria que hoje eu já vi atleta fazendo isso, a Silvana é uma. Eu já vi a Silvana não entrar com prancha nova na bateria, mas ela surfava uma vez só, chegou no campeonato levou prancha nova: vou surfar com ela, caiu achou boa vou surfar na bateria com ela depois. Cara isso eu nunca consegui fazer. Eu admiro quem faz, mas eu nunca consegui fazer.

Eu tinha que tá com a prancha um mês surfando e tá confiante com ela pra mim poder: não é com ela que eu vou competir. E quando tinha que mudar a prancha que o mar subia eu ficava completamente perdida. Aquilo afetava o meu psicológico de uma determinada maneira assim que me prejudicava muito. E isso me aconteceu muitas vezes. Essa coisa da duvida tanto de levar daqui né quanto na hora da escolha lá que o mar mudou, tu caiu de manha o mar tava meio metro, o mar foi subindo tua bateria lá no final do dia tinha 1 metro e meio. Aí tinha que trocar de prancha, entendeu?

Porque tu sempre tem a prancha mágica né. A prancha boa que tu não quer largar ela né e quando tu tem que deixar ela e pegar uma maior que já completamente diferente aquilo no fundo, no fundo dá uma abalada. Pelo menos comigo acontecia. E algumas baterias me prejudicou muito por causa disso. Acho que hoje ainda é muito difícil assim, sabe? Quem não tem problema com isso poxa eu vou te falar porque é uma questão bem difícil assim, bem delicada.

Thiago: Tem a questão das pranchas nos aeroportos também...

Jacqueline: Á também, nossa cara, carregar a prancha no aeroporto nem me fala. Sempre uma missão, né? Porque eu sempre carregar só um sarcófago né, mas tem gente que carrega duas. Quando eu carregava duas eu tinha uma companhia né que podia me ajudar, porque quando eu ia sozinha era sempre uma né, mas sempre aquele trabalho de botar nos carrinhos. Aí eu ia passar na porta a porta não (...) batia lá em cima das portas né. Tinha que tirar a prancha do carrinho, passar ela sem o carrinho.

Aí chega uma hora que tinha mais como ir de carrinho, era escada rolante e não podia levar prancha na escada rolante. Tinha que sair puxando, tinha que botar no elevador cheio de gente as pessoas todo mundo olhando.

As pessoas olham né, são curiosos né tu vê aquela coisa arrastando grande e tu não sabe o que é. E várias pessoas perguntavam o que que era: o que que é isso prancha de surfe? Exato.

Aí chegava a quebrada as pranchas nossa cara isso aí foi uma incomodação, stress. E aí as companhias não queriam pagar, sempre alegando que a gente paga pelo espaço no avião não pelo danificar as pranchas. Nossa, sempre uma complicação viajar com prancha.

Thiago: Mas já ocorreu assim por não disputar a bateria por não ter prancha?

Jacqueline: Esse campeonato do ISA que eu participei em 96 as minhas pranchas não chegaram aí eu competi com a do Raoni Monteiro. Ele foi convidado na época pra ser o mascote do time, ele não tava competindo. Ele ficou o mascote do time brasileiro. E ele era praticamente da minha altura assim, pequenininho e as pranchas dele bem fininhas, bem parecida com as minhas. Aí peguei uma dele, cometi. Pó a prancha boa, eu até pedi pra ele me vender depois. Porque a prancha era tão boa, me dei tão bem com a prancha dele que eu pedi pra ele me vender né. Eu sei que as minhas pranchas chegaram, eu não competi com as minhas pranchas. Eu pedi pra ele se eu podia continuar competindo com a dele até o final, porque eu tava tão encaixada com a prancha dele naquele mar que tava lá rolando.

Thiago: Foi na Califórnia, Huntington beach. Aí as minhas pranchas não vieram nesse campeonato. Não chegaram a tempo né da primeira bateria, aí eu competi com outra. E teve outra ocasião na Ilha dos Açores em Portugal também que a prancha não veio. Aí eu peguei uma prancha muito ruim cara, pedi pra uma menina que tava comigo na casa. Nossa, surfei com ela antes assim vi que não era boa, mas eu não tinha, não tinha o que fazer. Mas a prancha não veio, aí tive que competir com aquela prancha e perdi a bateria. Poxa, fiquei pê da vida. E isso aconteceu e deve acontecer ainda, acredito.

Thiago: E sobre a tua carreira profissional hoje. Parou? Competindo? Em 2015 competisse né?

Jacqueline: É em 2015 eu fui campeã brasileira, só teve uma etapa. E eu não tinha o título brasileiro na minha carreira ainda porque eu não conseguia fazer o circuito. Como eu viajava muito fazendo o circuito mundial e chegou uma época que a antiga ASP né ela vetou os atletas de correr o circuito

brasileiro. Os atletas brasileiros que corriam o circuito hoje nacional né. E aí eu não pude mais correr o circuito nacional e então eu não tinha o título brasileiro né, o profissional.

Thiago: Por participar do mundial?

Jacqueline: Por participar do WCT. Quem tava dentro da elite não podia correr o circuito nacional né. Não era só os Brasileiros, eram todos, todos os atletas. E agente sempre teve o circuito muito forte aqui no Brasil né, davam carro naquela época da Volkswagen. Premiações boas também. Então eu nunca consegui correr esse circuito assim, todo né por muitos anos. Lembro que fiz ele de 2000 e 2002 se eu não me engano, que aí eu fui vice não cheguei a ser campeão assim. Fui terceira em um ano e vice no outro. E aí depois quando eu entrei no WCT em 2001 que eu fiquei até 2009. Esse período todo a ASP vetou, não podia competir. Aí eu não competi mais né. Então eu só tava fazendo o circuito mundial.

Aí em 2015 quando, em 2014 eu fiz o último ano ativo do circuito mundial que foi o WQS que foi o único que eu fiz a campanha também né para arrecadar fundos. Aí esse ano eu acabei não indo bem, aí pô se eu quisesse continuar competindo eu teria que fazer outra campanha. Eu teria que de alguma maneira procurar algum recurso pra mim conseguir competir daí eu dei uma desanimada. Eu procurei várias empresas ninguém teve interesse. Aí surgiu essa etapa no final do ano assim. Aí competi, ganhei e fui campeã brasileira desse ano.

Aí em 2016, teve a mesma etapa eu fui vice a Silvana ganhou. E aí ano passado ela teve de novo e eu fiquei em terceiro. Aí a menina de São Paulo ganhou lá. Então assim, de lá pra cá como acabou assim as etapas eu acabei meio que me desmotivando assim um pouco né. O surfe não passou mais a ser uma obrigação que eu tinha que surfar, que eu tinha que treinar, sabe? Então eu deixei as coisas acontecerem, eu comecei a dar aula de surfe né aqui na Barra mesmo. Então esse é o terceiro ano que eu tô dando. E esse ano que eu tava meio assim que vou parar, vou parar e agora apareceu um calendário com 8 etapas.

Thiago: Brasileiro?

Jacqueline: É, vai ter 8 etapas esse ano! Aí meu que eu já tinha me desmotivado assim até comecei a dar mais prioridade pras aulas né. E aí,

também pareci de fazer equipamento, surfava quando tava bom assim. Meio que não foi mais a prioridade surfar né, mas agora eu dei uma instigada. Porque não tinha campeonato né então é normal que as coisas (...) que tu vai te desmotivando, tu tem que procurar outras coisas pra fazer também né. Para te ocupar, entendeu? Aí eu comecei a dar essas aulas né. Comecei a fazer surf trio, todo ano eu levo as meninas pra Costa Rica pra surfar. Monto um grupo levo também né. E agora eu to com um projeto novo que é o Surf trip house Jacqueline Silva que é aqui na minha casa. To vendendo um pacote aí recebo as meninas na minha casa, três, quatro dias fica todo mundo hospedado aqui. Aí eu do todas as refeições, inclui traslado, as aulas e as meninas ficam hospedadas na minha casa.

Thiago: E vem pessoal de tudo que é lugar?

Jacqueline: É na verdade eu lancei faz seis meses, foi pro verão assim né. Só que no verão eu alugo a minha casa também, entende? Então eu tenho que tentar me organizar com isso né. Porque no verão aqui eu alugo bem a minha casa, sabe? Então eu meio que lancei o projeto aí eu dei (...) fiz três surfe camp esse verão e dei muito aula a avulsa né, muita aula avulsa assim. Então a minha ideia pra ano que vem tentar organizar isso dos alugueis com o surfe camp, fechar a data do surfe camp. E aí a data que tiver fechada pro surfe camp eu já não alugo a casa né.

Então eu comecei a fazer isso e aí agora a uma semana atrás me sai o calendário aí com 8 etapas aí eu já fiquei. Meu irmão é shaper né aí já pedi pra ele fazer um quiver pra mim. Ó manda vê aí porque se as pranchas ficarem boas eu vou de novo. Vou me motivar, vou treinar de novo. Eu assim, a parte física eu sempre treinei agora com muito mais intensidade porque agora eu estou muito mais tempo aqui. Como eu parei de viajar também eu consegui me cuidar mais questão da alimentação né, da parte física. Eu to dando até mais prioridade pro meu condicionamento físico que o próprio surfe.

Thiago: No mar ou fora do mar?

Jacqueline: Não fora do mar. Mais academia, academia e corrida. Tenho priorizado mais isso justamente por não ter mais campeonato na água aí eu falei: vou cuidar da minha saúde. Só que agora deu uma instigada, agora vai ter as olimpíadas aí. Não que eu tenho pretensão de ir pras olimpíadas porque eu acho que já passou a época, gostaria muito né, mas eu acho que já passou

a época. Mas é (...) é porque vai sair um circuito forte já tá até confirmado, 8 etapas né quatro delas sendo do circuito profissional que nem a gente já teve lá do super surfe e as outras regional assim né. Vai ter duas em São Paulo do Wiggolly que ele vai fazer, o Wiggolly Dantas. E uma tá tendo agora na Ilha do Mel, mas eles confirmaram muito em cima do laço assim e a premiação é bem pouquinho assim não vale muito a pena. Mas eu me motivei mais porque essa é uma etapa do circuito mundial que é um circuito grande. E eles vão, tem outra questão interessante que eles vão igualar a premiação né. O feminino e masculino vão ganhar a mesma premiação.

Thiago: A sim?

Jacqueline: Vai ser inédito né, porque nunca aconteceu todo mundo sabe disso. E agora vai ser os dois circuitos com a mesma premiação. Então vamo lá né, vou treinar pra derrepente fazer desse ano que seja o ultimo derrepente né. Não tenho certeza.

Thiago: E tu falou das olimpíadas. Já tá decidido, eu vi alguma coisa a respeito da ISA estar conversando com a WSL a respeito de como vai ser a inserção dos atletas nas olimpíadas, Já foi decidido?

Jacqueline: Cara, eu ainda não sei assim. Eu só sei que vai ser dois atletas femininos e dois masculinos de cada país né. Pelo que falaram né, são dois masculinos e dois femininos. Agora como vai ser o critério de escolha, ainda tá uma incógnita assim né porque tem o circuito da WSL rolando, tem o ISA rolando, tem o WQS rolando. Então eu não sei como é que vai ser isso, sabe? Se vai ter um circuito que vai classificar, isso eu to bem por fora.

Thiago: Tu falou do impedimento de participar dos campeonatos nacionais, estando (...)

Jacqueline: Por parte da WSL ou ASP.

Thiago: Foi a partir da WSL?

Jacqueline: Foi a partir da ASP que era como eu competia ainda né que era a Associação de Surfistas Profissionais. Hoje é Word Surfe League, já mudou a sigla né. Mudou tudo hoje, entendeu?

Thiago: Eu fiquei na duvida se era uma coisa do brasileiro ou do mundial.

Jacqueline: Mas hoje ainda não pode. Não, não hoje ainda não pode. Ó tipo assim: a Silvana não pode correr esse circuito.

Thiago: O brasileiro?

Jacqueline: Não pode, nenhuma etapa. Nem ela nem os homens.

Thiago: Por questão de lesão?

Jacqueline: Não, não é lesão cara. Porque assim ó, teve um episódio uma época que o Peterson Rosa na época, ele tava competindo nos dois circuitos. Ele tava no Circuito Mundial e ele tava no Circuito profissional brasileiro. E aí ele deixou de ir numa etapa do mundial porque ele tava disputando o título do brasileiro.

Então ele deixou de correr essa etapa porque ele tava disputando o título brasileiro no Brasil. E aí, eu ouvi falar que foi depois disso que eles começaram a impedir, a vetar os atletas. Porque aí podia continuar acontecendo né. Ó o atleta não tá bem aqui, mas ele tá com chance de ganhar um título no Brasil que vai ganhar um carro, vai ganhar não sei o que. Aí o cara: pô vou pra lá né, sabe? E eu acho que foi depois de um episódio desses assim se não me falha a memória.

Então hoje, tipo assim, esse circuito que vai ter aqui ninguém pode correr. Nem a Silvana pode correr o circuito feminino, nem os caras podem correr o masculino. Não podem. Assim como tem a ABRASP que é a Associação Brasileira de Surfe Profissional que é homologada as federações aqui. Então assim teve um campeonato na Lagoinha a três semanas atrás, os caras queriam que eu corresse. Não, não posso cara! É campeonato amador. Então eu não posso correr, se eu correr eu ganho multa. Só posso correr o circuito homologado pela ABRASP que seja profissional. Eu não posso correr em categoria amadora, sabe?

O Maurio Borges fez a dois anos atrás na Praia Brava uma evento assim pra reunir a galera um Tag Team, sabe? Não deixaram eu correr. Pô um evento de confraternização da galera, não deixaram eu correr, não corri. Não envolvia dinheiro nada, era só pra confraternização assim né montar uma equipe. Não deixaram eu correr. Então tem isso, entendeu?

E bom, as perguntas que eu tinha eram essas assim. Claro que tem a última pergunta sobre outra questão que tu gostaria de colocar e não tá contemplada aqui? A gente arma um roteiro mais ou menos pensando algumas questões, não sei se tem outras questões ou outras questão que não foi contemplada aqui?

Jacqueline: Cara eu acho que foi falado de tudo assim né.

Thiago: Tem bastante coisa. Agora eu fui olhar o tempo e tem uma hora.

Jacqueline: É eu acho que só esse fato da (...) eu acho que o fato de a gente ter todas essas etapas esse ano aí já é um grande passo de novo né. Essa coisa de investir mais no surfe feminino né, de acreditar mais no surfe feminino né.

Thiago: São todas aqui em diferentes litorais brasileiros?

Jacqueline: É são todas. Começa em Pernambuco. Essas quatros principais que vai ter (...) que é do circuito, até o (...) é CBS, que é Confederação Brasileira de Surfe que é CBS TOUR 2018, CBS SURF TOUR 2018 uma coisa assim que é o nome do circuito. Então essas 4 etapas vai ser Pernambuco, Bahia, São Paulo e Santa Catarina. Aí depois tem duas do Wiggolly Dantas que vai ser as duas em Ubatuba. Aí tá tendo essa na Ilha do Mel final de semana. E vai ter uma no Rio na semana que vem na Barra da Tijuca. São 8 etapas.

Thiago: Vai Agora?

Jacqueline: Não, também não vou. Porque é um campeonatinho pequeno. Na verdade eu nem ia né. Agora que surgiu essas 4 etapas e essas do Wiggolly é só em julho e outubro. Então essas eu tava me programando já pra ir. Agora essas foram confirmadas (...) a do Rio foi confirmada a 10 dias eu acho. Ficou muito em cima. To com umas aulas pra dar aqui, já to comprometida com as aulas.

Thiago: Mas já tem o mapa ali das que vale mais pontos...

Jacqueline: É então essas são as principais que aí vai ter uma visibilidade legal, entendeu? Então essas eu vou me dedicar, entendeu? Vou treinar pra essas.

Thiago: Vou tá acompanhando ali na internet.

Jacqueline: Com certeza.

Thiago: Agora tem mais acesso né.

Jacqueline: Agora ficou fácil de acompanhar tudo né. Todos os campeonatos seja eles aqui regional, estadual, brasileiro tá tudo na internet hoje. Ficou fácil de acompanhar né, eu acompanho tudo sempre.

Thiago: Tche, vou te agradecer a disponibilidade por me receber aqui, ta te expondo também em termos da tua trajetória profissional. Muito Obrigado.

Jacqueline: Imagina, o que que é isso! Eu que agradeço.

APÊNDICE 1 - PROJETO DE QUALIFICAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Escola Superior de Educação Física
Programa de Pós-Graduação em Educação Física



Tese

**Por uma história das técnicas corporais dos surfistas profissionais
brasileiros**

Thiago Silva de Souza

Pelotas, 2018

Thiago Silva de Souza

**Por uma história das técnicas corporais dos surfistas profissionais
brasileiros**

Projeto de qualificação apresentado ao Programa de Pós Graduação em Educação Física da Escola Superior em Educação Física da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial para a defesa da tese de doutorado.

Luiz Carlos Rigo

Pelotas, 2018

Data da Qualificação: 28 de março de 2018

Banca examinadora:

Prof. Dr. Luiz Carlos Rigo
(Orientador)
Doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

Prof^a. Dr^a. Viviane Teixeira Silveira
Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Prof. Dr. Luiz Felipe Alcantara Hecktheuer
Doutorado em Educação em Ciências pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG)

Prof^a. Dr^a. Franciele Roos da Silva Ilha
(suplente)
Doutorado em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)

Sumário

Por que fazer uma tese sobre o Surfe?.....	Erro! Indicador não definido.
Conexões entre a especialização e a tese	Erro! Indicador não definido.
Pistas para um exercício de problematização. Erro! Indicador não definido.	
Da resistência à singularidade?	Erro! Indicador não definido.
Perspectivas pós-qualificação.....	Erro! Indicador não definido.
Cronograma.....	Erro! Indicador não definido.
Uma análise do discurso de Ricardo dos Santos: heterotopias do surfar	Erro! Indicador não definido.

INTRODUÇÃO

1 Por Que fazer uma tese sobre o surf?

O surfe produz atravessamentos em meus pensamentos! Frente à quase sempre difícil tarefa de começar um texto, a afirmação da frase inicial, por ora, me impulsiona. Uma afirmação que na leitura que tento explorar aqui com e para vocês componentes da banca, circunscrevem também os padeceres que esses atravessamentos produzem.

Um primeiro atravessamento até a posição de surfista que ocupo e os efeitos que isso produz em minha vida, nos modos de me relacionar com familiares; nos modos de fazer amizades e conviver com elas; nas escolhas que faço diante alguns temas profissionais e diários. De modo geral, me refiro às maneiras de viver e me relacionar com o mundo, este, que compartilhamos com outros sujeitos em um conjunto de relações nas quais são interpostos outros conjuntos de normas, saberes, regras, políticas, conhecimentos, prazos, etc.

A universidade é um desses espaços e, evoco-a por um motivo bem particular, escrevo essas linhas como um doutorando de um Programa de Pós-graduação em Educação Física (PPGEF). Há nessa relação um intuito imediato correspondente ao cumprimento do prazo para a qualificação da tese que venho desenvolvendo naquele programa, mas também uma intenção de interlocução com vocês, professores que compartilharão desse espaço comigo.

Talvez para vocês não soe estranho essa relação do surfe em minha trajetória na universidade. Digo isso, me lembrando dos encontros, as conversas, as aulas, palestras, os comentários sobre não essencialmente

esses temas (surfe e universidade), mas também sobre os “atravessamentos” teóricos metodológicos com os quais partilhamos aqueles momentos e interlocuções.

Além disso, (ou imbricado a isso) penso nos atravessamentos também ligado as escolhas que fazemos, uma vez que elas também marcam o padecer que falava de início, ligado a afirmação da frase inicial. Escolha por uma e não outra perspectiva teórica; por uma e não outra metodologia; por levar adiante uma e não outra orientação etc.

Refiro-me a ideia que parte dessas escolhas se constituem por aquilo que não podemos ou não conseguimos dizer em determinados momentos, ora pelo prazo que se esgota; ora por não conseguir a tempo materiais para demonstrar aquilo que observamos, mas também pelo conjunto de atravessamentos que constituem os espaços que ocupamos. Na escolha pelo surfe como objeto de investigação muitos foram esses momentos.

Lembro aqui dos Trabalhos de Conclusão de Curso das Graduações em Educação Física, em que objetivei construir as memórias do surfe na praia do Cassino – RS¹⁰⁰. Tratava-se de uma escolha difícil e, ao mesmo tempo, prazerosa. Difícil pelos poucos trabalhos acadêmicos sobre o surfe (e menos ainda sobre o surfe no Cassino). Prazerosa por me possibilitar ramificar um pouco de vidas nas tramas tecidas em meio as escritas acadêmicas.

Ao final daquele exercício investigativo referente às memórias dos surfistas da praia do Cassino, do final da década de 1970 e início da década de

¹⁰⁰ Uma compilação desse estudo esta disponível em <https://periodicos.furg.br/redsis/article/view/2747>. Acesso 14/03/2018.

1980, vários foram os pontos que chamaram nossa atenção, entre esses destacamos as estratégias, as invenções e as improvisações que os “surfistas das antigas” utilizaram para enfrentar as inúmeras dificuldades, referentes aos equipamentos, ao clima e também aos preconceitos que se apresentavam para quem ousou surfar em uma praia que estava à margem do circuito mais em voga para o surfe, naquele momento.

Outro ponto que se sobressaiu da pesquisa refere-se à cumplicidade e as parcerias que os narradores (surfistas “das antigas”) estabeleceram entre eles, através das afinidades possibilitadas pela experiência do surfe. Por fim, o estudo evidenciou também que o Cassino, apesar de não estar entre as praias brasileiras mais reconhecidas pela prática do surfe, possui uma importância significativa para os surfistas da região.

Esses desdobramentos impulsionaram a pesquisa de mestrado que desenvolvi junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências (PPGEC-FURG). O objetivo daquela investigação foi mapear as práticas e espaços em disputas que acontecem na beira da praia do Cassino-RS. Como resultado, esse mapeamento apresentou a produtividade de pensar o caráter processual da pesquisa através das estratégias de produção de dados sobre a beira da praia. Isto abriu a possibilidade de destacarmos práticas e espaços que visibilizavam outras possibilidades de ocupação da beira da praia não mais direcionada ao surfe e as ondas.

Ou seja, alguns pontos destacados naquele mapeamento foram: a não limitação ao determinismo do mar como fonte de práticas ligadas a beira da praia, mas também a não classificação dessas práticas em favor da

visibilização das disputas que ocorriam entre elas naquele espaço. E, por último, a possibilidade de olhar para o veraneio menos como uma estação do ano e suas manifestações climáticas e mais pelas relações/ocupações que nesta temporada são produzidas e produzem a beira da praia.

Ou seja, nos olhares lançados as disputas entre as práticas e os espaços mapeados diagnosticávamos, na companhia de Foucault (2013)¹⁰¹ a produtividade das relações de poder, uma vez que o poder/disputas longe de estar fixado a uma instância ou outra é “capilar”, surgia coextensivamente e as relações mapeadas. As práticas e os espaços em disputa longe de uma instância imóvel, em seus próprios deslocamentos produziam aquilo que o Cassino tornava-se naquele veraneio.

Esse olhar ativado pelas disputas nos manteve a espreita e foi novamente disparado no verão de 2013/2014 quando foi colocada em jogo uma polêmica pautada na circulação ou não de carros na beira da praia do Cassino. Este tema constituiu a pesquisa que me possibilitou concluir uma Especialização em Educação Física Escolar na FURG.

Apresentaremos um pouco desse estudo na próxima seção, por enquanto cabe salientar que os efeitos produzidos nele foram extensivos à confecção do projeto que encaminhei para a seleção no doutorado com uma diferenciação, qual seja, o debate instaurado no verão de 2014/2015 circundou o surgimento de lama na beira da praia do Cassino¹⁰².

¹⁰¹ FOUCAULT, M. Não ao sexo rei. In: Microfísica do Poder. São Paulo: Graal, 2013.

¹⁰² Alguns investimentos aos temas surgidos nesse projeto foram demonstrados no trabalho: *Dos corpos-surfistas ao 'corpo-praia': visibilidades e deslocamentos as margens sul do Rio Grande do Sul*. Año, 2016. Montevideo, MDO. XVI Encuentro Nacional, XI Internacional de Investigadores en Educación Física. II Encuentro Nacional de Extensión. Anual. Universidad de la Republica.

Nas tentativas de problematizar alguns temas surgidos no projeto de doutorado destacamos a colocação em jogo do enunciado “eco” a partir de um dos materiais do corpus empírico que nos aproximávamos para pesquisar. Entre as inúmeras buscas a materiais que dessem conta de discutir aquele enunciado em suas relações com o mundo do surfe destacamos o encontro com a página do *Facebook* denominada *Ecosurf*¹⁰³.

As postagens realizadas na *Ecosurf* foram produzindo curvas que nos desviavam do Cassino, visto, que lá dedicávamos a visibilidade lançada ao assassinato do surfista Ricardo dos Santos, disparada por uma série de publicações. Apresentarei esse olhar lançado ao caso Ricardinho na seção posterior, a fim de mostrar as conexões com aquele trabalho da Especialização que falava há pouco.

¹⁰³ Outros investimentos que marcam a entrada do enunciado “eco” nos desdobramentos investigativo podem ser vistos em: SOUZA, T. RIGO, L. *Problematizações em torno da lógica “eco”*; nos rastros do sustentável sobre a lama na beira da praia do Cassino-RS. In: Extremos do Sul, 6º, 2017, Rio Grande. Anais disponíveis em http://docs.wixstatic.com/ugd/71c8f8_4c38ebfbba9946a1b6566aa161d29def.pdf, 2015, p. 278-284.

2 Conexões entre a especialização e a tese

Só saímos de nosso aquário provisório sob a pressão de novos acontecimentos do momento ou ainda porque um homem inventou um novo discurso e obteve sucesso. Mas se mudamos, então, de aquário, é para nos vermos em um novo aquário. Esse aquário ou discurso é, em suma, o que poderíamos chamar de *a priori histórico*. É claro que esse *a priori*, longe de ser uma instância imóvel que tiranizaria o pensamento humano, é passível de mudança, e nós mesmos terminamos por mudá-lo (VEYNE, 2014, p. 50)¹⁰⁴.

A citação acima, com a qual hoje abrimos esse texto outrora ajudava-nos a encaminhar um ponto final à outra escrita, cujo título foi *O espaço da beira da praia, a criança e a produção de uma ordem: implicações para além da escola* (2016)¹⁰⁵. Ainda que nosso interesse com ela (a citação) seja apresentar aqui “novos acontecimentos”, acreditamos oportuno falar um pouco dos acontecimentos que “nos” tocam naquele ensaio.

Tratava-se de dois temas indissociáveis presentes em duas cartas enviadas a um jornal: a) a circulação dos carros e; b) a presença de discursividades envolvendo as crianças. O primeiro emergia apresentando dois pontos de vista, um a favor e outro contra a circulação de carros na beira da praia gaúcha denominada Cassino-RS. O segundo fazia emergir questões ligadas aos modos de ocupar a praia onde a presença das discursividades sobre criança foi o elo problematizador.

As problematizações possibilitadas a partir daquelas discursividades, além do afastamento da polêmica imbricada a proibição ou não dos carros, demonstram diferentes formas de governo também a partir da circulação das crianças. Governo dos pais que se retiraram da praia após o quase

¹⁰⁴ VEYNE, P. Foucault: seu pensamento, sua pessoa. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

¹⁰⁵ Maiores informações disponíveis em <https://seer.ufmg.br/index.php/licere/article/view/2053>. Acesso em 14/03/2018.

atropelamento da filha; governo do pai solicitando via jornal uma proibição dos carros, governo aos condutores dos carros a partir de diferentes planos de gestão municipal; governo desses planos na argumentação a favor a circulação dos carros.

De toda forma, tratava-se de um governo dirigido do exterior a criança, a qual tinha interposta as suas condutas diferentes formas de gerir os acontecimentos na beira da praia. Saindo daquele aquário provisório, nesta atualidade que “nos” toca, adentramos outro aquário, onde os carros e as crianças mais uma vez marcam presença.

Em jogo estão os carros, mas a ênfase não esta mais em sua circulação e sim na propagação de músicas em volume alto quando estacionados na beira da praia da Guarda do Embaú - SC, portanto, não mais no Cassino - RS. Este deslocamento aconteceu porque lá naquela praia catarinense um homem inventou um novo discurso e obteve sucesso: Ricardo dos Santos, o “Ricardinho da Guarda”, apelido que faz menção a praia em que nasceu, cresceu e foi assassinado em 2015.

Nesse novo discurso a criança não é mais conduzida e sim conduz o pensamento de Ricardinho a partir de sonhos longínquos nos quais aquele surfista se arquitetava disputando prestigiados campeonatos de surfe. Em um acionamento a essa distante aspiração diante sua participação no interior de alguns desses campeonatos além de tornar seus sonhos realizados, Ricardinho nos mostra a presença da dimensão lúdica no interior de uma competição de surfe. Ricardinho faz coexistir os campeonatos como uma

produção “para” os surfistas e, ao mesmo tempo, como uma produção singular “do” surfista.

A opinião de Ricardinho sobre esses acontecimentos se propaga, principalmente, após a sua morte em janeiro de 2015. Essa propagação acontece a partir de redes dedicadas a pensar o surfe e o discurso de Ricardinho. Em jogo está a informação, ora vista da linha reta do discurso (narrativas sobre políticas públicas, questões do território etc.) que pode ter sido no mínimo coparticipe de homenagens póstumas a Ricardinho e a Guarda do Embaú ora, uma rede de relações que nos mostram memórias afetivas sobre o surfe na Guarda do Embaú.

Estes desdobramentos são apresentados de forma mais sistematizada no Artigo 1 (página xx) e fazem parte da tese que objetivamos apresentar em dois artigos¹⁰⁶. Assim, nosso próximo passo após a qualificação é a confecção do Artigo 2, no qual objetivamos trabalhar com o produto das entrevistas¹⁰⁷ realizadas paralelamente aos exercícios de problematização que apresentamos.

¹⁰⁶ Pretendemos submeter esse artigo para a Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE) logo após as considerações da banca. A escolha por confeccionar a tese em forma de artigo circunda a exigência do PPGEF de aprovação de um artigo em uma revista B1 para a defesa final da tese. Somou-se a essa decisão feita no começo do doutorado, o tempo de retorno dos pareceres dos artigos nas revistas com aquela qualificação.

¹⁰⁷ Apresentaremos as entrevistas e os respectivos entrevistados na *Seção 5: Perspectivas pós-qualificação*, na página 21 deste documento.

3 Pistas para um exercício de problematização

A realização de entrevistas surgia como uma estratégia para, primeiramente, explorar as maneiras que os surfistas fazem uso dos seus corpos. O roteiro seguiu uma ordem de perguntas conectadas a sistematização feita por uma amiga quando pensava as intersecções entre o circo tradicional e o circo contemporâneo. Essa conexão surgia por fazer-nos pensar o quão os aéreos, tão valorizados no surfe contemporâneo, surgem como uma diferenciação das maneiras de surfar apresentadas por nossos entrevistados em suas participações nas etapas do circuito mundial no final da década de 80 até meados dos anos 2000¹⁰⁸.

Com as entrevistas objetivávamos pensar dois eixos: 1) como um surfista torna-se profissional; 2) a relação dos surfistas com a natureza. No primeiro eixo abordamos questões envolvendo os primeiros passos dos entrevistados no surfe; como eram suas preparações; que manobras sentiam mais confiança em realizar; como foram suas entradas nos primeiros campeonatos amadores; como se deu o processo de profissionalização; o que era valorizado em um campeonato do circuito mundial; se possuíram patrocínio e como eram efetivados.

O segundo eixo fazia parte de uma hipótese que acionávamos muito inspidamente ao olhar para os materiais que tínhamos em mãos na época (verão de 2015/2016) sobre o caso Ricardinho, mas, que, todavia, não havia sido problematizado. Pautávamos questões gerais circundando a ideia do

¹⁰⁸ Hipótese que assumia por acompanhar um pouco da trajetória dos entrevistados em revistas e reportagens de surfe, mais diretamente lá pelo início dos anos 2000 quando comecei a surfar.

cuidado com a natureza pelo efeito gerado na leitura das manifestações da *Ecosurf*. Além disso, também ajudava na confecção de perguntas: um murmurinho nas conversas ‘surfísticas’ ligado ao aéreo nota 10 de Gabriel Medina na final da etapa do mundial de 2015 em Pipeline, onde o que geralmente se valoriza são os tubos e; também, a própria repercussão do termos que os brasileiros vem sendo chamado no circuito mundial “*BrazilianStorm*” ou, se quisermos, “tempestade brasileira”.

No processo da pesquisa alguns desdobramentos desnaturalizavam o olhar que constituíam aquelas perguntas. Ao que tange o eixo 2, com as problematizações emergidas no Artigo 1, vemos que o cuidado com a natureza não se restringe aos cuidados com a praia enquanto um ambiente natural que deve ser preservado dos lixos produzidos pelo homem, bem como víamos na principal campanha da *Ecosurf*¹⁰⁹. Ou seja, se a luta de Ricardinho é a luta da *Ecosurf*, bem como víamos na hashtag disparadora de nossas problematizações, devemos considerar também o cuidado com as práticas de sociabilidade que compõe a beira da praia, bem como pode ser demonstrado pela vontade de Ricardinho de poder usufruir da companhia dos moradores da Guarda ao questionar os barulhentos sons dos carros.

Já ao que se refere ao eixo 1 das entrevistas (sobre a constituição de um surfista profissional), tentaremos explorar no Artigo 2. Para isso, apresentaremos na próxima seção alguns pontos que nos tocam para problematizações outras.

¹⁰⁹ Dia Mundial da Limpeza em Rios e Praias – *Ecosurf*.

4 Da resistência à singularidade?

A problematização que buscaremos explorar no Artigo 2 foi disparada no encontro com um dos entrevistados quando perguntado sobre suas memórias de quando o surfe começava a se profissionalizar:

Cara, a memória que eu tenho mais marcante é que a gente tinha dois adversários, um deles era o cara que entrava na bateria com você pra competir e o outro era a opinião pública sobre a tua profissão. Nem sobre se você ia bem nela, isso nem se discutia, era o fato de ser surfista, isso para alguns era sentido de pejoração, a gente sentia vergonha, era maltratado, era tirado muito sarro da gente. Só que o surfe é tão irado que eu nem dava bola. Eu pensava em Jesus Cristo naquela época, aquela frase “Deus perdoa eles! Eles não sabe o que estão falando”. Eles não sabem o que tão fazendo, eles não conhecem o surfe. Se a pessoa conhecesse o surfe (...) se um general conhecesse o surfe é capaz dele não entrar em guerra, tá ligado? Essa é a diferença (TECO PADARATZ, 2016).

O que viemos diagnosticando como problema de pesquisa, circunda um atravessamento não exatamente naquilo que é dito pelos surfistas e sim nas formas que sustentam e controlam a produção desses ditos. Nesse contexto, o exemplo que nos toco nos desdobramentos da pesquisa foram às entrevistas. Ou não controlamos com as entrevistas o que pode ou não pode ser dito através do roteiro de perguntas?

Através de uma problematização a entrevista que nos defrontou com os ditos do entrevistado supracitado víamo-nos em uma fronteira em que se cruzavam diferentes fontes do trabalho historiográfico¹¹⁰. As fontes orais que produzíamos com ênfase nas memórias, ao fazerem emergir alguns símbolos do cristianismo e, respectivamente, as formas de perpetuação deles através do livro sagrado (a bíblia). Correlata a essa isto, diagnosticávamos o quanto a história do surfe do período em que se referia nosso entrevistado estava

¹¹⁰ A entrevista com Flávio “Teco” Padaratz e a problematização a essa entrevista estão disponíveis, respectivamente nos anexos 1 e 2 deste documento.

pautada a símbolos sistematizados a partir das fontes escritas do trabalho historiográfico.

As primeiras pistas puderam ser vistas nos trabalho de Alves e Melo (2013)¹¹¹ quando discutem “os encontros que houve no Rio de Janeiro dos anos 1970 de praticantes da modalidade e ideias ligadas à contracultura” (p. 3). E foram os símbolos constituintes dessas ideias ligadas a contracultura os disparadores do que perspectivamos problematizar.

Naquele trabalho, a noção de “contracultura” é apresentada de diferentes perspectivas: um estudo do antropólogo urbano Gilberto Velho; um do historiador Theodore Roszak e outro do escritor Luiz Carlos Maciel. Respectivamente, são apresentados distintos temas abordados quando se discute aquela noção: a) o consumo; b) os atores; c) o surgimento.

No primeiro, destaca-se o hábito de fumar maconha no interior da difusão de estilos de vida dos anos 60. Os jovens das camadas altas e médias dos grandes centros urbanos são apresentados como os atores, difusores da crítica aos parâmetros de vida da sociedade ocidental tecnocrática, marcada pela exacerbação da racionalidade e do pensamento científico, pela burocratização excessiva, pela supervalorização dos aspectos econômicos. E, ao que se refere ao surgimento: o confronto entre a cultura reconhecida como doença e a visão juvenil, cujo instinto natural é para a saúde (ALVEZ e MELO, 2013).

¹¹¹ ALVEZ, V. MELO, V. Um novo barato: surfe e contracultura no Rio de Janeiro dos anos 1970. Rev. Bras. Ciênc. Esporte. vol. 39 n. 1, p. 2-9, jan-mar de 2017.

Na relação com a cultura surfe, Alvez e Melo (2013) demonstram como aqueles símbolos contraculturais das décadas de 60 e 70 foram incorporados a uma perspectiva mítica pelos discursos dos surfistas cariocas. Ou seja, nas mídias analisadas na década de 90 e 2000: “gestou-se uma valorização da vinculação a tais noções” (ALVEZ e MELO, 2013, p. 3).

Na esteira do que nos fazia pensar os desdobramentos do Artigo 1 ativava-se uma atenção às formas como são propagadas as informações referentes à contracultura. Dessa maneira, diagnosticamos no mínimo duas formas de propagação daquela noção: 1) com fins comerciais quando imbricada aos depoimentos de surfistas cariocas nos livros e periódicos especializados em surfe e; 2) Correlativa a primeira, a propagação pelos pesquisadores cuja atenção parte de uma leitura acadêmica dirigida a ela (pautadas nas fontes tradicionais do trabalho historiográfico).

Acionou-se com isso, uma disposição em encararmos as fontes obtidas nas entrevistas como produtos que cercam uma produção intelectual “específica” sobre o mundo do surfe; como aquelas que produzem “ligações transversais de saber para saber, de um ponto de politização para outro” (FOUCAULT, 2013, p. 47). Diferenciando-se, por exemplo, dos “intelectuais universais”, os quais “tem sua expressão mais completa no escritor, portador de significações e valores em que todos podem se reconhecer” (idem, 49)¹¹².

Tentamos, dessa maneira, afastarmo-nos de um significado que se tornaria “o” significado para falar de surfe e uma cultura que teria o poder de perdurar através do tempo como fonte de significação, como, por exemplo, a

¹¹² FOUCAULT, M. Os intelectuais e o poder. In: *Microfísica do Poder*. São Paulo: Graal, 2013.

contracultura. Isto não significa negar os desdobramentos que pautam aquela noção quando falam do surfe e sim abrir a possibilidade de pensar de outros modos questões relativas a esse esporte.

Entretanto, ao mesmo tempo em que assumíamos encarar o surfe como um esporte, algumas advertências surgiam, como, por exemplo, em Brandão e Soares (2012, p.23)¹¹³ quando também com a interlocução de Foucault nos dizem que “os discursos são materiais e recusar a palavra ‘esporte’ buscando outras palavras para definir estas práticas é, pois, resistir” (p. 23). Ainda que essa resistência pudesse ser muito bem localizada em relação ao skate, um ruído se produzia quando o autor e a autora atrelavam especialmente o surfe (mas também o Wind surfe) a ideia de “práticas deslizantes” que nos permitiriam “falar de uma contracultura corporal e assim conjecturar outras possibilidades narrativas e experiências de subjetivação” (p. 23).

Brandão e Soares (2012) ao mesmo em que ajudam a problematizar a fácil aceitação do surfe como um esporte, nos devolviam a questão da contracultura, agora, atrelada ao “corporal”.

[...] por que chamá-las de “esporte” se elas foram construídas a partir de outras lógicas e, sobretudo, de outra ética, de outros valores? Por que não utilizarmos simplesmente a expressão “práticas corporais”? O skate, por exemplo, faz parte de um universo de práticas que “[...] desde os anos de 1970-1980 desenvolveram-se à margem dos esportes tradicionais. Inúmeras dentre elas reivindicam uma contracultura, um pertencimento específico, esta resistência em direção às instituições [...]” (VIGARELLO apud BRANDÃO E SOARES, 2012, p. 20).

Nessa devolução da noção de contracultura nos toca essas problematizações ao “corporal”, mas, ao mesmo tempo nos faz pensar o quão

¹¹³ BRANDÃO, L. SOARES, C. Voga esportiva e artimanhas do corpo. *Movimento*. Porto Alegre, v. 18, n. 03, p. 11-26, jul/set de 2012.

caro aos desdobramentos que viemos aqui operando seria assumir um conceito *a priori*, seja “práticas corporais” seja “práticas deslizantes” para nos referirmos ao surfe. Frente a isso, diferente de negar as considerações de Brandão e Soares (2012) optamos por coloca-las de outro modo.

Ou seja, uma primeira questão de método a nos orientar circunda menos o “porque” de uma conceptualização e mais ao “como” os sujeitos se constituem no interior de uma instituição esportiva. Afastarmos da “resistência conceitual” em busca de problematizações aos ditos de nossos intercessores nos faz pensar em Deleuze (2010) quando propõe pensarmos que:

[...] os movimentos mudam, no nível dos esportes e dos costumes. Por muito tempo viveu-se baseado numa concepção energética de movimento: há um ponto de apoio ou então se é fonte de um movimento. Correr, lançar um peso, etc.: é esforço, resistência, com um ponto de origem, uma alavanca. Todos os novos esportes - surfe, Windsurfe, asa-delta – são do tipo: inserção numa onda preexistente. Já não é uma origem enquanto ponto de partida, mas uma maneira de colocação em órbita. O fundamental é como se fazer aceitar pelo movimento de uma grande vaga, de uma coluna de ar ascendente, chegar entre em vez de ser origem de um esforço (DELEUZE, 2010. p. 155)¹¹⁴.

Frente a isso, são desdobramentos do Artigo 1 que nos fazem afastar de uma busca da origem “a” resistência e, sobretudo, nos faz aceitar o movimento impulsionado pelo discurso de Ricardinho. Ou seja, quando questiona seu desempenho no QS (etapa classificatória do circuito mundial regida por uma instituição esportiva) o que vemos aflorar é uma singularidade no interior daquela competição, sem, todavia, impor uma leitura reta ao discurso competitivo (cujas maiores ênfases como também podemos diagnosticar são os grandes feitos, os triunfos).

Nossa primeira hipótese gira em torno de que o surfe profissional diferentemente de uma resistência organizada em conceitos, produz um

¹¹⁴ DELEUZE, G. Conversações (1972-1990). 2 ed. São Paulo: EDITORA 34, 2010.

desejo em experimentá-lo a partir da valorização de um conjunto de elementos que se propagam por diferentes fontes. Mas, logo vimos que isso não se constitui como uma novidade, visto que essa valorização já foi explorada no campo do lazer pelo trabalho de Amaral e Dias (2008)¹¹⁵ quando discutem os aspectos motivacionais que fazem o surfe ganhar cada vez mais adeptos.

Entre esses aspectos, está: a plasticidade e exibicionismo dos praticantes em um espaço público (a praia); a influência de amigos e familiares; o *Mass média*; a relação do surfe com ideias de saúde; ser um esporte praticado em ambientes naturais (dotados de um significado mais 'irracional'); socialização, o crescimento de escolas de surfe e; ser surfista profissional (AMARAL E DIAS, 2008).

Diante desses aspectos, na relação do surfe com as ideias de saúde, por exemplo, se diluem as resistências contraculturais, frente às quais segundo Amaral e Dias (2008, p. 14) “é correto dizer que aos olhos dos praticantes, tais associações já se encontram em um nível subterrâneo, inconsciente”. Os autores apontam para outros canais de comercialização do surfe que superaram os investimentos midiáticos a fim da profissionalização daquele esporte, como, por exemplo, as escolas de surfe: “uma alternativa de acesso ao esporte, inserida num contexto mais recente; causa e consequência do próprio crescimento do esporte nos últimos anos” (AMARAL E DIAS, 2008, p. 10).

¹¹⁵ AMARAL, A.; DIAS, C. Da praia para o mar: motivos à adesão e à prática do surfe. *Licere*, Belo Horizonte, vol. 11, n. 3, p. 1-22, dez. 2008.

Dados desse crescimento também são apresentados por Amaral e Dias (2008) quando falam da “carreira de surfista”:

[...] cerca de 500 profissionais no Brasil, com ganho médio estimado entre três e seis mil reais por mês, mas podendo chegar, em alguns poucos casos, a faixa dos 25.000 reais mensais, com as premiações dos campeonatos aumentando cerca de 50 vezes em apenas 25 anos (AMARAL E DIAS, 2008, p. 18)

Cabe ressaltar que o trabalho supracitado se dedicou a motivação à aderência a prática do surfe, sendo esses dados explorados de forma a apresentar condições de possibilidades ao entusiasmo de alguns entrevistados em “ser surfista profissional”

Considerando que esse foi um traço sobremaneira presente do discurso das crianças, é possível inferir, ao menos como hipótese, que a forma como eles foram iniciados no esporte, já através de canais formais e institucionais (leia-se, as escolinhas), que muitas vezes já os direciona ao rendimento e as competições, tenha sido o diferencial nesse caso (AMARAL E DIAS, 2008, p. 18).

Considerando que é no início do ano 2000 que os autores situam essa expansão das escolinhas de surfe, mas ressaltando que não é um período que nos interessa e sim um problema, outra hipótese surge aos nossos desdobramentos. Ou seja, diferentemente a forma instrutiva (como ocorre nas atuais escolinhas¹¹⁶) os surfistas profissionais entrevistados apresentam uma forma mais “imitativa” nas diferentes maneiras em que aprendiam a surfar; manobrar e; se relacionar com os canais de comunicação.

A relevância disso na esteira da colocação de problemas para a política científica da Educação Física, visa explorar outras maneiras como os sujeitos aprendem e, assim, criar possibilidades que multipliquem as formas de relação do aprender.

¹¹⁶ Amaral e Dias (2008, p. 10-11) salientam que se “por um lado a comercialização facilita, ao menos em alguma medida, o acesso às informações e aos modos de utilização dos materiais necessários à prática do surfe, por outro, são acusadas de transmitirem conhecimentos pasteurizados, se concentrado apenas, tecnicamente, no ato mecânico de ficar de pé sobre a prancha”.

5 Perspectivas pós-qualificação

Como perspectiva de trabalho pós-qualificação (a partir do que aqui apresentei, sem, portanto, os atravessamentos por vir da banca) pretendo me debruçar nos produtos das entrevistas realizadas. Trata-se de três transcrições das entrevistas realizadas no verão de 2016, respectivamente, com Flávio “Teco” Padaratz (26/02/16); Cristiano “Guima” Guimarães (28/02/16) e Rodrigo “Pedra” Dorneles (12/03/18).

Dedicarei atenção às estratégias que os surfistas utilizavam para aprender a surfar, manobrar e se portar frente à visibilidade que ganhavam no início da década de 90. Ao localizar essas estratégias, buscarei pensar com elas e fazer das narrativas vetores a conduzir os delineamentos do Artigo 2.

Acredito que para demonstrar a visibilidade que conquistaram aqueles surfistas tenha que recorrer a algumas fontes escritas como as revistas especializadas em surfe. Tenho em mãos a coleção doada por um amigo que abrange 25 exemplares da revista *Fluir* que circundam os anos 91 a 2008 e 15 exemplares da revista *HardCore* que circundam os anos de 2001 e 2010.

No campo teórico pretendo me dedicar a uma leitura mais sistematizada a ideia de “imitação” do sociólogo francês Gabriel Tarde, mas também do sociólogo Marcel Mauss quando fala das “técnicas corporais”. Além disso, almejo buscar pontos que se afastam e se aproximam entre os autores a fim de articular a leitura das fontes orais (e escritas caso seja utilizadas); localizar os usos que os trabalhos no campo da Educação Física tem feito daquelas noções e autores e, na medida do possível estabelecer conexões com esses trabalhos.

6 Cronograma

	Sistematização dos temas das entrevistas	Revisão de literatura sobre os temas sistematizados	Apropriação teórica sobre temas específicos (imitação)	Redação do artigo	Defesa da tese
Abril	x		x	x	
Maio	x		x	x	
Junho	x		x	x	
Julho		x	x	x	
Agosto		x	x	x	
Setembro		x	x	x	
Outubro			x	x	
Novembro			x	x	
Dezembro			x	x	
Janeiro			x	x	
Fevereiro			x	x	
Março			x	x	
Abril					x
Maio					
Junho					

7 Uma análise do discurso de Ricardo dos Santos: heterotopias do surfar

RESUMO: Este artigo problematiza os discursos suscitados na e pela luta do surfista da Guarda do Embaú – SC, Ricardo dos Santos. Constitui o *corpus* empírico um texto publicado em um portal de notícias, outro postado em um blog dedicado à história do surfe brasileiro e onze postagens de Ricardo no blog que sustentou entre 2011 e 2012. Opera-se uma ferramenta da Análise do Discurso foucaultiana. A análise das narrativas de Ricardinho evidencia como ele foi capaz de criar dobras no interior do surfe competitivo e conceber a Guarda do Embaú como um outro lugar, uma heterotopia. Além disso, na conclusão do estudo, aponta-se para uma analítica dos afetos como perspectiva enriquecedora aos futuros trabalhos dedicados à história do surfe, especialmente pela capacidade de produção e ativação narrativa dos surfistas.

Palavras-chaves: Ricardo dos Santos, heterotopias, surfe, discursos, Guarda do Embaú

Introdução

Este artigo problematiza os discursos suscitados na e pela luta do surfista Ricardo dos Santos, conhecido também como “Ricardinho da Guarda” em alusão ao lugar onde ele nasceu, cresceu e foi covardemente assassinado em janeiro de 2015: a Guarda do Embaú – SC¹¹⁷.

Um “desabafo” escrito por Ricardinho foi o gatilho do corpus¹¹⁸ empírico, constituído por mais onze textos postados no Blog *Salty Water Crazy Dreams* gerido por Ricardinho entre os anos de 2011 e 2012¹¹⁹. Além dessas

¹¹⁷ Praia localizada no município de Palhoça, Santa Catarina, a cerca de 50 km da capital Florianópolis.

¹¹⁸ Trata-se, segundo Deleuze, (2006, p. 65) de um ponto de partida “determinado e não infinito, por mais diverso que seja, de palavras e textos, de frases e proposições, emitidos numa época e cujas ‘regularidades’ enunciativas ele procura destacar”.

¹¹⁹ Apresentaremos seus títulos e datas de postagem em nota de rodapé ao longo do próprio artigo.

postagens, serão utilizados outros dois textos publicados no portal *Waves*¹²⁰ e um texto postado no Blog do Dragão¹²¹.

A prática regular das postagens de Ricardinho em seu blog narrava “heterotopias” (hetero = outro + topia = espaço) ou, se quisermos, “espaços singulares que encontramos em alguns espaços sociais cujas funções são diferentes das de outros, até mesmo diretamente opostas” (FOUCAULT, 2012, p. 219). Diagnosticamos indícios desses outros espaços quando Ricardinho, ao invés de enaltecer a busca por vitórias nas etapas havaianas do circuito mundial de surfe, difundia a realização do sonho de criança referente à possibilidade de surfar ondas perfeitas. Ou, ainda, uma heterotopia gerada pela Guarda do Embaú, concebida pelo surfista como outro espaço, aquele “pedaço do céu”, (DOS SANTOS, 2011¹²²) .

O Blog *Salty Water Crazy Dreams*, pensado aqui como uma rede de heterotopias apresenta algumas “utopias realizadas” (FOUCAULT, 2013a) por Ricardinho que nos ajudam a demonstrar um reflexo utópico, quando são selecionados alguns fragmentos que tratam da morte daquele surfista. Esse reflexo visibiliza um gerenciamento informacional que instrumentaliza o discurso de Ricardinho: 1º) a Guarda do Embaú, diferentemente de um lugar encantado (‘pedaço do céu’) e suas sociabilidades passa a ser pensada a partir de seu território; 2º) uma “organização” de opiniões dirigidas a políticas públicas, planos diretores coloca em jogo uma perspectiva questionável pelas próprias narrativas do surfista quando apontam para a “propagação” de suas opiniões.

¹²⁰ O desabafo de um local (DOS SANTOS, 2011) e O legado de Ricardo (BRANDÃO, 2015).

¹²¹ A magia do sul-Paradise (ANDRAUS, 2015).

¹²² Postada no blog *Salt Water Crazy Dreams* no dia 22 de novembro de 2011.

E são essas narrativas que surgem como singularidade no interior do pensamento de Ricardinho, como, por exemplo, quando elas ativam outros espaços produzidos pelo surfar, onde, a brincadeira ganha destaque. Mas também quando ativa memórias afetivas envolvendo a Guarda do Embaú e outros interlocutores no cuidado daquela praia catarinense.

Considerações metodológicas: um “desabafo” como disparador do corpus empírico

A atenção ao caso Ricardinho foi acionada diante uma postagem de 20 de janeiro de 2016, surgida como uma indexação entre a luta desse surfista com a da *Ecosurf*, explicitada em uma *hashtag*:



Figura 1: Extraída da página da *Ecosurf*

A partir dessa reportagem, investimos em uma regressão na linha do tempo daquela página até dias depois da morte de Ricardinho (20/01/2015). As postagens encontradas foram: *Assinem por justiça* (22/01/2015); *O Legado de Ricardo* (27/01/2015); *Nós assinamos e compartilhamos. Só falta você*

(28/01/2015); *Cadeia nele* (19/03/2015); *Existe justiça no Brasil ou ela é seletiva?* (14/04/2015); *Impunidade – Caso Ricardinho* (26/06/2015); *Justiça sendo feita* (4/12/2015).

Dentre essas postagens, o texto com o título *O Legado de Ricardo* (2015) se tornou produtivo por apresentar um “desabafo” constituído por um discurso do próprio Ricardinho em prol de um cuidado maior com os espaços da Guarda do Embaú. Esse desabafo foi endereçado no dia 22 de novembro de 2011 a dois endereços virtuais com distintos títulos: ao Blog *Salty Water Crazy Dreams* com o título *Desabafo: SOS Guarda do Embaú* (2011) e ao portal *Waves* como *O desabafo de um local* (2011). Nesse processo diagnosticamos que a escolha pelo texto endereçado ao portal *Waves* se repetiu no mínimo em dois textos dedicados a comentar a morte de Ricardo, a saber: no já citado *O Legado de Ricardo* (2015) e também no texto *A magia do Sul-Paradise lost* (2015) publicado em um blog dedicado à história do surfe brasileiro.

No intuito de percorrer outro caminho, optamos por explorar o texto postado no blog *Salty Water Crazy Dreams* e lá uma multiplicidade de questões nos mostrava um pensamento vivo que surgia a partir de “contestações míticas e reais do espaço em que vivemos” (FOUCAULT, 2013a, p. 20-21). Essa ciência contestadora ao estudar as “heterotopias”, esses “espaços absolutamente outros [...] se chamaria, se chamará, já se chama “heterotopologia” (FOUCAULT, 2013a, p. 21) e foi utilizada neste artigo através de fragmentos do pensamento de Ricardinho extraídos do blog.

No entanto, esse envolvimento com as palavras de Ricardinho não foi motivo para não discutir sobre os textos que comentavam a morte do surfista. Nesse processo, emergiu uma problematização quando diagnosticamos que, ao fazer uso do “desabafo” endereçado ao portal *Waves*, acionavam-se

“mecanismos de exclusão” envolvidos no controle da produção de discursos, como, por exemplo, a “interdição”, a “separação” e a “vontade de verdade” (FOUCAULT, 2012).

No texto *Desabafo de um local* (2011), endereçado ao portal *Waves* excluía-se uma última frase que pode ser vista no texto *Desabafo: SOS Guarda do Embaú* (2011) postado no blog *Salty Water Crazy Dreams*. Essa frase proferida por Ricardinho constitui-se em uma solicitação de compartilhamento de seu texto (ou link), o que nos encaminha para uma luta em rede, em prol da “propagação” de um cuidado também afetivo aos espaços da Guarda, diferentemente, da “organização” em torno de entidades como “a única maneira” de influenciar decisivamente políticas públicas, como propõe um dos interlocutores.

Nessas circunstâncias em que se tem diminuída a ênfase a um cuidado também afetivo aos espaços da Guarda cria-se um “interdito” sobre o que deve ser pronunciado quando se fala em política (políticas públicas, plano diretor, cidadania, território). Essa conjuntura, encaminhada pela escolha de um e não de outro endereçamento do desabafo permite pensar ainda no direito privilegiado daquele que fala, uma vez que, no texto endereçado ao portal *Waves* – diferentemente do texto endereçado ao blog – não temos acesso, por exemplo, aos 53 comentários que demonstram parte das repercussões daquele desabafo entre outros sujeitos frequentadores da Guarda do Embaú.

A “separação” enquanto outro mecanismo de controle ao discurso de Ricardinho pode ser pensada quando um dos interlocutores fala do “fenômeno do localismo”, sinalizando para condutas desejadas e indesejadas esperadas do surfista local. Observa-se uma progressiva segregação dos “maus” surfistas

(“Em vez do comportamento primitivo, boçal e violento em torno da lógica indefensável dos “donos da onda”) em detrimento dos “bons” (“é hora de o local ampliar seu olhar, perceber as sutilezas e fragilidades de seu ambiente, defender (aí, sim, verdadeiramente) o pico, lutar para preservar os paraísos descobertos por surfistas do passado”). Essa separação nos confronta com uma “vontade de verdade”, onde se estabelece uma dicotomia para, em seguida, interditar os “maus” comportamentos.

O blog *Salty Water Crazy Dreams*: uma rede de heterotopias

Em seu blog, Ricardinho busca apresentar suas andanças pelo mundo e demonstra atenção às amizades: “Neste blog gostaria de mostrar mais coisas sobre minha vida pessoal, coisas que acontecem nas viagens que acho legal, mas que quase nunca viram notícia para que a galera possa ver” (DOS SANTOS, 2011). Trata-se de um espaço sem uma gramática ideal: “não pretendo seguir regras ortográficas, vou apenas escrever as ideias que me vem na cabeça da maneira mais fácil de serem entendidas...aproveitando o fato de que quase não sei falar! uhahuahuu” (DOS SANTOS, 2011)¹²³.

Esse tom divertido perpassa as postagens realizadas por Ricardinho naquele espaço entre os dias 29 de janeiro de 2011 e 14 de agosto de 2012. Exemplo disso é o vídeo¹²⁴ anexado à postagem intitulada *First Time*¹²⁵ que trata de sua primeira viagem ao Taiti¹²⁶. Durante os quatro minutos, ele narra uma bateria e nela um caldo¹²⁷ no qual seu corpo chocou-se com os corais que

¹²³ Página de apresentação do Blog *Salt Water Crazy Dreams*.

¹²⁴ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Tb5fLkVNMBo>. Acesso em 27 de agosto de 2017.

¹²⁵ Postagem de 28 de dezembro de 2011.

¹²⁶ Maior ilha da Polinésia Francesa, circundada por recifes de coral.

¹²⁷ Ato de escorregar da prancha e girar submerso na água no movimento da onda.

compõem o fundo do mar naquele pico¹²⁸. Além dos sorrisos que escapam entre as descrições de Ricardinho, o produtor do vídeo ajuda a despertar um espírito brincalhão, quando edita a seguinte legenda ao momento narrado: “esta ‘bateria’ era apenas uma brincadeira”¹²⁹.

Com essa postagem descontraída, Ricardinho parece jogar força em sua melancólica postagem do dia anterior, intitulada *QS's Nightmare*¹³⁰. Nela, o surfista, problematizando outro documento audiovisual compartilha o pesadelo que se tornaram para ele as etapas do circuito classificatório para a elite do surfe mundial *Word Qualifying Series* (WQS)¹³¹: “Ai está, o motivo de tanta tristeza na maioria dos QS's... Marola, vento e muitas vezes com muita gente. Infelizmente isso não me completa! Heheheh. Mas na real, acho que não ‘completa ninguém!’” (DOS SANTOS, 2011).

O “infelizmente” que antecede “isso não me completa” coloca em jogo condições que frustram Ricardinho e diminuem seu desempenho em uma competição de surfe (o QS). Entretanto, ele explora também sentimentos que apontam para a singularidade de seguir surfando competitivamente: “adoro marola, mas às vezes preciso dar uma geralzinha na alma, por isso, amo onda perfeita... Sempre me deixa novo de espírito” (DOS SANTOS, 2011)¹³².

Como heterotopias, essas narrativas criam “outro espaço real tão perfeito, tão meticuloso, tão bem disposto” quanto o QS “é desordenado, mal posto e desarranjado” (FOUCAULT, 2013a, p. 28). Seguramente, o QS tinha uma grande utilidade para a carreira de Ricardinho, “mas existiam valores

¹²⁸ Neste caso trata-se do local da praia onde as ondas quebram. Ver mais em Bandeira (2014).

¹²⁹ (GARCIA, 2010, 4 minutos e 25 segundos).

¹³⁰ Postagem de 27 de dezembro de 2011.

¹³¹ Divisão de acesso iniciada em 1990, quando a Associação dos Surfistas Profissionais (hoje Liga mundial de Surf) dividiu o Circuito Mundial em duas divisões, onde além do WQS, temos o World Championship Tour (WCT), competição principal.

¹³² Postagem de 27 de dezembro de 2011.

imaginários que lhes eram agregados e, sem dúvidas, estes valores eram devidos ao prestígio próprio das heterotopias” (idem, p. 28).

Esse prestígio pode ser conectado às ondas perfeitas, que surgem também esboçadas na postagem intitulada *Trip dos sonhos*¹³³. Seu conteúdo localiza uma viagem para Fiji¹³⁴. Ricardinho diz que viajar para lá “não só simboliza pegar uma das melhores ondas do mundo”, mas significa também outro lugar, um “pedaço do céu”, uma heterotopia.

Ricardinho nos dispõe pistas de “heterotopias que são ligadas ao tempo, não ao modo da eternidade, mas ao modo da festa” (FOUCAULT, 2013a, p. 26), isto é, “não se trata de acumular o tempo, mas, ao contrário, de apagá-lo e volver à nudez e à inocência [...]” daquele espaço outro: “posso garantir que esses momentos em Fiji são mais fortes e fazem de fato pensar na vida” e isso não de maneira isolada, já que reparte e agradece “a oportunidade de dividir esses momentos com vários amigos” (DOS SANTOS, 2011).

Esse espaço heterotópico estende-se à postagem intitulada *Hawaiian Colors*¹³⁵. Nela, Ricardinho fala da sua sétima temporada no Havaí, lugar de onde escreve, como se pode depreender pelo tempo verbal do seguinte fragmento: “em poucos lugares me sinto tão bem... Ainda não passa pela minha cabeça deixar de vir pro Havaí. Esse universo já faz parte do meu mundo” (DOS SANTOS, 2011).

A essa narrativa soma-se outro princípio: “as heterotopias possuem sempre um sistema de abertura e de fechamento que as isola em relação ao espaço circundante” (FOUCAULT, 2013a, p.26). Detectamos tal isolamento quando Ricardinho se fecha aos campeonatos: “ao contrário de muitos, eu já

¹³³ Postagem de 9 de novembro de 2011.

¹³⁴ País cujo território é composto por 332 ilhas no Oceano Pacífico, na Oceania.

¹³⁵ Postagem de 7 de novembro de 2011.

venho buscando a tranquilidade e cada vez mais surfar pelo amor ao esporte. E o Havaí me alimenta com um sentimento sobre o surfe que não se encontra em qualquer lugar” (DOS SANTOS, 2011).

Esse fechamento ao surfe competitivo se abre meses depois em uma das ondas mais cobiçadas e temidas do Havaí, como podemos ver na postagem intitulada *QS Pipe*¹³⁶. Essa participação em uma etapa da elite do circuito mundial aponta para uma narrativa pouco convencional entre os surfistas profissionais: “Muito bom surfar pipe sem ninguém ao redor, realizei um sonho de criança. Foi apenas uma onda, porém suficiente para curar a alma” (DOS SANTOS, 2011)¹³⁷.

Ricardinho permite pensarmos uma competição de surfe na perspectiva da “brincadeira”, já que, ao fazer uso do “mundo perceptivo da criança” (BENJAMIN, 1994a, p. 250), quando descreve sua participação no *QS Pipe*, apresenta uma confrontação com os “traços da geração anterior” (p. 250). Nesse confronto, há um fechamento aos traços que tradicionalmente levam muitos surfistas ao Havaí e a respectiva abertura a um mundo da fantasia, dos seus sonhos de criança.

Abre-se, portanto, a possibilidade de pensar a dimensão do lúdico, da diversão dentro de uma competição de surfe frente às imposições competitivas. Ricardinho produz uma “dobra”¹³⁸ e faz coexistir os campeonatos como uma produção “para” os surfistas e, ao mesmo tempo, como uma produção singular “do” surfista, abrindo, respectivamente, um espaço à vida no sentido de tornar realizado o que, um dia, havia sido um sonho.

¹³⁶ Postagem de 2 de fevereiro de 2012.

¹³⁷ Postagem de 2 de fevereiro de 2012.

¹³⁸ No sentido em que fala Deleuze (1991, p. 13) que, diferentemente de uma “essência” remete-se “sobretudo a uma função operatória, a um traço. Este traço, “[...] curva e recurva as dobras, leva-as ao infinito, dobra sobre dobra, dobra conforme dobra”.

Outros espaços do surfar emergem do relato de sua participação em um grande campeonato como o *QS Pipe*, diagnóstico que ajuda a pensar na “grande cama dos pais”, exemplo de heterotopia produzida potencialmente pelas crianças já que é nela “que se descobre o oceano, pois nela se pode nadar entre as cobertas; depois, essa grande cama é também o céu, pois se pode saltar sobre as molas; é a floresta, pois pode nela esconder-se, é à noite, pois ali se pode virar fantasma entre os lençóis” (FOUCAULT, 2013a, p. 20).

No blog essa “grande cama”, encarada como um reservatório de imaginação, cede lugar a sua “prancha” ¹³⁹ já que é com ela que o surfista descobre o oceano e experimenta novas manobras. Depois, com essa prancha, também descobre o céu, pois pode dar aéreo¹⁴⁰, mas também os tubos¹⁴¹, pois pode neles se esconder por instantes e, em busca dessas ondas perfeitas, encontrar as viagens em que, enfim, pode navegar também com os amigos, tal como super-heróis:

¹³⁹ Postagem de 29 de janeiro de 2011.

¹⁴⁰ Postagem de 14 de março de 2011. São manobras em que o surfista após adquirir velocidade na parede da onda realiza um voo a partir de sua crista. Já no ar o corpo do surfista e sua prancha harmonizam-se numa acrobacia (que pode ser constituída por saltos, giros ou rotações), para depois voltar à onda.

¹⁴¹ Postagem de 29 de julho de 2011. Manobra ou ‘posição na onda’ em que o surfista sincroniza a velocidade em sua prancha com o tempo de quebra de ondas cilíndricas (tubulares) a fim de posicionar-se em seu interior sem deixar-se ser engolido pela onda. Um bom tubo é valorizado pela profundidade em que o surfista explora da onda em um jogo de aparecer e desaparecer imposto pelas sessões tubulares.



Imagem 1: Extraída da postagem intitulada “Super-heróis”¹⁴².

Seus corpos surgem demonstrando parte dessas “utopias localizadas”, opondo-se “a todos os outros, destinados, de certo modo, a apagá-los, neutralizá-los ou purificá-los” (FOUCAULT, 2013a, p. 20). Trata-se de um espaço singular frente à queda em corais, à pouca qualidade de onda e ao não saber falar. Ricardinho, quando afetado por uma ou outra situação limite, não deixa apagar, neutralizar ou purificar os outros espaços do surfar: suas fantasias são realizadas, registradas e compartilhadas.

Essa é uma política do brincar que transborda alegria, pelo simples fato de agir entre amigos, sobre ondas perfeitas em paraísos como Fiji, Taiti e Havaí, mas também a Guarda do Embaú, praia em que Ricardinho nasceu, cresceu e iniciou a surfar:

¹⁴² Postagem de 28 de abril de 2011.



Imagem 2: Extraída da postagem intitulada *Good Times*¹⁴³. Ricardinho em suas primeiras poses com uma prancha na Guarda do Embaú.



Imagem 3: Extraída da postagem intitulada *Good Times*. Ricardinho em seus primeiros *drops* nas ondas da Guarda do Embaú.

¹⁴³ Postagem de 23 de novembro de 2011.

As fotos surgem como “muletas”¹⁴⁴ às memórias de Ricardinho, disparadoras de um sentimento nostálgico e saudoso, principalmente quando observamos a tradução do título de sua postagem: “Bons tempos” e, também, seus próprios ditos introdutórios às fotos: “esse foi o início de tudo. Início de uma vida contente e cheia de momentos irados” (DOS SANTOS, 2011).

As fotos, simultaneamente à nostalgia presente nas lembranças de Ricardinho, surgem visibilizando um corpo que, quando criança, começou a produzir uma surpreendente reserva de imaginação. Esta, imagem(ação) do corpo, pode ser pensada como o barco de que nos fala Foucault (2013a) que “foi, para nossa civilização – pelo menos desde o século XVI – ao mesmo tempo, o maior instrumento econômico e nossa maior reserva de imaginação” (FOUCAULT, 2013a, p. 30).

Além disso, ajuda a lembrar que “civilizações sem barcos são como crianças cujos pais não tivessem uma grande cama na qual pudessem brincar; seus sonhos, então, se desvanecem, a espionagem substitui a aventura, e a truculência dos policiais, a beleza ensolarada dos corsários” (FOUCAULT, 2013a, p. 30). E possibilita destacar que foi um barco o símbolo eleito por Ricardinho em sua penúltima postagem, através da qual parece despedir-se do blog:

¹⁴⁴ Ecléia Bossi (2003) discorre que algumas fotografias têm o mérito de atuarem como “muletas de memórias”, constituindo-se como um suporte biográfico para as lembranças; fazem parte dos “objetos biográficos” (VIOLETTE MORIN, apud BOSSI, 2003).



Imagem 4: Extraída da postagem *The road never ends*¹⁴⁵.

O blog de Ricardinho mostra uma “rede” (FOUCAULT, 2012) que apresenta o que suas narrativas exibem de heterotópicas. Parte dessa trama foi demonstrada aqui através de fragmentos de onze postagens realizadas naquele sítio entre os anos 2011 e 2012.

Fragmentos sobre a morte de Ricardinho: um reflexo utópico

A vida, as aventuras e os sonhos iniciados quando criança na Guarda do Embaú – SC foram substituídos pela espionagem no fatídico 20 de janeiro de 2015. Um dia antes, Ricardinho foi alvo de disparos letais oriundos de uma arma de fogo naquela praia catarinense. A notícia de sua morte logo se difundiu em diferentes mídias.

O texto *A magia do sul - Paradise lost* (2015), por exemplo, apresenta duas importantes revistas nacionais especializadas em surfe (Fluir-Fevereiro/2015 e Hardcore-março/2015) que estamparam em sua capa homenagens ao surfista catarinense. Naquele texto o autor também propõe um

¹⁴⁵ Postagem de 13 de março de 2012.

desafio: “encontrar outro surfista que, aos 24 anos (fora os fenômenos Kelly Slater¹⁴⁶ e Gabriel Medina¹⁴⁷), tenha conquistado tantas capas de revista,” (ANDRAUS, 2015, s/p).

Uma série de conquistas é também destacada: “em *Teahupoo* ele venceu o *trials*¹⁴⁸ por dois anos seguidos, sendo o único campeão seguido do *Von Zipper Trials* e bicampeão”. Com isso, garantiu vaga no *Billabong Pro Teahupoo*, evento em que “no ano de 2012 ficou em quinto lugar [...] desclassificando surfistas como Kelly Slater e Taj Burrow¹⁴⁹, em sua trajetória. Ainda ficou com o Prêmio *Andy Irons*, pela performance mais arrojada no evento” (ANDRAUS, 2015, s/p).

Ricardinho, por seu desempenho no Taiti, “foi convidado para disputar o *Pipeline Masters* de 2012” e, já em 2013, “estava escalado como *wildcard* para o *Billabong Rio Pro*¹⁵⁰”. Nesse campeonato, após uma diminuição das ondas e a paralisação das disputas ele, “sabendo de um *swell*¹⁵¹ gigante no Taiti, marcou um voo para Papeete¹⁵². Surfou a onda na foto [abaixo] e ainda voltou para não dar W.O. no evento de seu patrocinador na Barra da Tijuca. Mas não negou o chamado de *Teahupoo*” (ANDRAUS, 2015, s/p).

¹⁴⁶ Americano que se destacou por seus onze títulos mundiais de surfe.

¹⁴⁷ Primeiro brasileiro a conquistar o campeonato mundial de surfe.

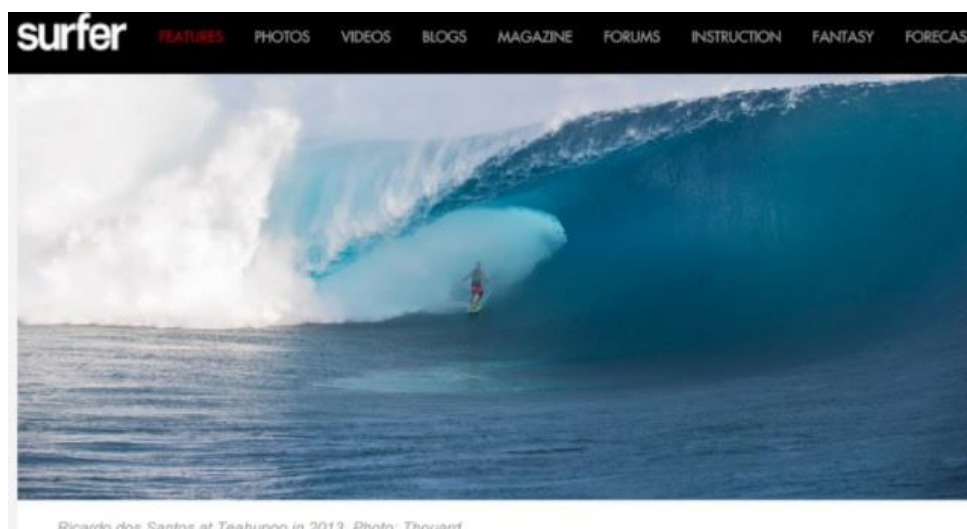
¹⁴⁸ São triagens que definem os surfistas curingas/convidados (*Wildcards*) para a etapa do WCT no pico Teahupoo/Taiti.

¹⁴⁹ Australiano que, em 1996, com 18 anos de idade, se tornou o competidor mais jovem a ganhar o WQS.

¹⁵⁰ Etapa brasileira do circuito mundial de surfe ocorrida em 2015, na Barra da Tijuca, Rio de Janeiro/RJ.

¹⁵¹ Ondulações.

¹⁵² Capital da Polinésia Francesa.



REPRODUÇÃO DO SITE DA SURFER MAGAZINE

Imagem 5: Extraída do Blog do Dragão no texto *A magia do sul/Paradise lost* (2015). Ricardinho surfando Teahuppo.

Embora a notoriedade conquistada em ondas grandes e tubulares, Ricardinho “chegou a trilhar o caminho mais ‘batido’ para os promissores profissionais do surfe, o WQS – e também não desapontava surfando os *beach breaks*¹⁵³ do planeta” (ANDRAUS, 2015, s/p). Esse destaque ao QS nos ajuda a lembrar do “pesadelo” que se tornou para Ricardinho surfar as etapas da divisão de acesso, tal como narrado na postagem *QS’s Nightmare* do dia 27 de dezembro de 2011, em seu blog.

Diferentemente das “heterotopias” ou, se quisermos, “utopias localizadas” diagnosticadas no blog *Salt Water Crazy Dreams*, a partir das dobras no pensamento de Ricardinho demonstrando a coexistência do lúdico e do competitivo, vemos as descrições de Andraus situarem-se na linha reta do discurso competitivo. O autor, por sua vez, detém-se em uma sistematização

¹⁵³ Picos cuja formação da onda provém das bancadas de área, diferentemente do Taiti, onde, como vimos anteriormente, as bancadas são de corais (Reef breaks).

que culmina nas “suas” produções, especificamente, “o scan de um texto que fiz em 2003 para a revista Hardcore” (ANDRAUS, 2015).

Interessa-nos destacar frente a isso o quanto suas interpretações partem de outras interpretações “suas” e se afastam das descrições do próprio Ricardinho quando se esforça a sistematizar em escrita temas tão sensíveis (por considerar que não sabia ‘falar direito’).

Guarda do Embaú – SC: entre práticas heterotópicas e utopias civilizatórias

No texto *A magia do Sul: Paradise lost* emerge uma mirada ao seu assassinato, especificamente, ao “contexto que fez com que esta coisa absurda acontecesse, em um dos lugares mais paradisíacos, talvez no Estado mais ‘civilizado’ de nossa costa” (ANDRAUS, 2015, s/p). Introduz-se uma interpretação que desloca para uma divisão territorial (Estado de Santa Catarina) as inquietações heterotópicas levantadas por Ricardinho: aquele “pedaço do céu”.

Nesse deslocamento aciona-se um sentido antigo de civilidade que o conecta com os “deveres da cidadania” (SENNETT, 2002, p. 323). Entretanto, ao recorrer à própria escritura de Ricardinho observa-se uma recuperação daquela noção, mais próxima, por exemplo, da “atividade que protege as pessoas umas das outras e ainda assim permite que elas tirem proveito da companhia uma das outras” (SENNETT, 2002, p. 323).

Isso aparece, por exemplo, quando Ricardinho questiona o comportamento daqueles que “ficam com seus carros de som a noite toda circulando ou parados no meio da praia, tocando uma música medíocre no

volume mais alto possível e deixando lixo por todos os lados” (DOS SANTOS, 2011)¹⁵⁴. A recuperação da noção de civilidade pode ser diagnosticada quando Ricardinho tenta proteger a comunidade da Guarda dos ruídos dos sons dos carros, que impedem o relacionar-se entre si, usufruindo de suas companhias.

As problematizações ao entendimento antigo de civilidade são pensadas também quando Ricardinho demanda uma função pública cara a um sistema de direitos: “Já a polícia não aparece durante essas badernas. A inutilidade pública não é capaz de dar as caras no meio de uma farra dessas” (DOS SANTOS, 2011)¹⁵⁵. Ao demandar a presença da polícia o surfista nos aproxima da própria racionalidade que, no começo do século XVII, fez emergir a ideia de que “um Estado será bem organizado a partir do momento em que um sistema de polícia tão estrito e eficaz quanto o que se aplica às cidades se estender a todo território” (FOUCAULT, 2012, p. 208).

Diagnosticamos nesse contexto uma brecha para as inúmeras interpretações que surgiram frente à morte de Ricardinho. O “público” surge possibilitando pensar uma função (da polícia) em um território regido por direitos e deveres e, ao mesmo tempo, aparece um ativo interesse pela vida pública e, com ele, parecem importantes para Ricardinho as possibilidades de atuar junto a uma coletividade em rede. Essa atuação não se faz de maneira personificada: “só para deixar bem claro, este não é um texto de um surfista profissional, mas sim de um cara que nasceu e cresceu em um lugar abençoado.” (DOS SANTOS, 2011).

¹⁵⁴ *Desabafo*: SOS Guarda do Embaú. Postada no dia 22 de novembro de 2011.

¹⁵⁵ *Desabafo*: SOS Guarda do Embaú. Postada no dia 22 de novembro de 2011.

Com seu blog, Ricardinho adentra no “paradoxo da visibilidade e do isolamento”: “as pessoas são tanto mais sociáveis quanto mais tiverem entre elas barreiras tangíveis, assim como necessitam de locais específicos, em público, cujo propósito único seja reuni-las” (SENNETT, 2002, p. 29). Ou seja, o blog surge como esse local específico que reúne uma pluralidade de vozes: ao isolar sua condição de surfista profissional dá visibilidade à expressão de outros frequentadores de praias dos litorais brasileiros, inclusive outros sujeitos interessados em surfe¹⁵⁶.

Com esse isolamento de sua fala em relação à posição de surfista, Ricardinho mostra uma sensibilidade para a pluralidade das práticas de sociabilidade que compõe a beira da praia. Ele afasta-se, com esse isolamento, dos discursos que historicamente põem em xeque posturas dos próprios surfistas. Como, por exemplo, os discursos visibilizados pela extinta revista *Fluir*¹⁵⁷ que, na década de 90, chamavam a “atenção de atletas que adotavam posturas consideradas indesejáveis” (FORTES, 2012, p. 183) para a organização e profissionalização do surfe brasileiro.

Ricardinho protege os próprios surfistas, já que não necessita colocar em dúvida seu comportamento, assim como faz com o dos proprietários dos carros tunados. O problemático disso é que um dos interlocutores, com seu

¹⁵⁶ Referimo-nos aqui aos 53 comentários que sucederam a publicação do texto Desabafo: SOS Guarda do Embaú de Ricardinho no seu blog. Apresentaremos alguns fragmentos desses comentários na sessão final desse artigo.

¹⁵⁷ Sua extinção em 2016, depois de 32 anos de circulação, foi relacionada à entrada de empresas de telefonia, protetor solar etc., atualmente patrocinadoras dos surfistas profissionais e o respectivo desinteresse em divulgar suas marcas em uma mídia especializada em surfe, como acontecia quando os investimentos provinham da indústria de roupas de surfe (surf wear). Aqui, um achado interessante foi a ligação entre a revista *Fluir* e o portal *Waves*, um empreendimento 12 anos mais novo que a revista, que se tornou uma ramificação dela a partir de um dos seus empresários, que nos diz: “o site também sofreu um pouco o desgaste do anunciante de *surf wear*, mas no geral vai bem[...]”. Maiores informações em: <http://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2016/06/02/fluir-encerra-atividades-apos-32-anos.html>. Acesso em 16/01/2018.

discurso, vai justamente colocar em xeque a conduta de uma parcela da população de surfistas.

O legado de Ricardinho: um ruído em torno da sua luta

No texto *O Legado de Ricardo* (2015), publicado no portal Waves, identifica-se um deslocamento em direção à gestão pública:

Na última frase, está guardada a mais importante sugestão de Ricardinho. O surfista pede a união dos surfistas e de outras tribos em defesa da Guarda. Muitos ainda resistem a essa ideia, mas a única maneira de influenciar decisivamente políticas públicas de uma região é organizar-se em torno de entidades.

Na primeira e segunda frases do fragmento acima vemos sintonia com o discurso de Ricardinho mas, a partir da terceira e última frase, um descompasso pode ser diagnosticado, especialmente, quando recorremos ao “desabafo” originalmente publicado em seu blog e vemos uma luta voltada às redes sociais, distinta do unitarismo voltado à “organização” em entidades: “Compartilhe esse texto (ou link) com todos seus amigos e parentes. E vamos juntos lutar por uma Guarda melhor” (DOS SANTOS, 2011).

A luta via redes sociais foi, aos poucos, instrumentalizada por uma vontade de unidade. Esse unitarismo pode ser diagnosticado também nas proposições que sucedem o tema denominado “fenômeno do localismo”:

Isso deveria ser a chave para uma virada no fenômeno do localismo.
Em vez do comportamento primitivo, boçal e violento em torno da lógica indefensável dos “donos da onda”, é hora de o local ampliar seu olhar, perceber as sutilezas e fragilidades de seu ambiente, defender (ai, sim, verdadeiramente) o pico, lutar para preservar os paraísos descobertos por surfistas do passado.
Em vez de carros riscados, agressões covardes e desrespeito, é hora de pensar em políticas públicas, em interferir na lei de uso do solo, em exigir de seu município um estudo que avalie o impacto do fluxo de turistas e, eventualmente, proponha uma regulação, em tomar parte de um plano diretor.

Fragmento 3: Extraído do texto *O legado de Ricardo* (2015, grifos nossos)

Nesse deslocamento, aparecem estratégias um pouco diferentes, mas complementares: a raridade dos ditos de Ricardinho. Diferentes quando nos apontam para uma regularidade administrativa que parte de uma norma (políticas públicas, plano diretor). Complementares quando potencializam a cumplicidade de Ricardinho para com os surfistas, já que ele não necessita rebaixar a conduta de parte da população do grupo ao qual pertence para dizer o que pensa.

O que está em jogo é a conduta daqueles que, a partir de um plano individual (o gosto musical pessoal e as formas de expressar esse gosto), invadem a rotina de um lugar historicamente acostumado com outros modos de viver. No entanto, a raridade do pensamento de Ricardinho vem do caráter ativo de que ele se utiliza para lutar. Entenda-se, aqui, caráter ativo enquanto atividade ligada às redes onde seus textos são difundidos.

Uma diminuição da potencia dessa ativação pode ser pensada nas próprias interpretações suscitadas nos textos *O Legado de Ricardo* (2015) e *Magia do Sul-Paradise lost* (2015). Trata-se dos direcionamentos em que intervêm opiniões particulares que encerram em uma racionalidade governamental – à organização em torno de entidades em prol de políticas públicas e a ênfase ao território “civilizado” de SC – aquilo que as narrativas de Ricardinho apresentam de heterotópicas.

O que nos faz pensar nas problematizações de Benjamin (1994b) ao modo serializado de produção e difusão da “informação”, que, segundo ele é copartícipe da extinção da disposição narrativa de “intercambiar experiências”

¹⁵⁸. Para ele “a razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações” [...] “quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação” (BENJAMIM, 1994b, p. 203).

Trata-se de uma forma de gerir a informação com base em uma “organização” constituída por políticas públicas, planos diretores, entidades representativas, território. Mas também – e antes de tudo – esse gerenciamento passa pelas escolhas que fizeram nossos interlocutores. Entre o *Desabafo de um local* (2011) publicado no portal *Waves* e o *Desabafo: SOS Guarda do Embaú* (2011) postado no blog, ambos os interlocutores optaram pelo texto do portal de notícias.

O interesse nesse diagnóstico aponta para a produtividade do blog em relação aos desdobramentos que logo apresentaremos, uma vez que, ao percorrermos o *Desabafo*, lá postado, vemos coexistir uma disposição narrativa ao intercâmbio de experiências afetivas sobre a Guarda do Embaú e a produção de informações. Uma disposição que, diferentemente de uma “vontade de organização”, nos mostra uma aspiração a “propagar-se” através de um jogo de troca de “informações mútuas” ¹⁵⁹.

Uma propagação de redes relacionais como produtividade das conversações geradas por Ricardinho

¹⁵⁸ Benjamim (1994b, p. 201) localiza o romance “como o primeiro indício da evolução que vai culminar com a morte da narrativa”, especificamente, a partir de sua difusão “com a invenção da imprensa”. Dessa forma, enquanto o romance “está essencialmente vinculado ao livro”, na narrativa “o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros”.

¹⁵⁹ Caracterizam o que Tarde (2005) chama de “conversação-troca” em diferenciação à “conversação-luta” caracterizada pelas “discussões”.

O pensamento sobre a propagação de opiniões em uma rede relacional ativada pelo discurso de Ricardinho provém das narrativas que sucederam o texto *Desabafo: SOS Guarda do Embaú* (2011): por exemplo, quando Olearo (2011) fala da Guarda constituída por diferentes personagens: “sou do tempo do Marcelo (Pera), do Robertão, Frank, Cabral, Billa com o Márcio, Nicolau, Salada de fruta da Soninha, dormia na Mariazinha/Albertinho, PF na Billa” (OLEARO, 2011).

Tora (2011) é outro narrador ativado pelo texto do blogueiro e inicia sua narrativa acionando os relatos anteriores: “Olearo e Ricardinho, cheguei aí em 1978 pela primeira vez. Pensei: cara aqui é o paraíso!”. Ao descrever sua rotina na Guarda ajuda a pensar posições relativas aos afazeres de personagens citados por Olearo: “acampava no terreno do Frank e seu cachorro Bruno. Seu Nicolau era o único restaurante hotel, mas ficava fora nos míseros trocados que levávamos. Várias foram as vezes que surfamos eu, Frank e mais dois camaradas naquelas esquerdas” (TORA, 2011).

Algumas memórias dos hábitos de higiene de Tora (2011) e seus amigos se misturam com a própria geografia do espaço, suas refeições e os arranjos em torno do surfar também surgem em seu relato, assim como a utilização de termos próprios da linguagem do surfe: “Rio da Madre limpo, cristalino. Banho? Só de rio. Rango? Só o PF do Nicolau. *Crowd*¹⁶⁰ nesta época? Dez cabeças no máximo no fim de semana, pois daí alguns de Floripa baixavam. Soa quase como ficção científica, não?” (TORA, 2011)¹⁶¹.

¹⁶⁰ Concentração excessiva de surfistas em um mesmo pico (lugar).

¹⁶¹ Os relatos revelam o que são as “*surftrips*”, peregrinação de surfistas brasileiros que (nos moldes de alguns estrangeiros) “começaram a partir em busca de ondas perfeitas, no exterior e no Brasil, o que acabou resultando, a partir dos anos 1970, na consolidação da popularidade de lugares como Saquarema e Florianópolis (DIAS, FORTES, MELO, 2012, p. 120).

Potencialmente, essas narrativas nos ajudam a pensar uma perspectiva afetiva acionada por Ricardinho. Um afeto acionado por narrativas às vezes melancólicas em desabafo, mas, que, simultaneamente a esse padecer, visibiliza um espaço que encerra informações recíprocas sobre a Guarda do Embaú.

Afetos que entre Ricardinho e a experiência daqueles que frequentavam os espaços da Guarda do Embaú encontram em Seu Nicolau (o avô que viu o surfista nascer, crescer e ser assassinado) um elo de conexões: “E aí Ricardinho! te conheço só de longe e te acompanho. Eu frequentei a sua casa até 1991. Quando passei por aí num destes WCTs dos anos 2000 e poucos, vi que aquela guarda do Seu Nicolau, do Seu Brulino e do Frank já era um outro lugar” (BUENO, 2011).

Considerando a pouca idade de Ricardinho quando morreu (24 anos) e o apogeu mítico nas narrativas dos frequentadores da Guarda do Embaú do final da década de 70 até o início da década de 90 observa-se, entre as narrativas que conectam o nome de Seu Nicolau, uma ligação narrativa de saberes sobre a Guarda do Embaú no pensamento de Ricardinho.

Mas há também uma possibilidade de pensarmos de outros modos o gerenciamento da “opinião”, como, por exemplo, quando Gabriel Tarde (2005, p. 95) a analisa a partir da “propagação de certo modo ondulatória, gradativamente assimiladora e civilizadora da imitação, da qual a conversação é um dos agentes mais maravilhosos”. O autor nos fala aqui de formas propagadoras de opinião que antecederam a organização da informação pela imprensa: as conversações.

Esses afetos apontam para formas de transmissão de saberes sobre a Guarda onde “o imperativo tem mais importância do que o indicativo”, visto que a “criança”, assim como Ricardinho “briga antes de discutir e, inclusive, de contestar; sente a oposição dos desejos de outrem antes de sentir a dos juízos de outrem. Só pode sentir a oposição desses desejos e, depois, dessas crenças após ter sofrido seu contágio” (TARDE, 2005, p. 88).

De forma mais geral, essa ideia nos devolve a questão dos altos volumes de som na beira da praia da Guarda não como um problema do Ricardinho e, sim, da população local, de quem Ricardinho, como aquele que lá nasceu e cresceu, é um “imitador” ¹⁶³ diferenciado, tendo em vista a fama que conquistou como surfista profissional.

Considerações finais

Ao problematizar os discursos do surfista Ricardo dos Santos (o Ricardinho), nosso estudo evidenciou que ele concebia o surfe como uma heterotopia, uma possibilidade de experiências outras. Essa perspectiva predominava, inclusive, no surfe competitivo, ou mesmo na dimensão zombeteira e lúdica que ele institui no seu discurso ao questionar o objetivo pelo qual muitos surfistas se deslocam para o Havaí.

Os discursos de Ricardinho, que continuam a reverberar após a sua morte, também potencializam a formação de uma rede discursiva que culminou na defesa de políticas públicas pautadas na preocupação com a preservação das formas de vida da Guarda do Embaú – SC, lugar em que ele nasceu,

¹⁶³ No sentido de “diferenciação” ou, como nos diz Monzelli (2016, p. 62) “imitar significa diferenciar-se, por mais que isso soe de maneira demasiado paradoxal. Sendo assim, o olhar tardiano em relação ao mundo social nos mostra cada vez mais o quanto produzir representa o mesmo que reproduzir. Logo, segundo o filósofo francês, tudo aquilo que se reproduz, se repete, mantém-se unido, multiplica-se e cresce [...]”.

creceu e foi assassinado. Paradoxalmente, quase como uma ironia, sobressai em seu discurso uma ideia da Guarda como uma heterotopia.

Com uma escrita alegre e questionadora, os discursos em rede de Ricardinho incitaram também as narrativas de outros surfistas que fizeram emergir a lembrança de um surfe “afetivo” referente à Guarda do Embaú – SC, no final da década de 70, evidenciando a existência de uma memória afetiva na historiografia do surfe profissional brasileiro.

Uma contribuição deste trabalho para essa tarefa de historiografar as memórias afetivas traz à luz a atenção à vida e aos saberes produzidos pela experiência nos espaços em que circulam os surfistas. Intuímos, com esses desdobramentos, que outras perspectivas e solos analíticos podem ser acionados, fortalecendo os “nós” afetivos dessa rede heterotópica aberta por Ricardinho.

REFERÊNCIAS

ALVES, V.Z. Melo V.A. Um novo barato: surfe e contracultura no Rio de Janeiro dos anos 1970. *Rev. Bras. Ciênc. Esporte*. v. 39, n.1, p.2-9, jan-mar. 2017. Disponível em <http://www.sciencedirect.com/journal/revista-brasileira-de-ciencias-do-esporte/vol/39/issue/1>. Acesso em 16/01/2018.

BANDEIRA, Marília Martins. Disputas territoriales, conflictos de identidad y la violencia en el surf. *Motriz: rev. educ. fis.* [online]. 2014, vol.20, n.1, pp.16-25. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198065742014000100016&lng=en&tlng=en. Acesso em 16/01/2018.

BENJAMIN, W. Brinquedo e brincadeira: Observações sobre uma obra monumental. In: _____. *Magia e técnica, arte e política. Obras escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1994a.

BENJAMIN, W. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. *Magia e técnica, arte e política. Obras escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1994b.

BOOTH, D. *História, cultura e surfe: explorando relações historiográficas*. Recorde, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 1-24, jan./jun. 2015.

BOSI, E. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

DELEUZE, G. *A dobra: Leibniz e o Barroco*. Campinas: Papirus, 1991.

_____. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DIAS, C. FORTES, R. MELO, V. A. Sobre as ondas: surfe, juventude e cultura no Rio de Janeiro dos anos 1960. *Estudos Históricos*, 2012.

FORTES, R. Juventude em revista: surfe e *Fluir*. In: BUARQUE DE HOLLANDA, B. MELO, V. (Orgs.). *O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 2. ed. São Paulo. Edições Loyola, 2012a.

_____. *Corpo utópico, as heterotopias*. São Paulo. N – 1 Edições, 2013a.

_____. Espaço, saber e poder. In: MOTTA, M. (Org.) *Ditos & escritos VIII*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012b.

_____. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H. RABINOW (Orgs.). Michel Foucault: uma trajetória filosófica. 2 ed., rev. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013b.

_____. Outros espaços. In: MOTTA, M. (Org.) *Ditos & escritos III*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

LARROSA, Jorge. Nota sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista brasileira de educação*, Rio de Janeiro, n.19, p. 20-28, jan./fev./mar./abr. 2002.

MELO, V. A. & FORTES, R. O surfe no cinema e a sociedade brasileira na transição dos anos 70/80. *Rev. bras. Educ. Fís. Esporte*, São Paulo, v.23, n.3, p.283-96, jul./set. 2009.

MONZELLI, A.G. Imitação e diferença em Gabriel Tarde. *Rev. Sem Aspas*, Araraquara, v.5, n.1, jan./jun. 2016.

SENNETT, R. *O declínio do homem público*: tiranias da intimidade. São Paulo: Schwarcz, 2002.

TARDE, G. *A opinião e as massas*. 2ªed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

Fontes Online

Ricardinho da Guarda. *Desabafo: SOS Guarda do Embaú*. Blog Salty Water Crazy Dreams, Guarda do Embaú, 22 nov. 2011. Disponível em <https://ricardodossantossurf.wordpress.com/2011/11/22/desabafo-s-o-s-guarda-do-embau/>. Acesso em 16/01/2018.

Ricardinho da Guarda. *O Desabafo de um local*. Portal de Notícias Waves, 22 nov. 2011. Disponível em

<http://waves.terra.com.br/surf/noticias/variedadesambiente/guarda-do-embau/o-desabafo-de-um-local>. Acesso em 16/01/2018.

Túlio Brandão. *O Legado de Ricardo*. Portal de Notícias Waves, São Paulo, 27 jan. 2015. Disponível em <http://waves.terra.com.br/waves/colunas/leitura-de-onda/o-legado-de-ricardo>. Acesso em 16/01/2018.

Reinaldo Andraus. *A magia do sul-Paradise lost*. 19 de fevereiro de 2015. Disponível em <http://surfdragonblog.blogspot.com.uy/2015/02/ricardinho-dos-santos-reflexoes-e.html>. Acesso em 16/01/2018.